

**EDUARDO NADALIN**

***AKTIONSART* E ASPECTO VERBAL:  
UMA ANÁLISE DESSA DISTINÇÃO NO POLONÊS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Foltran.

**CURITIBA**

**2005**



## P A R E C E R

Defesa de dissertação do mestrando EDUARDO NADALIN para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas MARIA JOSÉ GNATTA DALCUÇHE FOLTRAN, ANA PAULA SCHER e TERESA CRISTINA WACHOWICZ argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“AKTIONSART E ASPECTO VERBAL: UMA ANÁLISE DESSA DISTINÇÃO NO POLONÊS”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
MARIA JOSÉ G. D. FOLTRAN		A
ANA PAULA SCHER		A
TERESA CRISTINA WACHOWICZ		A

Curitiba, 05 de Setembro de 2005.

Prof. Fernando Cerisara Gil  
Coordenador

*Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Madalena Nadalin.*

## **AGRADECIMENTOS**

*A minha mãe,*

pelo apoio incondicional e pela herança lingüística que me legou.

*A todos os meus familiares,*

pela confiança que sempre depositaram em mim.

*A Leokadja Rendak e Władysław Tadeusz Miodunka,*

por terem me ensinado e incentivado tanto e pela constante disposição em ajudar.

*A Maria José Foltran,*

pela competente orientação, grande paciência e constante apoio.

*A Teresa Cristina Wachowicz e Luís Arthur Pagani,*

pelas inúmeras contribuições e pelo cuidado com que avaliaram este trabalho.

*A Sandra Lopes Monteiro,*

pelos sábios conselhos.

*A Anna Grochmal e Justyna Kita,*

pela amizade e pela disposição em servirem de informantes.

*A José Carlos Moreira e Miriam Dunin,*

pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

*A Regina Maria Przybycień,*

por dividir comigo a aventura que é aprender e ensinar polonês.

*A Lúcia Cherem,*

por me contagiar com seu entusiasmo e energia.

*A todos os meus amigos e colegas,*

por tudo.

*Kiedy wymawiam słowo Przyszłość,  
piewrsza sylaba odchodzi już do przeszłości.*

*Kiedy wymawiam słowo Cisza,  
niszczę ją.*

*Kiedy wymawiam słowo Nic,  
stwarzam coś, co nie mieści się w żadnym niebycie.*

Wisława Szymborska.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	<b>vi</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>vii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>viii</b>
<b>INTRODUÇÃO GERAL</b> .....	<b>1</b>
<b>1 O SISTEMA ASPECTO-TEMPORAL DO POLONÊS</b> .....	<b>7</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	7
1.2 UMA DESCRIÇÃO DO SISTEMA ASPECTO-TEMPORAL DO POLONÊS .....	9
1.2.1 Os pares aspectuais .....	13
1.2.2 A derivação verbal em polonês .....	28
1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	36
<b>2 A CLASSIFICAÇÃO ASPECTUAL</b> .....	<b>44</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	44
2.2 AS CLASSES ASPECTUAIS DE VENDLER .....	45
2.3 CLASSE ASPECTUAL E FORMA ASPECTUAL .....	50
2.4 ASPECTO GRAMATICAL E ASPECTO LEXICAL .....	52
2.5 <i>AKTIONSART</i> .....	55
2.5.1 <i>Aktionsart</i> e aspecto verbal nas línguas eslavas .....	57
2.6 PERFECTIVO E TÉLICO .....	64
2.6.1 A confusão entre perfectivo e télico .....	68
2.7 A ASPECTUALIDADE .....	73
2.8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	79
<b>3 <i>AKTIONSART</i> E ASPECTO VERBAL NO POLONÊS: UMA ANÁLISE</b> .....	<b>80</b>
3.1 INTRODUÇÃO .....	80
3.2 A ABORDAGEM DE VERKUYL (1999) .....	81

3.2.1 Algumas reflexões quanto à abordagem de Verkuyl (1999) .....	85
3.2.2 A questão da prefixação verbal em polonês .....	90
3.2.3 Argumentos em favor da distinção entre <i>Aktionsart</i> e aspecto verbal .....	92
3.3 A ABORDAGEM DE BERTINETTO (2001) .....	99
3.3.1 Aspecto verbal e acionalidade .....	100
3.3.2 Exemplos de interação entre acionalidade e aspecto verbal .....	105
3.3.3 A relação entre os valores [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ perfectivo] .....	113
3.3.4 Convergência entre acionalidade e aspecto verbal em polonês .....	115
3.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	121
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>129</b>

## LISTA DE QUADROS

### CAPÍTULO 1

QUADRO 1 – A distribuição das línguas eslavas .....	8
QUADRO 2 – Verbos imperfectivos e verbos perfectivos .....	11
QUADRO 3 – A conjugação dos verbos <i>pisać</i> e <i>napisać</i> .....	18
QUADRO 4 – Critérios para identificar verbos imperfectivos e perfectivos .....	25
QUADRO 5 – Derivação de verbos perfectivos sem alteração de significado .....	29
QUADRO 6 – Derivação de verbos perfectivos com alteração de significado .....	30
QUADRO 7 – Pares aspectuais <i>versus</i> simples derivação .....	31
QUADRO 8 – A cadeia derivativa do aspecto verbal em polonês .....	32
QUADRO 9 – Critério para identificar um par aspectual primário .....	35
QUADRO 10 – A estrutura do verbo eslavo (Filip, 1999) .....	36
QUADRO 11 – O prefixo <i>na-</i> com sentido cumulativo .....	41
QUADRO 12 – Verbos de origem latina com o prefixo <i>z-</i> .....	42

### CAPÍTULO 2

QUADRO 1 – As classes aspectuais de Vendler .....	46
QUADRO 2 – As propriedades das classes aspectuais de Vendler .....	48
QUADRO 3 – Algumas <i>Aktionsarten</i> (Cockiewicz, 1992) .....	58
QUADRO 4 – O aspecto verbal eslavo (Cockiewicz, 1992).....	60
QUADRO 5 – O aspecto verbal em polonês (Cockiewicz, 1992) .....	61
QUADRO 6 – Propriedades das classes aspectuais (Bertinetto, 2001) .....	66

### CAPÍTULO 3

QUADRO 1 – Pares aspectuais formados por radicais distintos .....	104
QUADRO 2 – Verbos imperfectivos formados pelo sufixo <i>-wa</i> .....	109
QUADRO 3 – Interação entre acionalidade e aspecto (Bertinetto, 2001).....	118

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da distinção entre *aspecto verbal* e *Aktionsart* no polonês, uma língua eslava cujo sistema aspectual se caracteriza pela oposição entre verbos perfectivos e imperfectivos. Essa característica do sistema aspectual do polonês levanta questões quanto à posição de autores como Rothstein, 2004 ou Filip, 1999, que entendem o *aspecto verbal* como uma categoria eminentemente gramatical, enquanto a *Aktionsart* é vista como uma categoria lexical. De fato, os domínios dessas duas categorias não estão definitivamente estabelecidos, pois enquanto Bertinetto, 2001 apresenta argumentos no sentido de considerar a existência autônoma dessas duas categorias, Verkuyl, 1999 julga que tal distinção não é necessária. Para o tratamento dessa questão no polonês, revelou-se mais adequada a proposta de Bertinetto, 2001, segundo a qual se deve considerar a existência independente do *aspecto verbal* e da *Aktionsart*, bem como a interação entre essas duas categorias, havendo a possibilidade de que elas venham a convergir numa língua como o polonês, dando origem a um sistema aspectual sincrético.

**PALAVRAS-CHAVE:** aspecto, *Aktionsart*, polonês, línguas eslavas.



## ABSTRACT

This work presents an analysis about the distinction between *aspect* and *Aktionsart* in Polish, a Slavic language whose aspectual system is based on the opposition between perfective and imperfective verbs. This feature of the Polish aspectual system raises questions concerning the position taken by authors like Rothstein, 2004 or Filip, 1999, who consider *aspect* as a pure grammatical category, while *Aktionsart* is seen as a lexical one. In fact, the domains of these two categories are not definitely established, since Bertinetto, 2001 presents arguments in favor of the autonomous existence of both of them, but Verkuyl, 1999 considers this distinction unnecessary. To deal with this problem in Polish, Bertinetto's proposition seems to be more adequate. This proposition consists in considering *aspect* and *Aktionsart* as independent categories, which interact and can eventually converge in a language like Polish, giving rise to a syncretic aspectual system.

**KEY-WORDS:** aspect, *Aktionsart*, Polish, Slavic languages.

## INTRODUÇÃO GERAL

Como professor e constante aprendiz de polonês, já há algum tempo têm me chamado a atenção as especificidades do sistema aspecto-temporal dessa língua eslava, sobretudo quando comparado ao de línguas de outras famílias, como aquele das línguas germânicas ou latinas, por exemplo. Realmente, é conhecido o fato de que as línguas eslavas parecem marcar o aspecto verbal de um modo bastante peculiar, o que pode ser ilustrado pela sentença (1) abaixo:

(1) *Jan **czytał** ten tekst, ale jeszcze nie **przeczytał** go.*

*João ler<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> este texto mas ainda não ler<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> o*

*João **leu** este texto, mas ainda não o **leu** (completamente).*

Como se pode ver em (1), o polonês apresenta um contraste entre *czytał* (ler) e *przeczytał* (leu completamente, do início ao fim), contraste esse que só se recupera em português por meio, por exemplo, do adjunto adverbial *completamente*, como revela a tradução de (1). Para complicar ainda mais esse quadro, *czytał* também pode, segundo o contexto, corresponder a uma construção com o progressivo em português, como mostra (2):

(2) *Jan **czytał** tekst, kiedy zadzwoniła do niego Kasia.*

*João ler<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> o texto, quando telefonou para ele Kasia.*

*João **estava lendo** o texto quando a Kasia lhe telefonou.*

Com o intuito de compreender melhor o que há por trás desses fenômenos, até para aperfeiçoar a minha prática enquanto professor de polonês, senti a necessidade de investigar mais a fundo a questão do aspecto verbal nessa língua, o que acabou se revelando mais difícil do que eu imaginava, uma vez que a própria definição do que seja o aspecto verbal parece não estar muito bem estabelecida.

Efetivamente, ao se investigar a categoria do aspecto verbal a partir da tradição polonesa e/ou eslava, deparamo-nos normalmente com a oposição entre verbos

perfectivos e imperfectivos, como ilustram as sentenças (1) e (2) acima. Por outro lado, a tradição ocidental, sobretudo anglo-saxônica, trata o aspecto verbal como uma categoria pela qual é possível tratar da diferença entre eventualidades como, por exemplo, *saber a verdade* e *construir uma casa*, estabelecendo entre elas a seguinte distinção: enquanto a eventualidade de *saber a verdade*, uma vez iniciada, tende a não sofrer alterações de nenhuma ordem, nem tampouco ser interrompida – razão pela qual soa estranho dizer algo como “*pare de saber a verdade imediatamente*” – uma eventualidade de *construir uma casa* pressupõe claramente a existência de um processo que se desenrola ao longo do tempo e que se orienta para um ponto final específico que, caso seja atingido, resultará na existência de uma casa construída por alguém.

O aspecto verbal aparece, então, ora associado à oposição tradicionalmente tratada entre os eslavos, aquela entre os verbos perfectivos e imperfectivos exemplificada nas sentenças (1) e (2) acima, ora referindo-se a propriedades semânticas que permitem classificar os verbos em estados, como *saber a verdade*, *accomplishments*, como *construir uma casa*, classificação esta oriunda do trabalho de Vendler (1957), que apresenta mais duas outras classes aspectuais: as atividades – como *nadar*, por exemplo – e os *achievements*, como é o caso de *chegar*. Diante dessa diferença de perspectiva, as definições do que seja o aspecto verbal variam de autor para autor, conforme a tradição na qual este esteja inserido. Essa variação pode ser ilustrada por algumas definições sobre o aspecto verbal encontradas na literatura sobre o assunto, como se vê abaixo:

Castilho (1968, p. 41)

*“O aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo.”*

Comrie (1976, p. 3)

*“As the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’.”*

Nagórko (1998, p. 88)

*“A relativa pobreza das distinções temporais em polonês é recompensada pelo **aspecto verbal** (em russo vid glagola, em tcheco vid), que consiste na distinção obrigatória nos tempos passado e futuro (conhecidos também como não-presente) das ações perfectivas e imperfectivas. Em gramáticas mais antigas, diferenciavam-se também os chamados **modos de ação**, em alemão Aktionsart, tratando de certas oposições de significado entre formas verbais, como, por exemplo: ‘ações unitárias’ : ‘ações múltiplas’ (**walnąć-** bater uma vez : **walić-** ficar batendo), ‘início da ação’ (**zaniepokoić się** – começar a se inquietar), ‘duração da ação por um espaço de tempo (relativamente curto)’ (**posiedzieć-** ficar sentado por algum tempo) etc. O que atualmente é chamado de **ASPECTO** refere-se unicamente à oposição ação perfectiva – imperfectiva.”*

Cockiewicz (1992, p. 54)

*“O Aspecto é uma categoria gramatical do verbo eslavo cuja função consiste em apresentar uma ação como **c o n c l u í d a** no passado ou no futuro, ou como **n ã o c o n c l u í d a**, ou seja, em processo, no passado, no presente ou no futuro.”*

Como se vê, autores eslavos como Nagórko e Cockiewicz definem o aspecto verbal relacionando-o estreitamente à oposição, característica das línguas eslavas, entre verbos perfectivos e imperfectivos. Por sua vez, Castilho entende o aspecto verbal como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento” – uma “visão objetiva” que, de certo modo, contrasta com a subjetividade presente na definição proposta por Comrie, que considera o aspecto como “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation”. Além disso, nas discussões sobre o aspecto verbal emerge ainda uma outra categoria, a *Aktionsart*, mencionada por Nagórko logo acima. Ocorre que também a *Aktionsart* é entendida de maneira diferente conforme o autor. Assim, Nagórko associa a *Aktionsart* a “certas oposições de significado entre formas verbais, como, por exemplo: ‘ações unitárias : ações múltiplas’ (**walnąć-** bater uma vez :

*walić- ficar batendo*)”; por sua vez, Rothstein (2004, p.1), considera que a *Aktionsart* “covers distinctions between properties of event-types denoted by verbal expressions, which linguists have tried to capture by classifying verbs into verb classes”. De fato, para esta autora a *Aktionsart* é justamente a categoria que permite classificar predicados em estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Diante disso, é possível considerar que Nagórko e Rothstein têm perspectivas diferentes quanto ao que seja a *Aktionsart*, ainda que ambas associem essa categoria ao domínio do léxico. Realmente, as duas categorias em questão parecem não ter seus domínios definitivamente estabelecidos, o que é, aliás, observado por Hoepelman (1978, p. 85) nos seguintes termos:

*“The problem is, that... a clear understanding of what Aktionsarten and Aspects are, is lacking. This makes it difficult to attack or defend the one or the other position, for one doesn't know what exactly one is attacking or defending. (...) I am going to advance the position that the Slavic Aspects are something which is lacking in English, German, Dutch, but Aktionsarten are something which is shared by Slavonic and Germanic languages”.*

É justamente em razão dessa aparente divergência de perspectiva sobre o que sejam o aspecto verbal e a *Aktionsart* que surge a idéia deste trabalho, cujo objetivo central, de certa maneira justificado pela observação de Hoepelman, pode ser enfim apresentado: **refletir quanto à distinção entre *Aktionsart* e Aspecto Verbal no polonês** – língua que apresenta um sistema aspectual bastante distinto daquele das línguas germânicas e latinas, sistema esse que, embora figure freqüentemente em trabalhos sobre o aspecto verbal devido a suas peculiaridades, em geral aparece apenas transversalmente, de maneira simplificada, o que eventualmente leva a generalizações um tanto quanto impróprias.

Obviamente, o objetivo central apresentado acima fará emergir, ao longo do trabalho, uma série de outras questões interessantes, que podem figurar aqui como objetivos subjacentes. De fato, a discussão sobre a distinção entre as duas categorias em questão, especificamente no polonês, poderá conduzir a uma reflexão quanto à

relevância dessa distinção em outras línguas também. Além disso, este trabalho também pretende apresentar uma reflexão sobre qual seria o “real” estatuto dos verbos perfectivos e imperfectivos em polonês, cujo contraste foi ilustrado em (1) e (2) acima. Em outras palavras, pretende-se aqui apresentar algumas considerações sobre como e em que medida estas duas classes de verbos efetivamente se relacionam com a categoria do aspecto verbal na língua em questão. Nesse sentido, este trabalho se apresenta como um estudo descritivo, mas ele tem um certo caráter teórico, na medida em que se propõe a analisar a distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart* no polonês, sugerindo, ainda que muito modestamente, a possibilidade de refletir sobre essa distinção em outras línguas também. Vale ainda observar que, no capítulo 1 deste trabalho, pretende-se apresentar uma descrição do sistema aspecto-temporal do polonês que possa eventualmente servir para pessoas que queiram aprender e/ou ensinar polonês, o que de certo modo justifica o “tom” mais didático desse capítulo.

Diante dos objetivos acima expostos, o primeiro capítulo deste trabalho trará uma descrição do sistema aspecto-temporal do polonês, fornecendo ao leitor um *background* mínimo para as discussões posteriores, que se basearão justamente em questões relativas ao domínio aspectual nessa língua. Essa descrição, como observado acima, é mais de caráter didático do que reflexivo (o que não significa que ela não tenha *nenhum* caráter reflexivo!). De fato, o que se pretende com ela é, primeiramente, levar o leitor a ter uma idéia relativamente ampla das questões por trás das duas classes de verbos de que dispõe o polonês, a dos verbos perfectivos e a dos imperfectivos, ilustrados por (1) e (2) acima. Em segundo lugar, essa descrição também tem o objetivo de mostrar como os poloneses entendem e analisam a problemática do aspecto verbal em *sua própria língua*. Na medida em que traz a análise dos poloneses, o primeiro capítulo deste trabalho tem também a intenção de estabelecer um diálogo entre as duas abordagens do aspecto verbal mencionadas acima (a eslava e a “ocidental”), o que talvez possa contribuir para uma compreensão mais ampla desse fenômeno lingüístico.

Assim sendo, para a elaboração do primeiro capítulo contribuíram, principalmente, os trabalhos de Cockiewicz (1992), Kaleta (1995), Cockiewicz & Matlak (1995), Nagórko (1998), Filip (1999) e Saloni (2001), não esquecendo,

obviamente, de minha própria experiência de falante de polonês. Aqui, aliás, cabe uma observação importante: embora domine essa língua com relativa fluência, as sentenças em polonês que figuram neste trabalho foram, ou retiradas de textos nessa língua, ou, quando cunhadas por mim, submetidas às impressões de pelo menos dois falantes nativos de polonês.

Uma vez descrito o sistema aspecto-temporal do polonês, no capítulo 2 será apresentado um panorama da classificação aspectual a partir da perspectiva de alguns autores, como Vendler (1957), Dowty (1979), Rothstein (2004), Filip (1999), Cockiewicz (1992), Bertinetto (2001) e Verkuyl (1999). O objetivo desse capítulo 2 é justamente o de mostrar como esses diferentes autores entendem as duas categorias-tema deste estudo: a *Aktionsart* e o aspecto verbal. A escolha dos autores em questão justifica-se, aqui, pelas seguintes razões: Vendler apresenta uma classificação aspectual que talvez seja a que mais tem influenciado os estudos aspectuais, pelo que a referência a seu trabalho torna-se indispensável; Dowty, Rothstein e Filip se mostram conscientes da necessidade de esclarecer qual o domínio de cada uma das categorias-tema deste estudo; Cockiewicz distingue as duas categorias, mas numa perspectiva distinta dos autores acima, uma vez que se insere numa tradição eslava; Bertinetto, por sua vez, trata explicitamente da confusão entre *Aktionsart* e aspecto verbal, bem como da necessidade de se distinguir as duas categorias, dialogando de certo modo com Verkuyl, que julga desnecessário estabelecer uma distinção entre a *Aktionsart* e o aspecto verbal.

Justamente, é a partir do diálogo entre esses dois últimos autores que se constitui o capítulo 3 deste trabalho, no qual se discutirá uma série de fenômenos relativos ao domínio aspecto-temporal, sobretudo em polonês, com base nas duas abordagens em questão, a de Verkuyl (1999) e a de Bertinetto (2001), com o que se espera atingir o objetivo central a que se propõe este trabalho: **apresentar uma reflexão quanto à distinção entre *Aktionsart* e Aspecto Verbal no polonês.**

# 1 O SISTEMA ASPECTO-TEMPORAL DO POLONÊS

## 1.1 INTRODUÇÃO

Este primeiro capítulo trará informações gerais sobre o polonês, com um amplo destaque para as particularidades do sistema aspecto-temporal dessa língua. Com isso, pretendo fornecer um *background* mínimo para a posterior discussão do capítulo 3. Posto isto, é importante ressaltar que, como essa descrição se pretende “didática”, os trabalhos consultados para elaborá-la são, essencialmente, gramáticas de polonês, como Kaleta (1995) e Nagórko (1998). Entre outras coisas, isso significa que certos termos, como “aspecto”, “perfectivo”, “imperfectivo”, serão, em alguns momentos, empregados da mesma forma que o são nas gramáticas do polonês, ou seja, de maneira um tanto quanto imprecisa. Posteriormente, no capítulo 2, esses conceitos todos serão tratados mais adequadamente. Além desses trabalhos, uma outra contribuição importante para este capítulo é sem dúvida Filip (1999), sobretudo o seu capítulo 4, em que a autora em questão apresenta uma descrição do sistema aspectual do tcheco, língua eslava bastante próxima do polonês. Finalmente, resta ainda observar que, na elaboração deste capítulo, recorri igualmente à minha experiência de falante, professor e constante aprendiz de polonês, bem como à idéia que faço das dificuldades que um falante de português teria para compreender um sistema verbal como o do polonês.

Quanto a essa língua, vale observar que se trata de uma língua pertencente à família das línguas eslavas, línguas essas faladas atualmente por cerca de 250.000.000<sup>1</sup> de pessoas, e que podem ser subdivididas em três grandes grupos, como mostra o quadro 1:

---

<sup>1</sup> DĄBROWSKA, A. **Język polski**. Wrocław: Wydawnictwo Dolnośląskie, 1999. p. 12.



Povos eslavos		Línguas eslavas	Referências geográficas
Eslavos Occidentais	Grupo Lechítico	<b>Polonês</b>	Varsóvia (Polônia)
		Cassúbio	Norte da Polônia (cercanias de Gdańsk)
	Grupo Tcheco-eslovaco	Tcheco	Praga (República Tcheca)
		Eslovaco	Bratislava (Eslováquia)
	Grupo Lusácio	Lusácio /Sorábio	Chociebuż (Cottbus) no Brandeburgo, Budziszyn (Bautzen), na Saxônia (Alemanha)
Eslavos Orientais	Ucranianos	Ucraniano	Kiev (Ucrânia)
	Bielo-russos	Bielo-russo	Minsk (Bielo-rússia)
	Russos	Russo	Moscou (Rússia)
Eslavos Meridionais	Grupo Esloveno e Servo-croata	Esloveno	Liubliana (Eslovênia)
		Sérvio	Belgrado (Sérvia)
		Croata	Zagreb (Croácia)
	Grupo Búlgaro e Macedônio	Búlgaro	Sofia (Bulgária)
	Macedônio	Skopje (Macedônia)	

*Quadro 1 – A distribuição das línguas eslavas.*

Das línguas eslavas, a mais falada é o russo, com cerca de 114.000.000 de falantes. Em segundo lugar vem o ucraniano, falado por aproximadamente 49.000.000 de pessoas. O polonês ocupa a terceira posição, sendo falado por cerca de 35.000.000 de pessoas, na Polônia, e por algumas centenas de milhares de pessoas no exterior, em países como os Estados Unidos, a Austrália e também o Brasil. Todas as línguas eslavas ocidentais, assim como o croata e o esloveno, usam o alfabeto latino ligeiramente modificado para dar conta das especificidades de seus sistemas fonológicos. Já o russo, o bielo-russo, o ucraniano, o sérvio, o búlgaro e o macedônio utilizam-se do alfabeto cirílico.

Independentemente das muitas diferenças entre si, as línguas eslavas compartilham uma série de características, como por exemplo, o fato de serem, em sua maioria, línguas altamente “flexivas”, isto é, são línguas que possuem marcação

morfológica de caso, ao contrário do português ou do inglês. Em polonês, por exemplo, há sete casos: *nominativo*, *acusativo*, *genitivo*, *dativo*, *instrumental*, *locativo* e *vocativo*. O *locativo* e o *instrumental* correspondem,  *grosso modo*, ao ablativo do latim. O *vocativo* ocorre sempre de forma isolada, sendo empregado, assim como em latim, quando se deseja chamar alguém. Embora largamente utilizado em polonês, a ocorrência do *vocativo* se limita a nomes, sobretudo próprios, jamais ocorrendo com adjetivos. O *nominativo* é o caso do sujeito da oração, e o *acusativo*, por sua vez, o caso do objeto direto, embora também possa ser regido por preposição. O *genitivo*, o *dativo* e o *instrumental* ocorrem como argumentos de todas as principais categorias; já o *locativo* está restrito a argumento preposicional.

Como o polonês dispõe de uma marcação morfológica de caso bastante desenvolvida, nessa língua não existem artigos, nem definidos, nem indefinidos, ainda que certos pronomes demonstrativos e indefinidos exerçam, ocasionalmente, função semelhante àquela dos artigos nas línguas em que tal categoria existe. Essa observação é importante, pois, como se verá mais adiante, a ausência de artigos em polonês parece ter relação com uma série de fenômenos relacionados à expressão do aspecto verbal nessa língua. Vale ainda lembrar que, embora a marcação morfológica de caso existente em polonês permita uma certa “flexibilidade” na ordem das palavras na sentença, de forma geral, pode-se dizer que o polonês é uma língua SVO, assim como o português.

## 1.2 UMA DESCRIÇÃO DO SISTEMA ASPECTO-TEMPORAL DO POLONÊS

Quanto ao seu sistema aspecto-temporal, o polonês, assim como as demais línguas eslavas, caracteriza-se por possuir o que se poderia chamar de duas classes distintas de verbos, sendo esse, talvez, o traço que mais singulariza as línguas eslavas dentro do grupo das línguas indo-européias. Como se verá adiante, essas duas classes de verbos podem ser identificadas a partir de certos contextos em que apenas verbos de uma classe ocorrem, sendo impossível o emprego de verbos da outra. Nesse sentido, pode-se dizer que essas duas classes verbais se opõem, constituindo essa oposição um eixo a partir do qual o sistema verbal das línguas eslavas se organiza. A existência

dessas duas classes de verbos tem sido constantemente observada e discutida, não só por eslavistas, mas por lingüistas em geral. Esse é o caso, por exemplo, de Filip (2000, p. 81), que diz:

*“... the majority of Slavic verb forms, finite and many non-finite, (i.e., imperative, infinitive and certain participial forms), are either perfective or imperfective. In contrast to English, in Slavic languages there are no surface uninflected verb forms that are neutral with respect to aspect, such as ‘write a letter’, and that would be semantically associated with eventuality pure and simple”.*

Semelhantemente, Bach (1986, p. 11), observa:

*“In English, the way of switching back and forth between count and mass, event and process typically involves no change in the forms involved. The difference is rather induced by the context. In other languages, overt morphological processes are available or obligatory, for example, in the perfective-imperfective contrasts in Slavic languages. This raises important questions of principle for the analysis of English”.*

Os autores citados, portanto, admitem a existência dessas duas classes de verbos nas línguas eslavas, reconhecendo, como é o caso de Bach, que compreender melhor esse fenômeno pode contribuir para a análise de outras línguas, como o inglês, por exemplo.

Uma vez observada essa “particularidade” das línguas eslavas, bem como reconhecida a sua importância para os estudos lingüísticos, vejamos o que são exatamente essas duas classes de verbos, a partir de informações do polonês, a língua que nos interessa aqui. Nessa língua, os verbos podem ser classificados conforme o quadro 2 abaixo:

<i>Niedokonane</i>	<i>Dokonane</i>
Verbos que fazem referência a eventualidades <sup>2</sup> consideradas como não- <i>perfectivas</i> , isto é, não realizadas em sua totalidade, não concluídas.	Verbos que fazem referência a eventualidades vistas como <i>perfectivas</i> , isto é, realizadas em sua totalidade, concluídas.
↓	↓
<b>VERBOS IMPERFECTIVOS</b>	<b>VERBOS PERFECTIVOS<sup>3</sup></b>

Quadro 2 – Verbos imperfectivos e verbos perfectivos.

A oposição entre essas duas classes de verbos pode ser grosseiramente explicada da seguinte forma: os *verbos imperfectivos* referem-se a eventualidades que são vistas como durativas, seja num tempo presente, passado ou futuro. Os *verbos perfectivos*, por sua vez, referem-se a eventualidades entendidas como totalmente concluídas, seja no passado ou num futuro considerado como certo, sem levar em conta a existência de suas “etapas” (começo, desenvolvimento e fim), ou seja, a eventualidade é tomada como uma coisa indivisível, atômica. Além disso, um verbo perfectivo muito freqüentemente pressupõe que a eventualidade por ele evocada resulta em alguma coisa, quer dizer, não se considera apenas que a eventualidade em

<sup>2</sup> A expressão *eventualidade* está sendo empregada aqui para se referir a qualquer processo verbal, independentemente de este denotar um estado, um evento.

<sup>3</sup> Aqui, eu traduzi *niedokonany/dokonany* por *imperfectivo/perfectivo* por serem esses os termos usados na literatura sobre o aspecto verbal nas línguas eslavas. Contudo, é importante frisar que, em polonês, os termos usados são *niedokonany/dokonany* (não-concluído/concluído). Portanto, ao utilizar os termos *imperfectivo/perfectivo*, estou me referindo, por enquanto, às duas classes de verbos do polonês, e não necessariamente aos valores aspectuais que possam ser associados a esses termos, ainda que alguns autores, como é o caso de Bertinetto (2001), admitam que essa terminologia se justifica em certa medida em função das características do sistema aspecto-temporal das línguas eslavas.

questão foi concluída, mas também que alguma coisa decorre desse fato. Embora o emprego de certas expressões lingüísticas, como advérbios, por exemplo, condicione o uso dessas duas classes de verbos, a opção por uma ou outra classe é em certa medida subjetiva, pois depende de como se “olha” para uma dada eventualidade. Nesse sentido, pode-se pensar que a escolha por um verbo perfectivo e/ou imperfectivo tem, pelo menos até certo ponto, um condicionamento textual ou, em outras palavras, é discursiva.

Filip (1999) tenta definir os verbos perfectivos do tcheco atribuindo a eles a capacidade de acarretar às eventualidades por eles denotadas a idéia de que essas eventualidades percorreram todo o seu “curso natural”, constituindo um “todo indivisível”, do qual é possível identificar os “limites”, já que se um dado estado de coisas é representado por um predicado verbal em sua totalidade, deve haver limites impostos à extensão (temporal ou espacial) desse estado de coisas. Em outras palavras, os verbos perfectivos referem-se a eventualidades concluídas (esgotadas) e delimitadas espacial ou temporalmente.

Ao contrário, se os limites (inicial e/ou final) de uma eventualidade qualquer não puderem ser observados, se o que se visa não é a conclusão dessa eventualidade, mas sim o seu desenrolar, a sua duração, então a eventualidade em questão será denotada por um verbo imperfectivo. Os verbos imperfectivos também são usados quando o fato de a eventualidade completar-se ou não, durar ou não é irrelevante. Filip (1999, p. 187) refere-se a esse uso de verbos imperfectivos como “simplesmente denotativo”, citando Comrie<sup>4</sup> para esclarecer o que quer dizer com isso: “*the speaker is simply interested in expressing the bare fact that such and such an event did take place, without any further implication of progressive or habitual meaning; sentence-stress falls on the verb*”.

(1) abaixo traz um exemplo de verbo imperfectivo com função “simplesmente denotativa”:

---

<sup>4</sup> COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Textbooks in linguistics, p. 113, 1976.

(1) *Co robił wczoraj? – Naprawiał samochód.*

*O que fazer*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> *ontem* – *consertar*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> *carro.*

*O que (ele) fez ontem? – Consertou o carro.*

Essa função “simplesmente denotativa” dos verbos imperfectivos tem levado muitos pesquisadores a considerar que esses verbos são a contraparte não-marcada de um par imperfectivo/perfectivo, visão essa bem estabelecida entre os eslavistas e observada já por Jakobson (1936, p. 71). Essa visão parece se sustentar se consideramos que verbos imperfectivos podem aparecer em contextos reservados, em princípio, a verbos perfectivos, como a referência a um estado de coisas entendido como um “todo indivisível”, enquanto que verbos perfectivos jamais podem substituir os imperfectivos na denotação de eventualidade durativas, contínuas ou “simplesmente denotativas” (Forsyth, 1970, p. 350).

### 1.2.1 Os Pares Aspectuais

Verbos imperfectivos e verbos perfectivos formam pares, denominados por alguns autores, como é o caso Kaleta (1995), de *pares aspectuais*<sup>5</sup>. Entre muitas outras coisas, isso quer dizer que, ao se consultar um dicionário português-polonês é comum encontrar, para um determinado verbo em português, pelo menos dois verbos correspondentes em polonês. Por exemplo, o verbo português *escrever* corresponde, em polonês, a pelo menos dois verbos *pisać* e *napisać*, sendo o primeiro imperfectivo e o segundo perfectivo.

Mas como se sabe se um verbo pertence a uma ou a outra classe? Ao contrário do que se depreende de muitos textos que tratam do aspecto verbal nas línguas eslavas, não é necessariamente a presença do prefixo *na-* que indica ser o verbo *napisać* a

---

<sup>5</sup> “Par Aspectual” está sendo usado aqui como equivalente ao polonês *para aspektowa*. Por hora, não estou considerando em que medida esses pares se relacionam à categoria do aspecto verbal. Esse esclarecimento será feito posteriormente.

contraparte perfectiva de *pisać*. Na realidade, para saber se um verbo é perfectivo ou imperfectivo, é preciso entender um pouco sobre como essas duas classes de verbos atuam dentro do sistema verbal da língua, observando, entre outras coisas, sua relação com a categoria do tempo verbal.

Quanto a essa categoria, pode-se dizer que ela permite fazer referência a eventualidades que ocorreram antes do momento de fala, que são concomitantes ao momento de fala, ou ainda, que ocorrerão após o momento de fala. Simplificando bastante as coisas, esses três momentos correspondem, na língua polonesa, a três tempos verbais: *o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro*<sup>6</sup>. No caso do polonês, no tempo passado podem ser conjugados tanto verbos perfectivos quanto imperfectivos. Da mesma forma, é possível se conjugar tanto verbos perfectivos quanto imperfectivos no tempo presente. Aqui, porém, as coisas se complicam um pouco, pois, quando um verbo perfectivo é conjugado no tempo presente, isto é, com desinências de presente, ele necessariamente se refere a um momento futuro, quer dizer, ele expressa a idéia de que a eventualidade em questão ocorrerá após o momento de fala. Isso pode ser observado em (2) abaixo:

- (2) *Jutro koniecznie napiszę list do dyrektora instytutu.*  
*amanhã sem falta escrever<sub>perfec.pres.1pes.sing.</sub> carta a diretor instituto.*  
*Amanhã sem falta vou escrever a carta para o diretor do instituto.*

---

<sup>6</sup> Na realidade, o sistema temporal do polonês se articula em torno da oposição entre um tempo passado *versus* um tempo não-passado. Assim, os verbos perfectivos e imperfectivos no passado permitem estabelecer um contraste equivalente àquele expresso pelo pretérito perfeito e imperfeito do português. Já no tempo não-passado, os verbos imperfectivos fazem referência a eventualidades concomitantes ao momento de fala, enquanto os verbos perfectivos referem-se a eventualidades que ocorrerão após o momento de fala. De qualquer forma, dado o caráter didático da descrição apresentada neste capítulo, optou-se por trabalhar com as noções tradicionais de passado, presente e futuro.

Como se vê em (2), em polonês é possível se referir a um tempo futuro conjugando verbos perfectivos com desinências de presente. Esse “tempo futuro”, porém, é bastante específico, pois engloba também uma idéia de certeza, de proximidade no tempo, de atomicidade e, eventualmente, de resultatividade; ou seja, um verbo perfectivo conjugado com desinências de presente refere-se a um futuro certo, próximo ou imediato, visto como realizado de uma única vez e, via de regra, produzindo um resultado. Por necessidade de dar nome às coisas, chamemos esse futuro de “futuro perfectivo”.

Além do “futuro perfectivo” ilustrado por (2), os falantes de polonês dispõem, ainda, de uma outra construção, exclusiva dos verbos imperfectivos, que também permite referir-se a uma eventualidade como tendo lugar após o momento de fala. Essa construção, que pode ser denominada aqui de “futuro genérico”, permite expressar noções de duração e, em contextos apropriados, também iteração. Esse “futuro genérico” é formado pelo verbo *być* (ser/estar) mais o infinitivo ou particípio passado do verbo principal, *que necessariamente deve ser imperfectivo*. Nesse sentido, pode-se dizer que o “futuro genérico” é um tempo composto, ao contrário do “futuro perfectivo”, que é um tempo simples. (3) e (4) abaixo trazem exemplos desse “futuro genérico”.

(3) *Będe pisać do ciebie.*

*ser<sub>imperfect.fut.1pes.sing.</sub> escrever<sub>imperfec.inf.</sub> para você*

*Vou escrever para você.*

(4) *Będe pisać do ciebie codziennie.*

*ser<sub>imperfect.fut.1pes.sing.</sub> escrever<sub>imperfec.inf.</sub> para você diariamente.*

*Vou escrever para você diariamente.*

(3) faz referência a uma eventualidade de *escrever* que terá lugar no futuro, mas sem nenhuma especificação sobre o que será escrito, ou quando exatamente isso ocorrerá, o que justificaria a denominação de “futuro genérico” cunhada acima. Além disso, (3) permite considerar que a eventualidade de *escrever* poderá ocorrer mais de uma vez, o



que é reforçado por *codziennie* (diariamente) em (4), que informa que diversas eventualidades de *escrever* terão lugar, possibilitando assim uma interpretação iterativa. Essa interpretação iterativa, obviamente, está associada à presença do advérbio em questão, mas é importante observar, também, que esse advérbio bloqueia a contraparte perfectiva de *pisać*, como mostra (5):

(5) \**Napiszę do ciebie codziennie.*

*escrever*<sub>perfec.pres.1pes.sing.</sub> *para você diariamente*

\**Vou escrever*<sub>perfec.</sub> *para você todos os dias.*

Diante do exposto, pode-se considerar que tanto verbos perfectivos quanto imperfectivos permitem, a partir de construções específicas e com resultados diferentes, fazer referência a eventualidades que terão lugar após o momento de fala, dando origem ao que foi aqui chamado de “futuro perfectivo”, exclusivo dos verbos perfectivos, e de “futuro genérico”, reservado aos verbos imperfectivos. Ora, esse é, justamente, um dos critérios que permitem identificar se um verbo é perfectivo ou imperfectivo em polonês, pois somente verbos perfectivos com desinências de presente formam o “futuro perfectivo”, ao passo que verbos imperfectivos com as mesmas desinências se referem a eventualidades concomitantes ao momento de fala. Isso pode ser observado em (6a) e (6b) abaixo:

(6a) *Teraz **napiszę** list do dyrektora instytutu.*

*agora escrever*<sub>perfec.pres.1pes.sing.</sub> *carta a diretor instituto.*

*Agora vou escrever a carta para o diretor do instituto.*

(6b) *Teraz **piszę** list do dyrektora instytutu.*

*agora escrever*<sub>imperfec.pres.1pes.sing.</sub> *carta a diretor instituto.*

*Agora estou escrevendo a carta para o diretor do instituto.*

Por outro lado, somente verbos imperfectivos podem ser combinados com o verbo *być* (ser/estar) para formar o que chamei aqui de “futuro genérico”. De fato, (7) é agramatical em polonês:

(7) \**Będe napisać do ciebie.*

*ser*<sub>imperfect.fut.1pes.sing.</sub> *escrever*<sub>perfec.inf.</sub> *para você*

*Vou escrever*<sub>perfec.</sub> *para você.*

Para resumir o que foi dito até aqui, considere-se o quadro 3 abaixo, que traz conjugados os verbos *pisać* e sua contraparte perfectiva *napisać* com seus equivalentes em português. Os dois verbos em questão estão conjugados nos tempos verbais (*tenses*) de que dispõe a língua polonesa: *o passado*, *o presente*, *o futuro simples* e *o futuro composto*. Além desses tempos verbais, há dois outros que não serão aqui considerados: *o condicional*, derivado do tempo passado, e um *tempo passado composto*, de rara ocorrência em polonês e restrito à língua escrita, substituído na língua falada pelo passado dos verbos perfectivos. É importante salientar, ainda, que o tempo presente nesse quadro ilustrativo é entendido como necessariamente concomitante ao momento de fala ou, nos termos de Filip (1999, p. 185), esse tempo verbal se caracteriza por ter sempre um “*on-going or progressive use*”. Aqui, então, um verbo no presente evoca uma eventualidade que está “em curso” no momento de fala.

<b>Verbo imperfectivo <i>pisać</i> + desinências gênero- número-pessoais de passado</b>	<b>Verbo imperfectivo <i>pisać</i> + desinências número- pessoais de presente</b>	<b>Futuro de <i>być</i> (ser/estar) + infinitivo do verbo imperfectivo <i>pisać</i></b>
<i>pisat<u>e</u>m</i> <sup>7</sup> – escrevia <i>pisat<u>e</u>s</i> – escrevias <i>pisat</i> – escrevia <i>pisali<u>s</u>my</i> – escrevíamos <i>pisali<u>s</u>cie</i> – escrevéis <i>pisali</i> – escreviam	<i>pisz<u>e</u></i> <sup>8</sup> – escrevo <i>pisz<u>e</u>sz</i> – escreves <i>pisz<u>e</u></i> – escreve <i>pisz<u>e</u>my</i> – escrevemos <i>pisz<u>e</u>cie</i> – escreveis <i>pisz<u>a</u></i> – escrevem	<i>będę pisać</i> – escreverei <i>będiesz pisać</i> – escreverás <i>będzie pisać</i> – escreverá <i>będziemy pisać</i> – escreveremos <i>będziecie pisać</i> – escreveréis <i>będą pisać</i> – escreverão
<b>Verbo perfectivo <i>napisać</i> + desinências gênero-número- pessoais de passado</b>	<b>Verbo perfectivo <i>napisać</i> + desinências número-pessoais de presente</b>	<b>*Futuro de <i>być</i> (ser/estar) + infinitivo do verbo perfectivo <i>napisać</i></b>
<i>napisat<u>e</u>m</i> – escrevi <i>napisat<u>e</u>s</i> – escreveste <i>napisat</i> – escreveu <i>napisali<u>s</u>my</i> – escrevemos <i>napisali<u>s</u>cie</i> – escrevestes <i>napisali</i> – escreveram	<i>napisz<u>e</u></i> – escreverei <i>napisz<u>e</u>sz</i> – escreverás <i>napisz<u>e</u></i> – escreverá <i>napisz<u>e</u>my</i> – escreveremos <i>napisz<u>e</u>cie</i> – escreveréis <i>napisz<u>a</u></i> – escreverão	Não ocorre

Quadro 3 – Quadro ilustrativo com a conjugação dos verbos *pisać* e *napisać*.

<sup>7</sup> *Pisatem* equivale ao pretérito imperfeito *eu escrevia* ou ao progressivo *eu estava escrevendo*. O mesmo vale, obviamente, para as outras pessoas. Observe-se ainda que, no passado, o polonês marca o gênero gramatical do sujeito. No quadro acima constam as formas do gênero masculino, há as do gênero feminino: *pisatam*, *pisatas*, *pisata*, *pisatały*, *pisatały*, *pisatały*; e as do gênero neutro, restritas à terceira pessoa: *pisato*, *pisato*.

<sup>8</sup> *Pisze* (e demais pessoas) equivale mais frequentemente ao progressivo *eu estou escrevendo*. Para uma leitura habitual, equivalente a *eu (sempre) escrevo*, pode-se empregar *pisze* e advérbios que marquem a leitura habitual ou, mais raramente, o presente do verbo imperfectivo *piszyc*, um verbo específico para a leitura habitual.

No quadro 3, percebe-se que, enquanto o verbo imperfectivo *pisać* aparece conjugado no passado, no presente e no futuro composto com o auxiliar *być* (ser/estar), o verbo *napisać* apresenta-se conjugado apenas no passado e no presente, não ocorrendo com o auxiliar *być*. Por outro lado, o verbo perfectivo *napisać*, ao receber *desinências* de presente, passa *necessariamente* a se referir a um momento posterior ao momento de fala, – como mostram (2) e (6a) acima – dando origem ao que chamei anteriormente de “futuro perfectivo”, pelo que se pode argumentar que o presente dos verbos perfectivos, embora exista em termos formais, não pode fazer referência a eventualidades concomitantes ao momento de fala. É exatamente essa a idéia que tenta expressar o quadro 3.

Isso se justifica nos trabalhos poloneses consultados nos seguintes termos: como eventualidades expressas por verbos perfectivos são consideradas em sua totalidade, englobando todas as fases do processo (início, desenrolar e conclusão), elas são considerados pontuais, atômicas. O tempo presente, por outro lado, é entendido como sendo sempre concomitante ao momento de fala e, conseqüentemente, inconcluso. Em outras palavras, não é possível se referir a uma eventualidade como sendo, ao mesmo tempo, concomitante ao momento de fala, e portanto inconclusa, e concluída, atômica, englobando numa unidade todas as suas fases. Justamente por essa razão, apenas verbos imperfectivos, que são lineares e durativos por definição podem, ao receberem *desinências* de presente, denotar eventualidades que estejam se desenrolando no momento de fala. Aos verbos perfectivos resta, portanto, referir-se a um momento posterior ao momento de fala, formando o que aqui chamei de “futuro perfectivo”.

Essa é, provavelmente, a explicação para o fato de as gramáticas polonesas em geral apresentarem esse tempo verbal como *Futuro Simples* (*Czas Przyszły Prosty*), por oposição ao *Futuro Composto* (*Czas Przyszły Złożony*), o único possível para os verbos imperfectivos. Efetivamente, como o quadro 3 ilustra, o verbo *napisać* não possui o futuro composto – a construção *\*będę napisać* é absolutamente agramatical em polonês, embora *będę pisać* seja perfeitamente possível, como se viu no contraste entre (3), (4) e (7) acima – Isso é importante, pois significa que, em polonês, há restrições em termos de ocorrência de tempo verbal para todo um grupo de verbos da

língua, os verbos perfectivos. Estes jamais se referem a eventualidades que estejam transcorrendo no momento de fala, nem podem formar o futuro composto. Em Filip (1999, p. 185) esse fato é tratado nos seguintes termos:

*“If we assume that perfective verb forms denote events in their entirety and given that what evolves at the moment of speech is necessarily on-going, rather than viewed as a single whole, a perfective non-past tense form cannot refer to the moment of speech. Hence, perfective non-past forms have future time reference.”*

Eis aí então os primeiros critérios para se determinar se um verbo é imperfectivo ou perfectivo em polonês. Recapitulando: se um dado verbo, ao ser conjugado com desinências de presente, faz referência a uma eventualidade concomitante ao momento de fala, trata-se de um *verbo imperfectivo*; se, por outro lado, ao ser conjugado com as mesmas desinências de presente, um verbo refere-se a um tempo posterior ao momento de fala, então estamos diante de um *verbo perfectivo*. Semelhantemente, se um verbo qualquer puder ser conjugado no futuro composto (com o auxiliar *być* – *będe pisać*), este é um *verbo imperfectivo*; já aqueles que não apresentam o futuro composto são os *verbos perfectivos* (*\*będe napisac*).

Além desses critérios para determinar se um verbo é perfectivo ou imperfectivo, existe um outro relacionado às “fases” de uma eventualidade. É interessante observar que, em polonês, é impossível empregar aspectualizadores como *zaczac* (começar a) ou *skończyć* (terminar de) seguidos de *verbos perfectivos*. Isso se deve ao fato de “começar a” e “terminar de” se referirem justamente às fases, inicial e final, de uma eventualidade. Essas fases, na realidade, só podem ser consideradas no caso dos verbos imperfectivos, pois os perfectivos sempre se referem a eventualidades entendidas como atômicas ou, nos termos de Filip, como um “todo indivisível”. Assim, é perfeitamente possível proferir (8a) em polonês, embora (8b) seja absolutamente agramatical:

(8a) *Piotr zaczął pisać list zaraz po zbudzeniu.*

*Piotr começar<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> escrever<sub>imperfec.inf.</sub> carta logo após despertar*

*Pedro começou a escrever a carta logo após (o) despertar.*

(8b) *\*Piotr zaczął napisać list zaraz po zbudzeniu.*

*Piotr começar<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> escrever<sub>perfec.inf.</sub> carta logo após despertar*

*Pedro começou a escrever<sub>perfec.</sub> a carta logo após (o) despertar.*

Restrições ao emprego de uma ou outra classe de verbos do polonês se verificam também quando a sentença traz advérbios (ou adjuntos adverbiais), pois, dependendo da natureza desses, o uso de um ou outro verbo do par aspectual é “bloqueado”. Vejamos como isso se dá a partir dos exemplos abaixo:

(9a) *Zawsze czytali Kurier Warszawski.*

*Sempre ler<sub>imperfec.pas.3pes.masc.pl</sub> o “Correio de Varsóvia”.*

*(eles) Sempre liam/leram o “Correio de Varsóvia”.*

(9b) *Wielokrotnie wracał do domu taksówką.*

*Muitas vezes voltar<sub>imperfec.pas.3pes.masc.sing.</sub> para casa de táxi.*

*Muitas vezes ele voltava/voltou para casa de táxi.*

A primeira coisa a se observar com relação a (9a), (9b) é que, se essas sentenças forem tomadas fora de contexto, como é o caso aqui, o verbo polonês *czytali*<sup>9</sup> pode ser traduzido tanto por *liam* quanto por *leram*; o mesmo vale para o verbo *wracał*<sup>l</sup>, que pode equivaler a *voltava* ou a *voltou*, conforme o contexto. Note-se que, em português, a presença de advérbios como *sempre* ou *muitas vezes* não impede necessariamente o uso do pretérito perfeito. Já em polonês, a presença de *zawsze* (sempre) e *wielokrotnie* (muitas vezes) bloqueia a ocorrência das contrapartes perfectivas de *czytali*<sup>l</sup> e *wracał*<sup>l</sup>,

---

<sup>9</sup> Os índices I e P sobrescritos a um verbo indicam, respectivamente, verbo imperfectivo e verbo perfectivo.

respectivamente *przeczytali*<sup>P</sup> e *wrócił*<sup>P</sup>. É justamente isso que se pode observar em (10a) e (10b):

(10a) \**Zawsze **przeczytali** Kurier Warszawski.*

*Sempre ler*<sub>perfec.pas.3pes.masc.pl</sub> o “Correio de Varsóvia”.

\**(eles) Sempre liam/leram*<sub>perfec.</sub> o “Correio de Varsóvia”.

(10b) \**Wielokrotnie **wrócił** do domu taksówką.*

*Muitas vezes voltar*<sub>perfec.pas.3pes.masc.sing.</sub> para casa de táxi.

\**Muitas vezes ele voltava/voltou*<sub>imperfec.</sub> para casa de táxi.

De fato, os verbos *przeczytać*<sup>P</sup> e *wrócić*<sup>P</sup>, por serem perfectivos, não podem ser empregados em sentenças com advérbios de duração, o que, aliás, vale para os verbos perfectivos em geral.

Um outro exemplo que ajuda a entender como verbos imperfectivos e perfectivos se distribuem em polonês diz respeito às formas nominais dos verbos nessa língua. Por exemplo, somente verbos imperfectivos possuem o que em polonês se chama de “*particípio adverbial presente*” (*imiesłów przysłówkowy współczesny*). Esse “*particípio adverbial presente*” refere-se a uma eventualidade qualquer que ocorre concomitantemente àquela expressa pelo verbo principal. Em alguns casos, esse *particípio* desempenha uma função semelhante ao gerúndio do português, como se vê em (11a):

(11a) *Wracając do domu uległ wypadkowi.*

*Voltar*<sub>imperfec.particípio presente</sub> para casa sofreu acidente.

*Voltando para casa, (ele) sofreu um acidente.*

Esse “*particípio adverbial presente*” é formado a partir da 3<sup>a</sup> pessoa do plural de um verbo imperfectivo no presente, à qual é acrescentada a desinência *-c*. Por exemplo, a 3<sup>a</sup> pessoa do plural de *wracać*<sup>I</sup> (voltar) no presente é *wracają*, portanto, o “*particípio adverbial presente*” desse verbo é *wracając*<sup>I</sup>.

Já os verbos perfectivos têm o “*particípio adverbial passado*” (imiesłów przysłówkowy uprzedni). Este se forma adicionando-se a desinência *-wszy* à 3ª pessoa do singular de um verbo perfectivo no passado. Assim, como o passado de *wrócić<sup>P</sup>* (voltar) na 3ª pessoa do singular é *wrócił<sup>P</sup>*, então o “*particípio adverbial passado*” desse verbo é *wróciwszy<sup>P</sup>*. Esse “*particípio adverbial passado*” faz referência a uma eventualidade que teve lugar antes daquela evocada pelo verbo principal, como mostra (11b):

(11b) *Wróciwszy do domu zadzwonił do ojca.*

*Wrócić<sub>perfec.</sub>particípio passado para casa telefonou para pai.*

*Tendo voltado para casa, ele telefonou ao (seu) pai.*

Como foi dito, apenas verbos imperfectivos possuem o “*particípio adverbial presente*”, enquanto que somente os perfectivos têm o “*particípio adverbial passado*”. Isso quer dizer que as sentenças (11c) e (11d) não ocorrem em polonês:

(11c) *\*Wróćąc do domu uległ wypadkowi.*

*Voltar<sub>perfec.</sub>particípio presente para casa sofreu acidente.*

*\*Voltando<sub>perfec.</sub>para casa, sofreu um acidente.*

(11d) *\*Wracawszy do domu zadzwonił do ojca.*

*Voltar<sub>imperfec.</sub>particípio passado para casa telefonou para pai.*

*\*Tendo voltado<sub>imperfec.</sub> para casa, ele telefonou ao (seu) pai.*

Se por um lado apenas verbos imperfectivos têm o *particípio presente*, e somente os perfectivos apresentam o *particípio passado*, por outro, tanto os verbos imperfectivos quanto os perfectivos possuem suas respectivas formas de infinitivo. O emprego de um infinitivo perfectivo ou imperfectivo, no entanto, resulta em sentidos diferentes em determinados contextos, como após verbos modais como *poder*, *dever*, etc. Um exemplo simples pode dar uma idéia do que se quer dizer aqui com isso. Tomemos então as sentenças (12a) e (12b) abaixo:



(12a) *Czy mogę wyjść o godzinie 6<sup>ej</sup>?*

*Partícula interrogativa posso sair<sub>perfec.inf.</sub> em hora sexta.*

*Eu posso sair às seis horas?*

(12b) *Czy mogę wychodzić o godzinie 6<sup>ej</sup>?*

*Partícula interrogativa posso sair<sub>imperfec.inf.</sub> em hora sexta.*

*Eu posso sair às seis horas?*

Como se vê, as duas sentenças receberam a mesma tradução em português. No entanto, elas têm uma diferença que o polonês consegue expressar pela alteração da forma de infinitivo (*wyjść<sup>P</sup>/wychodzić<sup>I</sup> = sair*). Trata-se do seguinte: ao proferir (12a), o falante questiona quanto à possibilidade de sair às 6 horas *naquela ocasião específica*, ou seja, é como se ele dissesse: “posso sair às seis horas *hoje*”, pois ele emprega um verbo perfectivo, ou seja, ele se refere a uma eventualidade que acontecerá uma vez. Já em (12b), a pergunta diz respeito a qualquer ocasião, a um “*hábito*” de sair às 6 horas; na realidade, (12b) corresponde a algo como “posso sair às 6 horas *habitualmente*”. Em função dessa noção de hábito, em (12b) o verbo empregado é um verbo imperfectivo. De fato, os verbos imperfectivos, em contextos apropriados, permitem interpretações habituais, e também iterativas, com já havia sido observado em (4) acima. Assim, parece que os verbos imperfectivos sofrem menor restrição se comparados aos perfectivos. Estes parecem ser usados em contextos específicos, a saber, quando se faz necessário informar que as eventualidades por eles denotadas percorreram todo seu curso natural, constituindo um todo indivisível e apresentando limites claros. Os verbos imperfectivos, por sua vez, como que “acumulam” diversas funções: eles podem, em função de seus contextos de ocorrência, ser associados à duratividade, à habitualidade, à iteratividade, ou ainda ter uma função “simplesmente denotativa”, como mostrou (1) no início desta seção.

Depois dessa rápida explanação, acredito ser possível responder à pergunta formulada logo no início desta subseção: como saber se um verbo é perfectivo ou imperfectivo, ou mais especificadamente, quais seriam os critérios para se determinar

se um verbo é perfectivo ou imperfectivo? Ora, para saber se um dado verbo pertence a essa ou àquela classe, basta observar os seguintes critérios:

- a)** *ao se conjugar um dado verbo com desinências de presente, se ele se referir a um tempo posterior ao momento de fala, então esse verbo é perfectivo. Se ele denotar uma eventualidade que esteja transcorrendo no momento de fala, então se trata de um verbo imperfectivo;*
- b)** *se um dado verbo pode ser conjugado no futuro composto, com o auxiliar być (ser/estar), então ele é imperfectivo, caso contrário, ele é perfectivo;*
- c)** *se um dado verbo “aceita” ser precedido por aspectualizadores como zacząć<sup>P</sup> (começar a) ou skończyć<sup>P</sup> (terminar de), então esse verbo é imperfectivo. Se essas construções forem agramaticais, então o verbo em questão será perfectivo;*
- d)** *os verbos que possuem o particípio presente são imperfectivos e os verbos que têm particípio passado são perfectivos.*
- e)** *verbos perfectivos são mais restritos que verbos imperfectivos. A interpretação destes varia mais conforme o contexto.*

*Quadro 4 – Critérios para identificar verbos imperfectivos e perfectivos.*

Esses são os critérios utilizados para se determinar a qual classe um determinado verbo pertence. Por outro lado, a existência ou não de prefixos, pura e simplesmente, não é um critério confiável nem tampouco suficiente para identificar um verbo perfectivo. De fato, em polonês há verbos prefixados que são imperfectivos, como *przechodzić<sup>I</sup>* (passar, atravessar), que apresenta o prefixo *prze-*, e verbos sem prefixo algum que são perfectivos, como o verbo *wrócić<sup>P</sup>* (voltar).

Ainda com relação à distribuição dos verbos imperfectivos e perfectivos em polonês, é importante ressaltar que ao se conjugar um verbo imperfectivo no passado, muito freqüentemente esse corresponderá a um verbo no *pretérito imperfecto* em português. Por sua vez, um verbo perfectivo conjugado no passado normalmente equivale a um verbo com desinências de *pretérito perfeito*, como indica, aliás, o quadro 3 acima. Embora essa seja uma generalização um tanto quanto grosseira, muito

frequentemente é exatamente isso o que acontece. Já é possível perceber, portanto, a importância da oposição imperfectivo/perfectivo no polonês, e outras línguas eslavas, pois é a partir dessa oposição que se faz, entre outras tantas coisas, a distinção equivalente àquela que se obtém, em português, por meio do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito. Nesse sentido, se considerarmos que a distinção entre esses dois tempos verbais em português é uma distinção aspectual, então talvez também possamos dizer que a oposição verbo imperfectivo/verbo perfectivo em polonês é, sim, uma oposição aspectual. Quer isso seja verdade quer não, o fato é que em polonês há apenas um tempo verbal de passado e que isso parece ser compensado justamente pela existência de “pares” de verbos, a partir do que se constitui, como se vê, todo o sistema verbal da língua.

Para concluir essa subseção, gostaria ainda de observar que é possível que o leitor tenha estranhado o fato de no quadro 4, que traz os critérios para se identificar verbos imperfectivos e perfectivos, não constar um teste comumente apresentado nos trabalhos sobre aspecto verbal e/ou *Aktionsart*: o da compatibilidade das duas classes de verbos com adjuntos adverbiais do tipo “*por x espaço de tempo*” e “*em x espaço de tempo*”. Ora, de fato os verbos imperfectivos e perfectivos se caracterizam, em princípio, por uma “distribuição” diferente diante desses adjuntos adverbiais. Assim, com o primeiro tipo de adjunto, são empregados verbos imperfectivos, enquanto que com o segundo ocorrem verbos perfectivos. Por exemplo:

(13a) *Basia malowała obraz przez dwa miesiące.*

*Basia pintar* imperfec.pas.3pes.sing.fem. *quadro por dois meses.*

*Basia pintou um quadro por dois meses.*

(13b) *Basia namalowała obraz w dwa miesiące.*

*Basia pintar* perfec.pas.3pes.sing.fem. *quadro em dois meses.*

*Basia pintou um quadro em dois meses.*

(13c) \**Basia malowała obraz w dwa miesiące.*

*Basia pintar*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> *quadro em dois meses.*

\**Basia pintou*<sub>imperfec.</sub> *um quadro em dois meses.*

(13d) \**Basia namalowała obraz przez dwa miesiące.*

*Basia pintar*<sub>perfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> *quadro por dois meses.*

\**Basia pintou*<sub>perfec.</sub> *um quadro por dois meses.*

Como se pode ver, (13a) apresenta o verbo *malowała*<sup>l</sup> seguido do adjunto *przez dwa miesiące* (por dois meses); com um adjunto como *w dwa miesiące* (em dois meses), porém, emprega-se *namalowała*<sup>P</sup>, como é o caso em (13b). (13c) e (13d), por sua vez, revelam que o verbo imperfectivo *malowała*<sup>l</sup> não pode ser usado com um adjunto como *w dwa miesiące*, ao passo que o perfectivo *namalowała*<sup>P</sup> não aceita a construção *przez dwa miesiące*.

Em termos bastante intuitivos, poder-se-ia dizer que em *przez dwa miesiące*, a preposição *przez* (por) faz com que consideremos o argumento *dwa miesiące* de maneira linear, ou seja, “vislumbrando” a duração da eventualidade em questão. Se essa duração é considerada, então em polonês há que se empregar um verbo imperfectivo, no caso *malowała*<sup>l</sup>. Este, além de expressar a duração do processo, ainda indica que ele não foi concluído. De (13a), portanto, não se depreende, necessariamente, a existência de um quadro.

Em *w dwa miesiące*, porém, a preposição *w* (em) nos leva a tomar *dwa miesiące* como um intervalo de tempo fechado, fazendo referência à borda final desse intervalo. Assim, em (13b) o falante de polonês deve fazer uso de um verbo perfectivo, no caso *namalowała*<sup>P</sup>, verbo esse que, além de se referir à eventualidade como a um intervalo de tempo fechado, informa ainda que essa eventualidade culminou com a existência de um quadro, ao contrário de (13a). Isso tudo é interessante, sobretudo se levarmos em conta que os dois verbos do par, *malowała*<sup>l</sup> e *namalowała*<sup>P</sup>, podem ser traduzidos, em português, pelo pretérito perfeito *pintou*, que, como se observou acima, não impõe restrições ao emprego dos adjuntos em questão.

O problema com esse teste é que existe todo um grupo de verbos perfectivos que são empregados sem nenhuma restrição com adjuntos do tipo “*por x espaço de tempo*”, como revela a sentença abaixo:

(14) *Paweł poczytał przez kilka minut i zasnął.*

*Paulo ler<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> por alguns minutos e adormeceu*

*Paulo leu por alguns minutos e adormeceu.*

Casos como o apresentado em (14) são corriqueiros em polonês, razão pela qual preferi não incluir esse teste no quadro de critérios para identificar verbos imperfectivos e perfectivos. De qualquer forma, como se verá mais a frente, verbos perfectivos como *poczytać<sup>P</sup>* (ler), que apresentam o prefixo *po-*, têm uma natureza algo diferente dos demais verbos perfectivos da língua.

### 1.2.2 A derivação verbal em polonês

Como se viu até aqui, a oposição entre verbos imperfectivos e perfectivos é fundamental dentro do sistema verbal da língua polonesa. Baseados nessa oposição, muitos autores propõem que em polonês existem o que eles chamam de “pares aspectuais”. Esses pares seriam constituídos por um verbo imperfectivo e sua contraparte perfectiva e, via de regra, corresponderiam a apenas um verbo em línguas como o inglês ou o português. A idéia de propor a existência desses “pares aspectuais” advém provavelmente da constatação de que, na maioria das vezes, os verbos imperfectivos e perfectivos do polonês são “derivados” uns dos outros através de processos morfológicos como prefixação e sufixação.

Aqui surge um detalhe importante que pode causar uma série de mal-entendidos e que nem sempre é considerado nos trabalhos sobre o assunto. Trata-se do seguinte: o processo de prefixação que permite derivar verbos perfectivos de verbos-base imperfectivos é o mesmo de que faz uso o polonês para derivar lexemas verbais com um significado distinto daquele do verbo-base. Em outras palavras, a derivação verbal em polonês tanto pode dar origem a um verbo perfectivo com um significado bastante

distinto daquele do verbo-base, como pode gerar apenas a contraparte perfectiva de um dado verbo imperfectivo, formando assim um par aspectual cujos verbos distinguem-se pela oposição imperfectivo/perfectivo, mas têm, em princípio, o mesmo significado.

Para esclarecer melhor essa questão, passo a seguir a apresentar como se dá o processo de derivação verbal em polonês. Nessa língua, parte-se, por exemplo, de um verbo-base imperfectivo qualquer e se obtém a sua contraparte perfectiva por meio dos processos apresentados no quadro 5 abaixo:

<p><b>a)</b> acréscimo de prefixos, que em polonês são em número de 17<sup>10</sup>, não havendo regras sistematizáveis que definam qual prefixo deve ser aplicado a um dado verbo:          pisać<sup>I</sup> ⇒ <b>napisać</b><sup>P</sup> (escrever), czytać<sup>I</sup> ⇒ <b>przeczytać</b><sup>P</sup> (ler);</p> <p><b>b)</b> alterações morfológicas no sufixo temático do verbo:          wracać<sup>I</sup> ⇒ <b>wrócić</b><sup>P</sup> (voltar), skakać<sup>I</sup> ⇒ <b>skoczyć</b><sup>P</sup> (saltar);</p> <p><b>c)</b> formas totalmente distintas (casos excepcionais):          brać<sup>I</sup> ⇒ <b>wziąć</b><sup>P</sup> (pegar), oglądać<sup>I</sup> ⇒ <b>obejrzeć</b><sup>P</sup> (ver, assistir)</p>
--

*Quadro 5 – Derivação de verbos perfectivos sem alteração de significado.*

Como se pode ver, os processos morfológicos envolvidos na formação de verbos perfectivos e imperfectivos envolvem tanto a prefixação, como no caso do item (a) do quadro 5, como também alterações morfológicas no sufixo temático do verbo, como se observa no item (b) do referido quadro. Ao contrário da derivação por prefixação, as alterações no sufixo temático do verbo apresentam alguma regularidade, já vez que certos sufixos, como **-nąć**, por exemplo, são geralmente associados a verbos perfectivos. Exemplo: *zamykać<sup>I</sup> ⇒ zamknąć<sup>P</sup>* (fechar). Semelhantemente,

---

<sup>10</sup> Em alguns trabalhos, como o de Cockiewicz e Zwolski (1982), é possível encontrar 18 prefixos, pelo fato de os autores em questão considerarem o prefixo composto *wz-* como um único prefixo. De qualquer forma, *w-* e *z-*, originalmente preposições em polonês, também ocorrem como prefixos separados. Por exemplo, em *wzruszać<sup>I</sup>* (emocionar) *w-* e *z-* aparecem juntos, aplicados ao verbo *ruszać<sup>I</sup>* (mover, mexer); já em *wjechać<sup>P</sup>* (entrar) e *zjechać<sup>P</sup>* (descer) *w-* e *z-* são aplicados separadamente ao verbo *jechać<sup>I</sup>* (ir), resultando em dois verbos distintos.

verbos imperfectivos cujo sufixo temático é **-ać**, apresentam, com alguma frequência, contrapartes perfectivas em **-ić** ou **-yć**, como é o caso de *wracać<sup>I</sup>* ⇒ *wrócić<sup>P</sup>* (voltar) e *skakać<sup>I</sup>* ⇒ *skoczyć<sup>P</sup>* (saltar).

Em relação aos pares do quadro 5, ambos os verbos parecem ter exatamente o mesmo significado, a diferença entre eles sendo, talvez, algo como o que se poderia expressar em português pelos pares *estar escrevendo/escrever*, *estar lendo/ler*, *estar voltando/voltar*, *estar saltando/saltar*, *estar pegando/pegar*, *estar vendo/ver*.

Dos verbos-base, porém, ainda é possível derivar verbos que, além da oposição perfectivo/imperfectivo, trazem também um significado diferente, conforme ilustra o quadro 6 abaixo:

<p>□ <b>Pisać<sup>I</sup></b> (escrever)</p>	<p>⇒ <b>Napisać<sup>P</sup></b> (escrever)</p> <p>⇒ <b>Przepisać<sup>P</sup></b> (transcrever)</p>
<p>□ <b>Puszczać<sup>I</sup></b> (largar, soltar)</p>	<p>⇒ <b>Puścić<sup>P</sup></b> (largar, soltar)</p> <p>⇒ <b>Wypuszczać<sup>P</sup></b> (soltar para fora)</p>

*Quadro 6* – Derivação de verbos perfectivos com alteração de significado.

Os verbos que, ao receberem prefixos, não sofrem alteração de significado formam os “pares aspectuais”. Por sua vez, aqueles verbos imperfectivos que, ao receberem um dado prefixo tornam-se perfectivos e ainda mudam de significado não constituem um par aspectual, embora mantenham uma íntima relação derivacional com o verbo do qual se originam. Isso pode ser resumido como no quadro 7 abaixo:

**Pisac<sup>I</sup> ⇒ napisac<sup>P</sup>** é um par aspectual, pois a diferença entre os dois verbos corresponde a algo semelhante a ‘estar escrevendo/escrever’ em português, ou seja, parece não haver alteração de significado;

**Pisac<sup>I</sup> ⇒ przepisac<sup>P</sup>** não é um par aspectual, pois há, ao mesmo tempo, a oposição perfectivo/imperfectivo e uma alteração importante de significado, de modo que esse par equivaleria, em português, a algo como ‘estar escrevendo/transcrever’.

*Quadro 7: Pares aspectuais versus simples derivação.*

Nesse momento surge a questão: como expressar em polonês algo equivalente a *estar transcrevendo/transcrever*, em que há apenas a oposição imperfectivo/perfectivo, ou seja, qual seria a contraparte imperfectiva de *przepisac<sup>P</sup>* – contraparte essa necessária pois, como se viu, o verbo *przepisac<sup>P</sup>*, por ser perfectivo, sofre certas restrições temporais, não podendo denotar uma eventualidade concomitante ao momento de fala – Em outras palavras, como dizer em polonês o equivalente a *estou transcrevendo*? A resposta é muito simples: através de um outro processo morfológico, a sufixação, pelo qual se obtém o verbo imperfectivo *przepisywac<sup>I</sup>*.

Recapitulando, parte-se de um verbo-base imperfectivo *pisac<sup>I</sup>* (escrever imperfectivo) do qual, através de prefixação, originam-se tanto *napisac<sup>P</sup>* (escrever perfectivo), quanto *przepisac<sup>P</sup>* (transcrever perfectivo); em seguida, pelo acréscimo do sufixo *-wa*, chega-se à contraparte imperfectiva de *przepisac<sup>P</sup>*: *przepisywac<sup>I</sup>* (*transcrever imperfectivo*), obtendo-se então um novo par aspectual, cujos verbos distinguem-se *apenas* pela oposição imperfectivo/perfectivo.

Eis aí a cadeia derivativa do chamado aspecto verbal em polonês. Nessa cadeia derivativa, o processo de prefixação que forma verbos perfectivos a partir de verbos-base imperfectivos constitui os “pares aspectuais primários”; por sua vez, o processo de sufixação que dá origem a verbos imperfectivos a partir de verbos perfectivos forma os “pares aspectuais secundários”. Tudo isso pode ser esquematizado como no quadro 8 abaixo:



Verbo-base imperfectivo	Verbo perfectivo prefixado sem alteração de sentido	Verbo perfectivo prefixado com alteração de sentido	Verbo imperfectivo derivado por sufixação
<b>Pisać</b>	<b>Napisać</b>	<b>Przepisać</b>	<b>Przepisywać</b>
<i>Estar imerso na ação de escrever, estar escrevendo.</i>	<i>Escrever algo do começo ao fim.</i>	<i>Transcrever algo do começo ao fim, copiar algo em sua totalidade.</i>	<i>Estar imerso na ação de transcrever.</i>
Par aspectual primário		Par aspectual secundário	

Quadro 8 – A cadeia derivativa do aspecto verbal em polonês

Na verdade, do verbo *przepisywać*<sup>l</sup> ainda é possível obter, através de um novo processo de prefixação, o verbo *poprzepisywać*<sup>P</sup>, que se refere a ação de transcrever algo repetidamente. Neste caso, a eventualidade é compreendida como um conjunto de uma mesma ação que é realizada múltiplas vezes, pelo que o complemento desse tipo de verbo aparece sempre no plural. Contudo, da mesma maneira que *poczytać*<sup>P</sup> apresentado na sentença (14) – e como se verá na capítulo 3 deste trabalho – , *poprzepisywać*<sup>P</sup> tem uma natureza distinta daquela de verbos como os apresentados no quadro 8, além do que o seu uso na língua é relativamente restrito. Por essas razões, não estou considerando aqui verbos como *poprzepisywać*<sup>P</sup>.

Retomando o quadro 8, vale lembrar que os pares aspectuais secundários são facilmente identificáveis, pois o processo de sufixação que lhes dá origem é bastante regular. No caso dos pares aspectuais primários, no entanto, a coisa se complica, pois, como se vê, eles são obtidos através de um processo de derivação que dá origem a duas coisas que são bastante distintas. De fato, a prefixação em polonês pode: **1)** marcar a oposição do tipo *pisać*<sup>l</sup> x *napisać*<sup>P</sup>, em que os dois verbos do par têm o mesmo significado – ou seja, formam pares aspectuais primários; **2)** ser um simples processo de derivação do tipo *pisać*<sup>l</sup> ⇒ *przepisać*<sup>P</sup>, onde o que se tem é algo semelhante ao que ocorre em português com verbos como *escrever* ⇒ *transcrever*, *pôr* ⇒ *impor*, *depor*, *supor*, etc; ou seja, esses verbos não formam um par aspectual.

No caso do processo que não resulta num par aspectual, pode-se dizer que a derivação verbal em polonês e em português funciona de maneira semelhante. Realmente, tanto em português como em polonês é possível derivar vários verbos a partir de uma mesma “raiz”. Assim, de *escrever* obtém-se *transcrever*, *descrever*, *inscrever-se*, etc., o que corresponde, respectivamente, aos verbos poloneses *pisać<sup>I</sup>* ⇒ *przepisać<sup>P</sup>*, *opisać<sup>P</sup>*, *zapisac się<sup>P</sup>*, etc. A diferença está no fato de que, em polonês, o processo de derivação resulta, também, na alteração de verbo imperfectivo para verbo perfectivo, sendo necessário um processo de sufixação para se chegar a um novo verbo imperfectivo, conforme mostra o quadro 8. É importante compreender bem todo esse processo de derivação, pois é ele que permite identificar um par aspectual primário, aquele que pode ser confundido com um processo de derivação que envolve alteração de significado.

Para demonstrar como isso funciona, tomemos como exemplo o verbo *pisać<sup>I</sup>* e vários dos verbos dele derivados como *napisać<sup>P</sup>* (escrever), *przepisać<sup>P</sup>* (transcrever), *opisać<sup>P</sup>* (descrever), *zapisac się<sup>P</sup>* (inscrever-se). Como saber qual destes verbos forma uma par aspectual com *pisać<sup>I</sup>*? Essa pergunta pode parecer algo ingênua, já que foi dito que *pisać<sup>I</sup>* e *napisać<sup>P</sup>* significam ambos *escrever* – o que pode, aliás, ser verificado num dicionário polonês-português qualquer – enquanto os demais verbos têm outros significados.

Essa questão, no entanto, é motivada pelo fato de que não se sabe por que a contraparte perfectiva de *pisać<sup>I</sup>* recebe o prefixo *na-*, e não outro prefixo qualquer. Com efeito, quase todos os prefixos empregados na cadeia derivativa do polonês também são preposições nessa língua. Por exemplo, *przez* significa algo como *por*, *através*; *o* equivale a *ao redor de*, *em torno de*; *za* corresponde a *atrás*, *após*; *na* se traduz por *em*, *sobre*. Em função disso, é possível considerar que esses prefixos têm, pelo menos em alguma instância, um significado. Esse significado é como que associado ao significado do verbo-base, formando assim um novo lexema verbal, exatamente como ocorre em português, no caso, por exemplo, de verbos como *escrever* e *sobrescrever*.

É aí que surge o problema, pois parece que no caso de *napisać<sup>P</sup>* não há alteração de significado, ou seja, o prefixo *na-* é associado ao verbo *pisać<sup>I</sup>*, mas não forma um novo lexema verbal, pelo menos não no mesmo nível de *przepisać<sup>P</sup>* (transcrever). Ou seja, se os prefixos do polonês não são completamente vazios de significado, por que razão a aplicação deles ao verbo *pisać<sup>I</sup>* resulta sempre num verbo com significado distinto, exceto no caso de *napisać<sup>P</sup>*? Ou ainda, por que *napisać<sup>P</sup>*, e não outro verbo qualquer, forma um par aspectual com *pisać<sup>I</sup>*?

Para responder a essa pergunta, poder-se-ia argumentar no sentido de que o prefixo *na-* “perdeu” o seu significado, enquanto isso não ocorreu com os demais prefixos (*-prze-, -o-, -za*). Isso até poderia ser verdade no caso do par *pisać<sup>I</sup>/napisać<sup>P</sup>*, mas não se confirmaria com relação a inúmeros outros pares aspectuais (*czytać<sup>I</sup>/przeczytać<sup>P</sup>* – ler; *budzić się<sup>I</sup>/obudzić się<sup>P</sup>* – acordar, etc.) em que os prefixos *prze-* e *o-* não alteram o significado do verbo-base, marcando apenas a oposição imperfectivo/perfectivo; além disso, o prefixo *na-* pode, por sua vez, ser aplicado a verbos-base e gerar verbos com significados diferentes (*padać<sup>I</sup>* – cair; *napadać<sup>P</sup>* – atacar), ao contrário do que ocorre com *na-* no par *pisać<sup>I</sup>/napisać<sup>P</sup>*.

Como se vê, não se sabe por que a contraparte perfectiva de *pisać<sup>I</sup>* traz o prefixo *na-* e não outro qualquer. Por outro lado, a cadeia derivativa representada no quadro 8 permite “comprovar” que a contraparte perfectiva de *pisać<sup>I</sup>* só pode ser o verbo *napisać<sup>P</sup>* e isso pela seguinte razão: dentre todos os verbos derivados de *pisać<sup>I</sup>* aqui elencados (há outros), o único verbo que não dá continuidade à cadeia derivativa, quer dizer, que não “aceita” o sufixo *-wa* para formar um novo verbo imperfectivo, é o verbo *napisać<sup>P</sup>*. Dizendo de outra maneira, sabe-se que o verbo que se distingue de *pisać<sup>I</sup>* apenas pela oposição aspectual é *napisać<sup>P</sup>*, e não outro qualquer, pelo fato de que é este o verbo que “bloqueia” a tal cadeia derivativa, conforme se vê no quadro 9 abaixo:

Verbo-base imperfectivo	Verbo perfectivo derivado por prefixação	Contraparte imperfectiva obtida por sufixação	Equivalente em português
<b>pisac<sup>I</sup></b> ⇒	<b>napisac<sup>P</sup></b> ( <i>bloqueia a cadeia derivativa</i> )	(* <i>napisywać<sup>I</sup></i> )	Escrever
	<b>przepisac<sup>P</sup></b> ⇒	<b>przepisywać<sup>I</sup></b>	Transcrever
	<b>opisac<sup>P</sup></b> ⇒	<b>opisywać<sup>I</sup></b>	Descrever
	<b>zapisac<sup>P</sup> się</b> ⇒	<b>zapisywać<sup>I</sup> się</b>	Inscrever-se

Quadro 9 – Critério para a identificação de um par aspectual primário.

De fato, o verbo *\*napisywać* não existe em polonês. Assim, ao usar o verbo *napisac<sup>P</sup>* (escrever), o falante de polonês terá necessariamente que operar também com o verbo *pisac<sup>I</sup>*, pois, como foi visto anteriormente, o sistema aspecto-temporal do polonês impõe restrições de ocorrência a verbos perfectivos, e esse é o caso de *napisac<sup>P</sup>*. Sabe-se que esse verbo com desinências de presente (*napiszę, napiszesz, etc...*) refere-se a um momento futuro, de modo que se o falante quiser se referir a *escrever* num tempo concomitante ao momento de fala, um presente “em curso”, ele terá que fazer uso da única contraparte imperfectiva de *napisac<sup>P</sup>* disponível em polonês, o verbo *pisac<sup>I</sup>*.

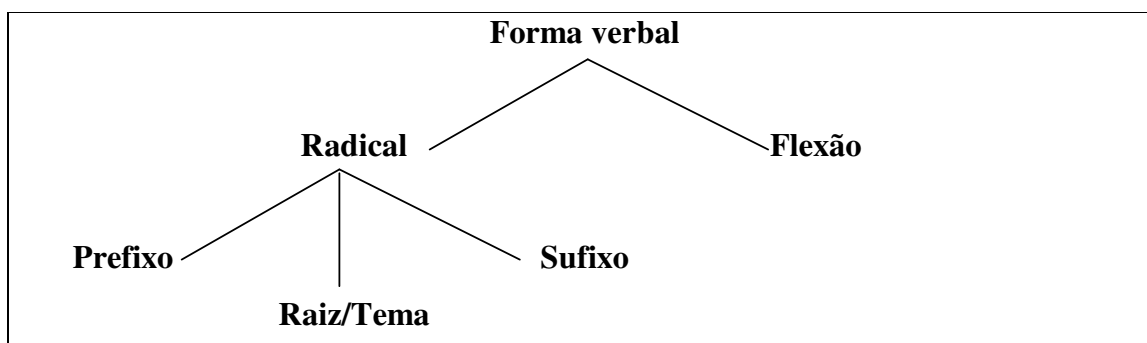
Além das “restrições temporais” dos verbos perfectivos, vale lembrar que a língua polonesa dispõe de apenas um tempo passado, o que faz com que *pisac<sup>I</sup>* e *napisac<sup>P</sup>* se alterem nesse tempo verbal para dar conta da diferença que se expressa, em alguns contextos, pelos pretéritos perfeito e imperfeito em português.

Já havíamos determinado os critérios para identificar se um verbo é perfectivo ou imperfectivo. Temos agora um outro critério importante: aquele que permite identificar quais verbos constituem um par aspectual primário, o par que “abre” a cadeia derivativa descrita acima. Pares primários, como se viu, caracterizam-se por uma grande irregularidade, já que não existem regras que determinem a prefixação verbal em polonês, ao contrário dos pares secundários que são regularmente formados por meio do sufixo *-wa*.

O fato de o par aspectual primário ser identificado através do verbo perfectivo que bloqueia a cadeia derivativa é, então, um critério formal que permite reconhecer, dentre inúmeros verbos derivados, aquele que se relaciona ao verbo-base unicamente pela oposição imperfectivo/perfectivo, ou seja, que não muda de significado. É esse critério, e não apenas a consulta ao dicionário, que possibilita dizer que tanto *pisac'* quanto *napisac'<sup>P</sup>* correspondem a *escrever* em português.

### 1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De maneira geral, as questões relativas ao aspecto verbal em polonês apresentadas neste capítulo são tratadas de maneira algo semelhante em (Filip, 1999). De fato, em suas considerações sobre o aspecto em tcheco, Filip também observa que, além de o verbo eslavo se flexionar para indicar tempo (*tense*), modo, número, pessoa e gênero – conforme indicado na subseção anterior – as formas verbais eslavas podem ainda ser classificadas em imperfectivas ou perfectivas, mesmo aquelas não-pessoais, como infinitivos e participios, sendo possível representar a estrutura do verbo eslavo como no quadro abaixo:



Quadro 10 - A estrutura do verbo eslavo nos termos de Filip (1999, p. 176)

Quanto aos processos que permitem obter verbos perfectivos a partir de verbos-base imperfectivos – apresentados nos quadros 5 e 9 acima – a autora em questão também adota uma perspectiva semelhante àquela até aqui apresentada, afirmando serem basicamente dois esses processos: prefixação e sufixação. Filip admite igualmente que os operadores imperfectivo e perfectivo não correspondem a um afixo

verbal que possa ser regularmente aplicado a todos os verbos imperfectivos e perfectivos, ainda que alguns sufixos possam relacionar-se com uns e outros verbos, com é o caso do sufixo tcheco *-va* (em polonês *-wa*), associado aos verbos imperfectivos, e o sufixo *-nou* (em polonês *-nq*) associado aos verbos perfectivos.

Contudo, se até aqui a minha apresentação sobre a derivação verbal no polonês, bem como os conseqüentes fenômenos aspectuais, segue de perto a abordagem de Filip (1999) para o tratamento da questão no tcheco, num ponto essa autora adota uma perspectiva diferente daquela aqui apresentada. Trata-se da posição tomada por ela com relação ao que se convencionou chamar de “pares aspectuais”.

Recapitulando, o “par aspectual” seria aquele formado por dois verbos, freqüentemente derivados um do outro mas com o mesmo significado, sendo a única diferença entre eles o fato de um ser imperfectivo e outro perfectivo, como no caso de *pisac<sup>I</sup> ⇒ napisac<sup>P</sup>* (escrever) por exemplo. Pares desse tipo seriam distintos de outros pares, como *pisac<sup>I</sup> ⇒ przepisac<sup>P</sup>* que, além de se diferenciarem pela oposição imperfectivo/perfectivo, apresentam também uma diferença de significado equivalente àquela expressa por *escrever* e *transcrever* em português.

Todo o problema está no fato que, para Filip (1999), o par *pisac<sup>I</sup> ⇒ napisac<sup>P</sup>* apresenta, além da oposição aspectual, também um diferença de significado, ao contrário do que defende Cockiewicz (1992) por exemplo, cuja posição está sendo seguida neste trabalho. Para Filip, não se pode deixar de considerar a informação semântica dos prefixos que, como se viu, são originalmente preposições nas línguas eslavas. Assim sendo, Filip não considera a existência de pares aspectuais primários nessas línguas, na medida em que não é possível, na sua opinião, encontrar pares de verbos que façam referência a uma mesma eventualidade – tenham o mesmo significado – distinguindo-se *apenas* pela oposição aspectual. Nesse sentido, ela não se opõe apenas a Cockiewicz, mas também a outros autores como Spencer (1991, p. 196), para quem “*all verbs form aspectual pairs*”, Forsyth (1970, p.1), que observa que “*generally speaking there exist two parallel sets of verb forms carrying identical lexical meaning, i.e. denoting one and the same type of action*” ou ainda Binnick

(1991, p.137) que afirma haver prefixos que “*are semantically empty, serving merely to mark aspect*”.

Embora questione a existência de pares aspectuais como  $pisac^I \Rightarrow napisac^P$ , em que a contraparte perfectiva do par é um verbo prefixado, Filip afirma que pares como  $przepisac^P \Rightarrow przepisywa^I$  – em que o verbo imperfectivo do par é obtido através da aplicação do sufixo **-wa** a um verbo perfectivo – são “*uncontroversial aspectual pairs*” (Filip 1999, p. 189). Portanto, para ela existem pares aspectuais, mas apenas os pares aspectuais secundários (vide quadro 8), como  $przepisac^P \Rightarrow przepisywa^I$ . De qualquer forma, casos como  $wraca^I \Rightarrow wróci^P$  (voltar),  $skaca^I \Rightarrow skoczy^P$  (saltar), em que o elemento perfectivo do par não é obtido nem via-prefixação nem pelo sufixo **-wa**, ou casos como  $bra^I \Rightarrow wziac^P$  (pegar),  $oglada^I \Rightarrow obejrze^P$  (ver, assistir), em que os verbos envolvidos têm formas totalmente distintas, não são tratados pela autora na discussão sobre a existência dos pares aspectuais ou quais verbos formariam ou não esses pares.

De fato, a argumentação de Filip concentra-se em criticar a hipótese de que pares como  $pisac^I \Rightarrow napisac^P$  possam constituir um par aspectual. Como já observado, a autora julga que os prefixos das línguas eslavas, uma vez que são oriundos de preposições dessas línguas, não são lexicalmente vazios e, portanto, alteram o significado do verbo-base ao qual são aplicados. Para defender sua posição, ela dá alguns exemplos do tcheco, usando sempre a mesma argumentação: o fato de o verbo prefixado ter um sentido diferente daquele do verbo-base. Para ilustrar o tratamento que ela dá à questão, reproduzi em (15a) um desses exemplos, seguido de seu equivalente em polonês (15b) e da respectiva tradução em português (15c-d):

(15a) *U-jíst chleba.*

(15b) *U-jeść chleba.*

(15c) *Pref-comer<sub>perfec.inf</sub> pão*

(15d) *Comer (um pedaço de) pão.*

Como se vê, (15a) e (15b), respectivamente em tcheco e em polonês, apresentam o verbo *jíst<sup>I</sup>/ješč<sup>I</sup>* (comer) que, ao receber o prefixo **u-** (*ujíst<sup>P</sup>/uješč<sup>P</sup>*) passa a ter o significado de *comer um pedaço de algo*. Como bem observa Filip, a aplicação desse prefixo ao verbo-base *jíst<sup>I</sup>/ješč<sup>I</sup>* tem um efeito semântico específico, que a tradução para o português tentou expressar por meio da expressão partitiva *um pedaço de*. Portanto, não se pode falar aqui de par aspectual primário, uma vez que os dois verbos em questão não se distinguem apenas pelo aspecto, mas também pelo significado. Para Filip esse é então um argumento no sentido de comprovar que a aplicação de um prefixo leva a uma mudança de significado, ainda que sutil, entre o verbo-base e o verbo prefixado.

Entretanto, é preciso observar que os dois verbos apresentados por Filip, *jíst<sup>I</sup>/ješč<sup>I</sup>* (comer) e *ujíst<sup>P</sup>/uješč<sup>P</sup>* (comer um pedaço de algo) não formam um par aspectual primário para Cockiewicz (1992,1995). Na realidade, a relação entre *jíst<sup>I</sup>/ješč<sup>I</sup>* e *ujíst<sup>P</sup>/uješč<sup>P</sup>* para esse autor é uma relação derivacional equivalente àquela entre *pisác<sup>I</sup> ⇒ przepisác<sup>P</sup>* (escrever ⇒ transcrever). Para Cockiewicz (1995, p. 38) e Saloni (2001, p. 171), o verbo que forma um par aspectual primário com o verbo-base *ješč<sup>I</sup>* é, na realidade, o verbo prefixado *zješč<sup>P</sup>*. Filip não menciona a existência de um par “*jíst<sup>I</sup> ⇒ zjíst<sup>P</sup>*” em tcheco, mas, dada a semelhança dessa língua com o polonês, é de se supor que ele exista. De qualquer forma, em polonês ele existe e, em princípio, parece ter o mesmo significado do verbo-base do qual deriva, o verbo *ješč<sup>I</sup>* (comer). Já o verbo *uješč<sup>P</sup>* em (15b), além de ter significado distinto do verbo-base *ješč<sup>I</sup>*, apresenta uma contraparte imperfectiva, o verbo *ujadać<sup>I</sup>*, com o qual constitui um par aspectual primário, par esse de rara ocorrência no polonês atual.

O problema com a argumentação de Filip nesse caso é que a autora trata da mesma maneira coisas que outros autores procuram separar. De fato, no que se refere aos pares *ješč<sup>I</sup> ⇒ uješč<sup>P</sup> versus ješč<sup>I</sup> ⇒ zješč<sup>P</sup>*, o que parece estar em jogo é, no primeiro caso, um processo de derivação verbal algo semelhante àquele que também ocorre em português com verbos como *perder ⇒ desperdiçar*, *clarear ⇒ esclarecer*, *dormir ⇒ adormecer*, etc..., em que verbos com a mesma raiz recebem prefixos e sufixos e adquirem significados específicos, diferentes daqueles dos verbos de que



derivam; outra coisa é uma oposição do tipo  $jeść^I \Rightarrow zjeść^P$ , em que o que está em jogo parece ser apenas a oposição aspectual, algo equivalente a *estar comendo/comer*, em português, ou *eat/eat up*, em inglês.

De fato, essa questão é sempre problemática nos trabalhos sobre o aspecto verbal nas línguas eslavas e não há consenso sobre o assunto entre os especialistas. Isso se deve, como já observado anteriormente, ao fato de que um mesmo verbo-base imperfectivo pode dar origem, através de um processo idiossincrático de prefixação, a inúmeros outros verbos perfectivos. Justamente, o critério que nos indicava qual aquele verbo derivado que se distingue de sua base imperfectiva apenas pela oposição aspectual era o bloqueio da cadeia derivativa (vide quadro 9), ou seja, sabemos que a contraparte perfectiva de  $pisac^I$  é o verbo  $napisac^P$ , e não outro qualquer, pelo fato de que não é possível derivar um novo verbo imperfectivo de  $napisac^P$ , de maneira que  $*napisywać^I$  simplesmente não ocorre em polonês. Para Filip, porém, o bloqueio da cadeia derivativa por si só não é suficiente para comprovar a tese de que alguns prefixos verbais servem apenas para marcar a oposição aspectual. Efetivamente, a autora considera esse “*a rather weak argument for the existence of prefixes as perfectivizers pure and simple.*” (Filip, 1999, p. 193)

Como contra-argumentos a essa posição, Filip aponta o fato de que, em verbos como  $napisac^P$ , o prefixo **na-** é mais do que um simples perfectivizador, já que ele provém da preposição *na* que, em polonês, significa justamente *em, sobre*. Com isso ela quer dizer que, enquanto  $pisac^I$  significa simplesmente *escrever*,  $napisac^P$  significaria algo como *escrever em*, sendo essa diferença equivalente àquela existente em verbos como *write, rewrite, underwrite, write in*, etc., do inglês. De qualquer forma, Filip não explica o porquê da inexistência de formas como  $*napisywać^I$ , embora outros verbos derivados de  $pisac^I$  por meio de prefixação apresentem tranqüilamente formas com o sufixo **-wa** (vide quadro 9).

Um outro contra-exemplo de Filip – sempre no sentido de defender a sua posição com relação ao papel dos prefixos nos pares ditos aspectuais – diz respeito a ocorrências como  $pisac^I \Rightarrow napisac^P$  *się*, em que, segundo a autora, o prefixo **na-** associado ao pronome reflexivo *się* constituiriam um novo lexema verbal,

correspondente a algo como *escrever até não poder mais*, em português. Nesse sentido, Filip diz que **na-** é um prefixo *cumulativo*<sup>11</sup>. O problema com essa argumentação é que a autora, mais uma vez, parece tratar da mesma maneira coisas que são distintas para outros autores. De fato, o prefixo **na-** quando associado a determinados verbos acompanhados do pronome reflexivo *się* tem esse significado “cumulativo” citado por Filip (1999, p. 193). Entretanto, esse é um processo relativamente regular em polonês. Em outras palavras, a estrutura ‘prefixo **na-** + verbo + *się*’ ocorre não apenas com o verbo *pisać*<sup>1</sup>, mas com uma série de outros verbos, como comprovam os exemplos listados abaixo:

Verbo imperfeito	Verbo perfectivo	Verbos com o prefixo <b>na-</b> “cumulativo”
Czytać <sup>1</sup> ( <i>ler</i> )	Przeczytać <sup>P</sup> ( <i>ler</i> )	Naczytać <sup>P</sup> się ( <i>ler até não poder mais</i> )
Jeść <sup>1</sup> ( <i>comer</i> )	Zjeść <sup>P</sup> ( <i>comer</i> )	Najeść <sup>P</sup> się ( <i>comer até se saciar</i> )
Chodzić <sup>1</sup> ( <i>andar</i> )	Pochodzić <sup>P</sup> ( <i>andar</i> )	Nachodzić <sup>P</sup> się ( <i>andar até não poder mais</i> )
Kupować <sup>1</sup> ( <i>comprar</i> )	Kupić <sup>P</sup> ( <i>comprar</i> )	Nakupić <sup>P</sup> się ( <i>comprar não poder mais</i> )

Quadro 11: O prefixo **na-** com sentido “cumulativo”.

Como se pode ver pelos exemplos do quadro 11 – poder-se-ia pensar em muitos outros – o prefixo **na-** “cumulativo” pode ser aplicado a vários verbos, atribuindo a eles sempre o mesmo sentido: o de que a eventualidade denotada atingiu um nível de “completude” capaz de saciar ou impossibilitar o sujeito a continuar vivenciando-a. Pelo exposto, creio que fica claro que não se pode comparar o prefixo **na-** em *napisać*<sup>P</sup> com a estrutura ‘prefixo **na-** + verbo + pronome reflexivo *się*’, uma vez que a aplicação do prefixo **na-** no primeiro caso é, por assim dizer, idiossincrática, o que não ocorre, pelo menos não no mesmo grau, no segundo caso.

Finalmente, gostaria de observar ainda que um fenômeno não mencionado por Filip, mas bastante comum no polonês, é o fato de que muitos verbos de origem

<sup>11</sup> Filip (2000, p. 41) refere-se ao prefixo cumulativo **na-** nos seguintes termos: “...the cumulative prefix *na-*, which adds to the verb the meanings of a large quantity, measure or degree in a variety of ways (...) the semantic of these prefixes is comparable to the English vague quantifiers like *a lot (of), many...*”.

estrangeira, que são absorvidos pela língua polonesa, apresentam sempre o mesmo prefixo, embora esse prefixo pareça não ter nenhuma relação com a semântica do verbo – como parecia ser o caso do par *pisać<sup>I</sup> ⇒ napisac<sup>P</sup>*, pelo menos para Filip<sup>12</sup>. Observem-se, pois, os verbos do quadro abaixo, todos verbos de origem latina, aos quais é aplicado sempre o mesmo prefixo **z-**:

Verbo imperfectivo	Verbo perfectivo	Tradução
Bankrutować	Zbankrutować	Falir, ir à bancarrota
Bilansować	Zbilansować	Fazer um balanço
Bojkotować	Zbojkotować	Boicotar
Bombardować	Zbombardować	Bombardear
Depymować się	Zdepyymować się	Deprimir-se
Identyfikować	Zidentyfikować	Identificar

*Quadro 12:* Verbos de origem latina que recebem o prefixo z-.

Se pensarmos que o prefixo z-, oriundo da preposição z, ao ser aplicado a certos verbos do polonês normalmente traz uma idéia de movimento dirigido para baixo, ou então de movimento a partir de diferentes pontos em direção ao centro, – *brać<sup>I</sup>* (pegar) ⇒ *zbrać<sup>P</sup>* (colher), *jechać<sup>I</sup>* (ir) ⇒ *zjechać<sup>P</sup> na dół* (descer) – é de se perguntar se esse significado pode efetivamente ser relacionado aos verbos do quadro 12 acima e em que medida seria possível fazê-lo. Na realidade, o que parece ocorrer com esses verbos é que, assim como a conjugação em *-ować*, atualmente a mais produtiva em polonês, é a conjugação que absorve todos os neologismos da língua, o prefixo *-z* faz algo semelhante com relação à oposição imperfectivo/perfectivo. Isso fica ainda mais evidente se observarmos que alguns desses verbos têm equivalentes de raiz eslava, mas a oposição imperfectivo/perfectivo não é expressa pelo prefixo **z-**. Esse é o caso,

<sup>12</sup> “In cases in which a given prefixed verb (...) appears to be equivalent to the corresponding simple imperfective verb in its lexical semantic properties, a fine-grained semantic analysis often reveals that the prefix actually reiterates some inherent semantic feature of the verb” (Filip, 1999, p. 193).

por exemplo, do par *identyfikować<sup>I</sup> ⇒ zidentyfikować<sup>P</sup>* (identificar), que tem um significado algo semelhante a *utozsamiać<sup>I</sup> ⇒ utozsamić<sup>P</sup>*. Como se vê, enquanto a oposição no par de origem latina é marcada pelo prefixo **z-**, no par eslavo é a alteração do sufixo temático do verbo que marca essa oposição (*-iać ⇒ -ić*). Dado o exposto, considero que os contra-argumentos de Filip no sentido de contestar a existência de prefixos como simples marcadores da oposição imperfectivo/perfectivo não são suficientemente convincentes para que se abandone essa posição neste trabalho.

Neste capítulo, então, apresentou-se o sistema aspecto-temporal do polonês, procurando enfatizar a idéia de que esse sistema de articula em torno de uma oposição de natureza aspectual entre verbos perfectivos e imperfectivos, verbos esses que se relacionam uns aos outros por processos morfológicos, como derivação e sufixação, constituindo pares aspectuais, isto é, pares cujos verbos têm o mesmo significado, mas que se diferenciam pelo valor [ $\pm$ perfectivo]. Nesse sentido, também se apresentaram critérios que permitem identificar quais verbos são perfectivos e quais são imperfectivos, bem como quais verbos constituem pares aspectuais e quais não. Por fim, discutiu-se rapidamente a posição de Filip (1999) com relação a esses pares aspectuais, uma vez que a autora em questão não considera a existência deles, concluindo-se o capítulo justamente com argumentos em defesa da existência desses pares aspectuais.

## 2 A CLASSIFICAÇÃO ASPECTUAL

### 2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende apresentar um panorama geral, bem como algumas reflexões relativas à classificação aspectual, tal qual ela é considerada por diferentes autores. Obviamente, a escolha dos autores citados neste capítulo foi motivada pelo objetivo central desta pesquisa: **refletir quanto à distinção entre *Aktionsart* e aspecto verbal no polonês**. Nesse sentido, o capítulo inicia-se com a classificação aspectual proposta por Vendler (1957), já que essa classificação é, talvez, a que mais tem influenciado os estudos sobre o aspecto verbal. Em seguida, a partir de algumas considerações de Dowty (1979) e de Rothstein (2004), aborda-se justamente o fato de que o aspecto verbal é uma categoria lingüística cuja expressão pode ser considerada tanto *lexicalmente* – a partir da informação semântica fornecida pelo item lexical do verbo – bem como *gramaticalmente* – levando em conta o papel que têm as flexões verbais na interpretação aspectual. Além de Dowty e Rothstein, também contribuíram para a terceira subseção deste capítulo as considerações de Filip (1999), já que essa autora aborda a problemática do aspecto verbal a partir, entre outros, de dados de uma língua eslava, o tcheco, considerando de maneira expressiva as especificidades dessa família de línguas no que se refere à categoria em questão. Essa mesma característica, a referência ao aspecto verbal nas línguas eslavas, foi responsável pela presença, neste capítulo, da abordagem de Cockiewicz (1992) que, partindo de uma perspectiva funcionalista, procura estabelecer uma distinção entre *Aktionsart*, uma categoria lexical, e a categoria gramatical do aspecto verbal no polonês e demais línguas eslavas. Uma vez delineadas essas duas “*esferas*” em que o aspecto verbal pode ser considerado, a *esfera lexical* e a *esfera gramatical*, apresenta-se o ponto de vista de Bertinetto (2001), segundo o qual é fundamental que se estabeleça uma fronteira clara entre as duas instâncias do aspecto verbal acima mencionadas, pois isso permite entender de maneira mais eficaz a interação entre elas para a construção de uma determinada interpretação aspectual, propiciando uma melhor compreensão desse fenômeno lingüístico. A referência a Bertinetto neste capítulo se justifica também pelo

fato de que esse autor se debruça com mais profundidade sobre a questão-tema desta pesquisa, a distinção entre *Aktionsart* e Aspecto Verbal, ao contrário dos demais autores até aqui citados, que só tratam desse tema transversalmente. Enfim, a última subseção deste capítulo apresenta em linhas gerais a posição de Verkuyl (1999) com relação à classificação aspectual, já que essa dialoga de maneira bastante interessante com a proposta de Bertinetto (2001). De fato, Verkuyl propõe que a distinção entre as duas esferas do aspecto verbal, a lexical e a gramatical, não se justifica numa abordagem que toma o aspecto verbal como um fenômeno que só pode ser tratado no nível sentencial, levando em conta, também, a interação entre verbo e os seus argumentos.

## 2.2 AS CLASSES ASPECTUAIS DE VENDLER (1957)

Dentre os trabalhos que tratam da questão do aspecto verbal, o que mais tem influenciado é talvez o trabalho de Vendler (1957). Nesse trabalho, o autor propõe classificar os verbos em quatro classes principais: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Cada uma dessas quatro classes pode ser caracterizada a partir da noção de intervalo de tempo. Assim, os estados caracterizam-se pelo fato de, se eles forem verdadeiros em um intervalo de tempo específico, eles também serão verdadeiros em cada subintervalo desse intervalo. As atividades, por sua vez, são verdadeiras em cada subintervalo de um intervalo básico, mas apresentam uma certa “granularidade”. *Accomplishments* são caracterizados pelo fato de que, se eles são verdadeiros em um intervalo de tempo particular, eles *não* o são nos subintervalos desse intervalo. Isso também ocorre no caso dos *Achievements*, com a diferença de que esses últimos são instantâneos. Para Vendler (1957), as restrições que os verbos do inglês impõem à ocorrência de determinadas construções adverbiais, tempos verbais (*tenses*), bem como os acarretamentos lógicos que induzem comprovam, no nível da língua, a existência das quatro classes aspectuais em questão. O quadro abaixo ilustra essa classificação para verbos dessa língua:

<i>Estados</i>	<i>Atividades</i>	<i>Accomplishments</i>	<i>Achievements</i>
Know	Run	Paint a picture	Recognize
Believe	Walk	Make a chair	Spot
Have	Swim	Deliver a sermon	Find
Desire	Push a cart	Draw a circle	Lose
Love	Drive a car	Push a cart	Reach
		Recover from illness	die

Quadro 1: As Classes Aspectuais de Vendler (1957)

Analisando o quadro 1, vemos que Vendler considera *run* como uma atividade, ao passo que *run a mile* é para ele um *accomplishment*. Semelhantemente, ele opõe *draw* (atividade) a *draw a circle* (*accomplishment*). Esses exemplos revelam que, mesmo sem tratar explicitamente do assunto, Vendler já tinha consciência da importância do complemento verbal para a interpretação aspectual ao propor a sua classificação. Isso, justamente, será posteriormente retomado por Verkuyl que entende que a classificação de Vendler poder ser aplicada antes ao VP, e não diretamente ao item lexical do verbo.

Além disso, alguns autores, como Rothstein (2004), interpretam as classes aspectuais de Vendler com base em duas propriedades: **a)** se a eventualidade denotada por um predicado qualquer tem um ponto final natural; e **b)** se essa eventualidade pode ser analisada em termos de seu progresso no tempo. Da primeira propriedade emerge a oposição [ $\pm$ télico], que permite opor estados e atividades, de um lado, e *accomplishments* e *achievements* de outro. Assim, por [+télicas] entendem-se aquelas eventualidades que denotam um movimento em direção a um ponto final, sendo esse ponto final determinado pela natureza da própria eventualidade descrita. Por sua vez, eventualidades [-télicas] caracterizam-se por, uma vez iniciadas, poderem continuar indefinidamente, justamente porque a natureza da eventualidade não determina seu ponto final.

Desse modo, diante de uma eventualidade estativa como *João sabe chinês*, parece claro que não há nada na natureza desse estado que determine que ele deve

chegar a um fim; semelhantemente, diante em uma atividade como *Maria correu*, a descrição dessa eventualidade não informa se, nem tampouco quando, a eventualidade de *correr* acabou. Ao contrário, os *accomplishments* são eventualidades [+télicas] porque, uma vez desencadeadas, elas se movimentam para um ponto final e necessariamente o atingem, sem o que a eventualidade em questão não se configura. Assim, *João leu o livro*, por exemplo, é um *accomplishment*, pois essa eventualidade apresenta um ponto final que é atingido no momento em que a leitura do livro é concluída e somente nesse momento, sem o que, aliás, a eventualidade de *ler o livro* não pode ser considerada. Como esse ponto final é determinado pela descrição da própria eventualidade, ele é considerado como um *ponto final natural*. Da mesma forma, os *achievements* são eventualidades que têm um ponto final natural, diferenciando-se dos *accomplishments* pelo fato de esse ponto final natural ser percebido como “instantâneo”, quer dizer, os *achievements* atingem esse ponto final natural tão logo iniciados. Exemplos de *achievements* são *perceber*, *chegar*, entre outros.

Além de [±télico], por trás da classificação vendleriana existe também a intuição de que há eventualidades que podem ser analisadas em termos de seu progresso ou desenvolvimento no tempo, o que implica, grosseiramente falando, na ocorrência do verbo que denota uma eventualidade no progressivo. Justamente, da primeira propriedade, a oposição presença de ponto final [+télico] *versus* ausência de ponto final [-télico], distinguem-se os *accomplishments* e os *achievements* por um lado, que são [+télicos], dos estados e das atividades por outro, que são [-télicos]. A outra propriedade, se as eventualidades podem ou não ser analisadas em termos de seu progresso no tempo – o que remete ao uso do progressivo – caracteriza, por um lado, estados e *achievements*, que apresentam uma série de restrições de ocorrência no progressivo (sobretudo em inglês) e, por outro, *accomplishments* e atividades, que ocorrem sem problemas no progressivo. As classes aspectuais de Vendler podem então ser definidas a partir do cruzamento dessas duas propriedades, como ilustra o quadro 2 abaixo:



<b>Tipo da eventualidade</b>	<b>Télico <i>versus</i> Atélico</b>	<b>Ocorrência no progressivo</b>
Estados	Atélico	Há restrições
Atividades	Atélico	Não há restrições
<i>Achievements</i>	Télico	Há restrições
<i>Accomplishments</i>	Télico	Não há restrições

*Quadro 2: Propriedades das Classes Aspectuais de Vendler (1957)*

Para ilustrar, observemos essa classificação aplicada a verbos do português brasileiro a partir das sentenças abaixo:

- (1a) *A Maria sabe onde mora o João.*  
 (1b) *A Maria está correndo.*  
 (1c) *A Maria correu 10 quadras.*  
 (1d) *A Maria notou a palidez mortal de João.*

(1a) é um estado, pois se trata de uma eventualidade que é verdadeira num dado intervalo de tempo, bem como em cada um de seus subintervalos, não apresentando dinamicidade, ou seja, uma vez que a eventualidade de saber onde João mora se configurou para Maria, essa eventualidade não sofreu nenhuma alteração, desconsiderando, obviamente, situações de ordem pragmática, como amnésia, por exemplo; aqui vale observar que, mesmo em português brasileiro, verbos como *saber*, essencialmente estativos, dispensam o uso do progressivo, mesmo quando se faz referência a eventualidades que estão ocorrendo no momento da fala<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Isso não ocorre com as atividades, por exemplo. De fato, existe uma diferença entre *Maria sabe onde mora João* e *Maria está sabendo onde mora João*, de um lado, e *Maria nada* e *Maria está nadando*, de outro. No caso das sentenças com o verbo *saber*, ambas são verdadeiras no momento de fala; já no caso do verbo *nadar*, a primeira frase pode não ter valor de verdade no momento exato em que é proferida, ou seja, é ambígua, tendo preferencialmente uma interpretação habitual. Realmente, caso queira afirmar que a eventualidade de Maria nadar está necessariamente ocorrendo no momento de fala, o falante de português emprega, preferencialmente, o progressivo. Portanto, o emprego do progressivo em português, ainda que seja possível com verbos estativos como *saber*, tem resultado diferente do que quando empregado com verbos de atividade como *nadar*.

No caso de (1b), estamos diante de uma atividade. Esta, uma vez desencadeada, apresenta uma idéia de progresso no tempo. De fato, se *Maria está correndo*, então ela iniciou a corrida em algum momento de um passado recente e, a cada instante que passa, ela percorre um trecho maior da corrida. As atividades diferenciam-se dos estados justamente nesse aspecto: as atividades pressupõem uma idéia de progresso no tempo, enquanto os estados não permitem tal pressuposição. Além disso, é possível conceber a interrupção de uma atividade, mas não a de um estado. De fato, é perfeitamente possível afirmar algo como *Maria está correndo e vai parar de correr em 30 segundos*, mas é estranho dizer que *Maria sabe/está sabendo onde João mora e vai parar de saber em 30 segundos*.

(1c) apresenta um *accomplishment*, ou seja, uma eventualidade desencadeada, que se orienta para um fim e que efetivamente o atinge, sendo esse ponto final, ou ponto culminante, justamente o que define a existência da eventualidade em questão. Finalmente, em (1d) temos um *achievement*, uma eventualidade que tão logo iniciada é concluída, sendo representada lingüisticamente como instantânea. Da mesma maneira que os estados, os *achievements* freqüentemente colocam restrições ao emprego do progressivo. Realmente, uma sentença como (1d) é preferível, em português brasileiro, a algo como *A Maria está notando a palidez mortal de João*, ainda que essa sentença possa ocorrer em situações específicas.

Essa classificação de Vendler remete à discussão original de Aristóteles em torno da diferença “aspectual” entre “*energeia*”, os fatos ou realidades, e “*kinesis*”, os movimentos. Em outras palavras, ações completas em si mesmas, classificadas de atélicas, como *ser feliz* ou *pensar* (algo como estados e atividades) e ações que são inerentemente incompletas e que necessitam de um ponto final para se configurarem, como *construir uma casa* ou *aprender um poema*, considerados por Vendler como *accomplishments*. Justamente por se filiar a uma longa tradição, a classificação de Vendler vem influenciando trabalhos sobre o aspecto verbal em diversas línguas, ainda que toda a reflexão de Vendler baseie-se em dados do inglês. Um exemplo dessa influência é, por exemplo, Dowty (1979).

---

### 2.3 CLASSE ASPECTUAL E FORMA ASPECTUAL

Com o objetivo de conceituar o que entende por aspecto verbal, e filiando-se à tradição Aristotélica seguida justamente por Vendler, mas também por autores como Ryle (1949) e Keny (1963), Dowty considera que a oposição entre as diversas classes aspectuais pode ser explicada pela hipótese de que uma classe aspectual difere da outra em função da existência de certos operadores abstratos como CAUSE e BECOME presentes na Estrutura Lógica dos verbos. Assim, as classes aspectuais se diferenciariam sistematicamente umas das outras da mesma forma que as três ocorrências de *cool* nas sentenças abaixo diferem uma da outra em suas estruturas lógicas:

(2a) *The soup was cool.*

*A sopa estava fria.*

(2b) *The soup cooled.*                     $\Rightarrow$  BECOME

*A sopa esfriou (tornou-se fria).*

(2c) *John cooled the soup.*             $\Rightarrow$  CAUSE

*João esfriou (causou o esfriamento de) a sopa.*

Após apresentar sua abordagem, Dowty faz uma ressalva, o que interessa particularmente aqui. Ele observa que já em trabalhos anteriores (Dowty, 1979) referiu-se às classes aspectuais (estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*) usando a expressão “*aspecto verbal*”, mas que tem consciência de que esse não é um termo apropriado, pois, segundo ele, o termo *aspecto* é comumente entendido na terminologia lingüística como fazendo referência a uma série de marcas flexionais, afixos, tempos verbais (*tenses*) ou outros tipos de marcas que os verbos podem apresentar. Essas marcas caracterizariam os “*marcadores aspectuais*”, a partir dos quais se pode distinguir “*different ways of viewing the internal temporal constituency*

*of a situation*” (Comrie, 1976, p. 3). Dowty observa que são justamente as línguas eslavas que trazem os exemplos mais conhecidos desse tipo de afixos verbais, o que se confirma se consideradas as informações sobre o polonês apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho. Ele insiste ainda no sentido de não se confundir esse “*aspecto verbal*” com a noção de tempo verbal (*tense*), esclarecendo que, do ponto de vista da semântica, o tempo verbal (*tense*) tem a função de relacionar o tempo da situação descrita ao tempo de fala, enquanto que o “*aspecto verbal*”, por meio dos marcadores aspectuais, informa, por exemplo, se é ao início, ao meio ou ao fim de uma eventualidade qualquer que se faz referência, ou ainda se uma dada eventualidade é considerada como completa ou possivelmente incompleta. Tendo esse uso do termo “*aspecto verbal*” em mente, observa Dowty, as únicas instâncias de marcadores aspectuais “puros” em inglês seriam o progressivo e a expressão habitual *used to*. Esboça-se então aqui uma diferença importante com relação ao tratamento dado pela lingüística à categoria do aspecto verbal. Por um lado, essa categoria é tratada em termos de classes aspectuais, tais como aquelas propostas por Vendler e incrementadas por Dowty com seus operadores CAUSE e BECOME; por outro, o aspecto verbal diz respeito a diferentes maneiras de se “olhar” para uma dada eventualidade referindo-se ou não à sua realização completa, por exemplo, bem como às marcas formais de que as línguas dispõem para expressar esse tipo de informação, como é o caso do progressivo em inglês e português, da expressão *used to* em inglês, ou ainda da oposição pretérito perfeito *versus* pretérito imperfeito em português e outras línguas românicas.

Dowty observa, entretanto, que em todas as línguas as diferenças semânticas inerentes ao significado dos verbos (as classes aspectuais) levam estes a terem diferentes interpretações quando combinados com os marcadores aspectuais (os afixos verbais) e também com advérbios de tempo com os quais eles podem ocorrer. Justamente em função dessa intrincada relação entre classes de verbos de um lado e o “*verdadeiro aspecto verbal*” de outro, é que Dowty justifica o uso do termo *aspecto* num sentido mais amplo para se referir também à questão das classes aspectuais. Ele ressalta, contudo, que ao se falar em aspecto verbal é necessário ter em mente os dois usos que o termo em questão pode assumir: de um lado a *classe aspectual* do verbo – a classe Aristotélica à qual um dado verbo pertence; e de outro a *forma aspectual* do

verbo – o(s) marcador(es) aspectual(ais) específico(s) com que um verbo pode ocorrer numa dada sentença. Para Dowty, portanto, *classe aspectual* e *forma aspectual do verbo* são coisas distintas porém intimamente relacionadas, o que de certa forma faz com que eventualmente acabem se sobrepondo uma à outra.

## 2.4 ASPECTO GRAMATICAL E ASPECTO LEXICAL

Também Rothstein (2004) apresenta uma distinção semelhante àquela entre classe aspectual e forma aspectual do verbo mencionada por Dowty (1979). Para Rothstein, ao se tratar da categoria do aspecto verbal é importante distinguir entre *aspecto lexical* e *aspecto gramatical*. Essa distinção, contudo, não consiste apenas em tratar o aspecto verbal ora a partir de oposições aspectuais lexicalizadas, caracterizadas por derivação morfológica ou simplesmente não caracterizadas morfológicamente, ora a partir de uma oposição formal expressa por uma categoria gramatical e/ou caracterizada por flexões morfológicas específicas (por exemplo, a oposição pretérito perfeito *versus* pretérito imperfeito em português). Para Rothstein, a distinção em questão aproxima-se daquela formulada por Smith (1991) (ver também Filip, 2000; Bertinetto 2001) entre *aspecto de situação* e *aspecto de ponto de vista* (*situation aspect versus viewpoint aspect*). Assim sendo, o *aspecto lexical*, chamado às vezes de *Aktionsart* e correspondente ao *aspecto de situação* de Smith, cobre as distinções entre propriedades de eventualidades denotadas por expressões verbais que os lingüistas tentaram capturar classificando os verbos em classes aspectuais. Já o *aspecto gramatical*, particularmente o contraste entre imperfectivo e perfectivo, refere-se a diferentes possibilidades de se “olhar” para uma dada eventualidade. Essa diferença de perspectiva é justamente o que Smith (1991) define como *viewpoint aspect*. Para Rothstein então, a distinção entre *aspecto lexical* ou *aspecto de situação* e *aspecto gramatical* ou *aspecto de ponto de vista* pode ser ilustrada pelas seguintes sentenças do inglês:

- (3a) *Mary loved John very much. (estado)*  
*Maria amava/amou muito o João.*
- (3b) *Mary built a house. (accomplishment)*  
*Maria construiu uma casa.*
- (4a) *He lived in a hotel while he built/was building the house. (imperfectivo)*  
*Ele morou/morava num hotel enquanto construía/estava construindo a casa.*
- (4b) *He built the house and then sold it for profit. (perfectivo)*  
*Ele construiu a casa e então a vendeu para obter lucro.*

(3a) e (3b) apresentam um contraste de *aspecto lexical* (ou de situação) entre uma sentença estativa (3a) e uma sentença de *accomplishment* (3b), pois os verbos *love* e *build* têm propriedades aspectuais diferentes que são determinadas lexicalmente; por sua vez, (4a) e (4b) revelam um contraste entre os usos imperfectivo e perfectivo de um mesmo verbo, o verbo *build*, ou seja, aqui estamos diante de um contraste de *aspecto gramatical* (ou de *ponto de vista*). Em função dessa tomada de posição, Rothstein considera que termos como perfectivo e imperfectivo dizem respeito aos diferentes usos aspectuais de um mesmo verbo, no caso das sentenças (4a) e (4b), do verbo *build*. Por sua vez, termos como télico e atélico se referem à diferença existente entre verbos como *build* e *love* tal qual essa diferença se manifesta nas sentenças (3a) e (3b), a saber: *love*, por ser um verbo de estado, é considerado atélico (refere-se a uma eventualidade completa em si mesma, nos termos de Aristóteles), enquanto *build*, um verbo de *accomplishment*, é télico, ou seja, é inerentemente incompleto e pressupõe um fim (um ponto final ou um ponto culminante), que necessariamente deve ser atingido, ou pelo menos considerado, para que uma eventualidade de *build* se configure.

Tratamento semelhante ao de Rothstein para essa questão é o de Filip (1999) que, em suas considerações sobre o aspecto verbal, vê-se igualmente diante da problemática da classificação aspectual e, assim como Dowty (1979) e Rothstein

(2004), reconhece que o termo *aspecto* é relativamente ambíguo na literatura lingüística atual. Em perfeita concordância com Rothstein (2004), Filip observa que o termo *aspecto* pode se referir à oposição imperfectivo *versus* perfectivo, oposição essa expressa por morfemas flexionais do verbo ou por certas construções perifrásticas (como é o caso do progressivo em inglês). Todos esses dispositivos formais (flexionais), afirma Filip, estão no âmbito do *aspecto gramatical* (de Swart, 1998).

Entretanto, Filip lembra que, além desse *aspecto gramatical*, a categoria do aspecto verbal também pode ser tratada a partir da análise de certas propriedades semânticas inerentes ao item lexical do verbo, dando então origem ao *aspecto lexical (inerente)* (Comrie, 1976; Van Valin, 1990). Esse *aspecto lexical (inerente)* equivale ao *aspecto verbal* que Dowty (1979) relaciona à idéia de classe aspectual, ou ainda àquilo que Tenny (1987, 1994) entende por *aspecto*, de modo que todas essas abordagens resultam numa classificação aspectual semelhante àquela introduzida por Vendler (1957), segundo a qual os verbos podem ser divididos em estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*, com algumas variações de autor para autor. Filip ressalta, ainda, que a distinção “supraordinária” télico *versus* atélico é uma distinção relativa ao domínio do *aspecto lexical*, enquanto que a oposição imperfectivo *versus* perfectivo diz respeito exclusivamente ao *aspecto gramatical*.

O termo *aspecto*, para referir-se a oposições lexicalmente estabelecidas, originou-se a partir da classificação de significados verbais na filosofia da ação e foi introduzido na lingüística moderna justamente por Dowty (1979). Mais recentemente, o termo *tipo de evento*, cunhado por Bach (1986), estabeleceu-se, e há ainda o termo *Aktionsart* (Hinrichs, 1985; Van Valin, 1990; Zaenen, 1993) que aparece vez por outra. Ocorre que o *aspecto gramatical*, ou seja, aquele relativo à oposição imperfectivo *versus* perfectivo, não é claramente diferenciado do *aspecto lexical* em abordagens que definem a contribuição semântica dos operadores imperfectivo e perfectivo em termos de tipos de eventualidades, estados ou processos e eventos, respectivamente. Para Filip, esses dois domínios estão intimamente interligados e as propriedades básicas de ambos podem ser definidas a partir da lógica de relações parte-todo. Contudo, ela considera fundamental distinguir entre a contribuição semântica dos operadores aspectuais (imperfectivo e perfectivo) e as propriedades

semânticas (lexicais) dos predicados verbais aos quais os operadores aspectuais são aplicados, o que pode, aliás, revelar-se útil para tratar de problemas que emergem, aparentemente, como resultado da interação entre essas duas instâncias do aspecto verbal, como parece ser o caso do “paradoxo do imperfectivo<sup>14</sup>” (Dowty, 1979).

## 2.5 AKTIONSART

Nos estudos sobre aspecto verbal, freqüentemente aparece também o termo *Aktionsart*, empregado já por Agrell (1908) e traduzido por alguns como *Modo de Ação*. O termo *Aktionsart* foi largamente utilizado pelos lingüistas estruturalistas, particularmente nos trabalhos de Isacenko (1962: 385-418) e de Maslov (1959), servindo para categorizar a contribuição semântica que certos afixos traziam ao significado dos verbos derivados por meio deles. Nesse sentido, *Aktionsart* incluía noções relacionadas a medida, fase, grau de intensidade, distributividade, entre outras. Exemplos de *Aktionsart* nessa acepção podem ser encontrados, por exemplo, em alemão, língua na qual é possível observar oposições do tipo *lieben* (amar)  $\Rightarrow$  *liebeln* (amar superficialmente); *lachen* (rir)  $\Rightarrow$  *lächeln* (sorrir). Como se vê nesses exemplos, o segundo elemento de cada par tem uma interpretação atenuativa ou diminutiva em relação ao primeiro. Contrastes semelhantes podem ser verificados também em línguas de outras famílias. Efetivamente, em português é possível encontrar “pares de verbos”

---

<sup>14</sup> O paradoxo do imperfectivo consiste no fato de que a aplicação do progressivo em predicados de classes aspectuais diferentes causa acarretamentos lógicos distintos. Por exemplo, *João estava correndo*, com um verbo de atividade no progressivo, acarreta que *João correu*; já *João estava desenhando um círculo*, com o progressivo aplicado a um *accomplishment*, não acarreta que *João desenhou um círculo*. Essa diferença é resultado, justamente, da interação entre as duas instâncias do aspecto verbal: o *aspecto gramatical* (a flexão de progressivo) e o *aspecto lexical* (as diferenças lexicais entre verbos de atividade e de *accomplishment*).



como *saltar* ⇒ *saltitar*, *beber* ⇒ *bebericar*, *adoçar* ⇒ *adocicar*, *ferver* ⇒ *fervilhar*, etc<sup>15</sup>.

Originalmente, Agrell (1908) propôs que a *Aktionsart* fosse uma categoria distinta daquela do *aspecto verbal*, na medida em que essa era entendida como uma **categoria subjetiva** – expressando o olhar subjetivo do falante sobre uma eventualidade qualquer – enquanto que a *Aktionsart* (ou modo de ação) seria uma **categoria objetiva** – expressando, portanto, características objetivas da própria eventualidade. Essa distinção, como observa Cockiewicz (1992, p. 11), “*corresponde à diferença de função lingüística de ambas as categorias: a Aktionsart modifica o significado lexical do verbo, enquanto que o aspecto cumpre uma função gramatical*”. Nessa acepção, é possível, em princípio, estabelecer um paralelo entre *Aktionsart* e os conceitos de *aspecto lexical* (Rothstein, 2004; Filip, 1999), bem como ao conceito de *classe aspectual* de Vendler (1957).

Esse paralelo pode ser observado em alguns trabalhos que fazem referência à questão do aspecto verbal, como é o caso de Ilari (1997). Durante sua discussão sobre a expressão da duração em português, Ilari relaciona o termo *Aktionsart* ao *esquema temporal subjacente* de um verbo (ou predicado). Segundo o autor, esse esquema temporal subjacente emerge claramente quando se contrastam verbos como *correr*, que não têm um limite imposto pela natureza da ação, com *correr os quatrocentos metros rasos*, que apresenta um limite intrínseco, aqui expresso pelo seu complemento. Essa diferença, observa Ilari, tem sido objeto de inúmeras investigações desde Aristóteles, sendo a mais célebre delas justamente a classificação proposta por Vendler.

---

<sup>15</sup> Almeida (1994, p. 302-304) classifica esses verbos de “diminutivos”, o que não expressa a idéia de repetição desse tipo de verbo, pelo que a denominação de iterativo seria mais adequada. Essa denominação, porém, o autor reserva para verbos como (cravar ⇒ cravejar), apresentando outros exemplos de verbos derivados com sentido “aumentativo” (mexer ⇒ remexer), “incoativo” (dormir ⇒ adormecer), etc.

### 2.5.1 *Aktionsart* e Aspecto Verbal nas línguas eslavas

No âmbito das línguas eslavas, a distinção entre *Aktionsart* e *aspecto verbal* é considerada como fundamental, como bem observa Cockiewicz (1992) que, logo no início de seu trabalho, tenta distinguir *modo de ação* (rodzaj czynności – o equivalente polonês para *Aktionsart*) de *aspecto verbal* (aspekt czasownikowy). Para tanto, Cockiewicz recorre ao trabalho do aspectólogo funcionalista A. Bondarko (1971). Em seu trabalho, Bondarko propõe considerar a existência de uma categoria superior às categorias gramaticais. Esta seria uma *categoria funcional-semântica* (kategoria funkcjonalno-semantyczna), entendida como uma categoria lingüística, que, ao contrário das categorias lógicas, manifesta-se tanto em termos de conteúdo quanto em termos de expressão.

O *conteúdo* de uma categoria funcional-semântica pode abranger significados gramaticais e lexicais que se distinguem reciprocamente, mas que são, ambos, subordinados a uma noção que lhes é superior. Esse *conteúdo* se realiza na língua pela interação e pelo cruzamento de diversos elementos semânticos. Por sua vez, a *expressão* de uma categoria funcional-semântica qualquer é definida a partir dos recursos disponibilizados pelos diversos níveis lingüísticos: recursos morfossintáticos, lexicais e, inclusive, contextuais.

Segundo Cockiewicz, Bondarko relaciona a estrutura dessa categoria funcional-semântica com a idéia de uma “esfera lingüística”, no interior da qual interagem e se cruzam diversas “micro-esferas”, sendo possível, ainda, que “esferas lingüísticas” de categorias distintas se sobreponham parcialmente. O núcleo de uma categoria funcional-semântica pode ser, embora não necessariamente, uma *categoria gramatical*. Nesse caso, as outras “micro-esferas” que constituem essa “esfera lingüística” ocupam uma posição periférica, havendo variações de uma língua para a outra quanto ao que é mais ou menos periférico. Justamente, uma dessas categorias funcionais-semânticas seria o *aspecto verbal*, cujo *conteúdo* diz respeito à maneira como “transcorre” uma dada eventualidade, enquanto que a *expressão* dessa categoria se dá por meio de diversos recursos lingüísticos: morfológicos, lexicais e também através de alguns elementos da sintaxe, como ordem e relações entre partes da oração.

No caso das línguas eslavas, o *núcleo* da categoria funcional-semântica do *aspecto verbal* seria ocupado pela categoria gramatical eslava do aspecto, e os elementos periféricos dessa categoria constituiriam, por sua vez, aquilo que se chama de *Aktionsart* ou *modo de ação*. O expoente formal do aspecto verbal eslavo seria a rede de oposições morfológicas – flexionais no caso dos verbos sufixados, e derivacionais no caso dos verbos prefixados – que determina o caráter *gramatical* dessa categoria. Por sua vez, os meios para se expressar a *Aktionsart* ou *modo de ação* seriam de caráter eminentemente *lexical*.

Dentro dessa perspectiva, Cockiewicz entende *Aktionsart* como uma *categoria lexical* segundo a qual é possível classificar verbos em diversas classes, variando de autor para autor o número de classes que essa categoria engendra, bem como os nomes que são dados a elas. Isso ocorre, segundo Cockiewicz, justamente pelo fato de a *categoria lexical da Aktionsart* não formar um sistema fechado, uma vez que abrange fenômenos de caráter distintos. O quadro abaixo traz uma pequena amostra das classes de verbos que, segundo Cockiewicz (1992), estão associadas ao domínio da *Aktionsart*:

Classe	Exemplo	Tradução
ESTATIVOS	<b>Kosztować<sup>I</sup></b>	Custar
SEMELFACTIVOS	<b>Stukać<sup>I</sup> ⇒ Stuknąć<sup>P</sup></b>	Bater
ITERATIVOS	<b>Czytywać<sup>I</sup></b>	Ler frequentemente
SATURATIVOS	<b>Naczytać<sup>P</sup> się</b> <b>Wysiedzieć<sup>P</sup> się</b>	Ler até não poder mais Ficar sentado até não poder mais
EGRESSIVOS	<b>Doczytać<sup>P</sup> ⇒ Doczytywać<sup>I</sup></b>	Ler até o fim
DIMINUTIVOS	<b>Poczytać<sup>P</sup></b>	Dar uma lida
DELIMITATIVOS	<b>Poczytać<sup>P</sup></b>	Ler por algum tempo

Quadro 3: Alguns modos de ação (*Aktionsarten*) segundo Cockiewicz (1992)

Como se vê pelo quadro acima, Cockiewicz inclui na esfera da *Aktionsart* classes de verbos como a dos *estativos* e dos *semelfcativos*, que também figuram em

trabalhos influenciados pela classificação vendleriana. Entretanto, ele considera que a *Aktionsart* ainda permite classificar verbos como sendo *iterativos*, *saturativos*, *egressivos*, *diminutivos*, *delimitativos*, entre vários outros. Além disso, Cockiewicz observa que algumas *Aktionsarten* (ou *modos de ação*, como ele prefere chamar) podem, em polônês, ser associadas a certos expoentes formais com maior ou menor regularidade. Assim, os verbos semelfactivos, por exemplo, são muito freqüentemente associados ao sufixo *-ną*, como é o caso de *stuknąć<sup>P</sup>* acima; semelhantemente, verbos saturativos e egressivos em geral estão associados à presença dos prefixos *na-* e *do-*, respectivamente, como revelam *naczytać<sup>P</sup> się* e *doczytać<sup>P</sup>* acima, ambos derivados do verbo-base *czytać<sup>I</sup>* (ler). Ele lembra, porém, que nem sempre há uma tal regularidade, como de fato revela *wysiedzieć<sup>P</sup>* no quadro acima, também um verbo saturativo, derivado de *siedzieć<sup>I</sup>* (ficar sentado), mas que traz o prefixo *wy-* em vez de *na-*. Há ainda casos em que simplesmente não se pode estabelecer uma relação entre expoentes formais e classes de verbos. Este é o caso dos verbos estativos, por exemplo. Cockiewicz considera que esta é uma categoria “puramente” lexical. Finalmente, um mesmo verbo pode figurar em mais de uma classe, como é o caso de *poczytać<sup>P</sup>* acima, que pode, segundo o seu contexto de ocorrência, ser considerado um verbo *diminutivo* ou *delimitativo*. Realmente, Cockiewicz admite que algumas classes não podem ser definidas com base em verbos isolados, mas sim no contexto de ocorrência de um dado verbo. Diante da irregularidade e heterogeneidade que parece caracterizar as *Aktionsarten*, Cockiewicz sugere que talvez fosse melhor tratar essa categoria como classes de significados verbais, e não como classes de verbos. Além disso, vale também observar que as diversas classes em questão se relacionam bastante irregularmente com a categoria do aspecto verbal. Assim, algumas dessas classes apresentam apenas verbos imperfectivos, como os estativos por exemplo; outras apenas perfectivos, como os saturativos, havendo ainda outras que trazem tanto verbos perfectivos quanto imperfectivos, como os semelfactivos e os egressivos.

Diante desse cenário, Cockiewicz conclui que, numa língua eslava como o polônês, a *Aktionsart* ocuparia a área que se encontra na periferia da esfera do aspecto verbal, apresentando-se de modo irregular e heterogêneo, e sendo estabelecida a partir de critérios semânticos. Por sua vez, o *aspecto verbal* ocuparia o centro da esfera do

aspecto verbal, correspondendo, o seu conteúdo, a uma oposição regular de formas gramaticais. No caso do polonês (e demais línguas eslavas) essa oposição constitui uma subcategoria verbal autônoma, diferentemente do que ocorre em línguas como o alemão ou o inglês, por exemplo, que não apresentam um contraste entre verbos perfectivos e imperfectivos.

Uma vez estabelecida essa distinção entre *aspecto verbal* e *Aktionsart*, Cockiewicz propõe que o aspecto verbal eslavo seja considerado como uma categoria gramatical do verbo que permite referir-se a uma dada eventualidade como sendo:

1) **concluída** (no passado ou no futuro):

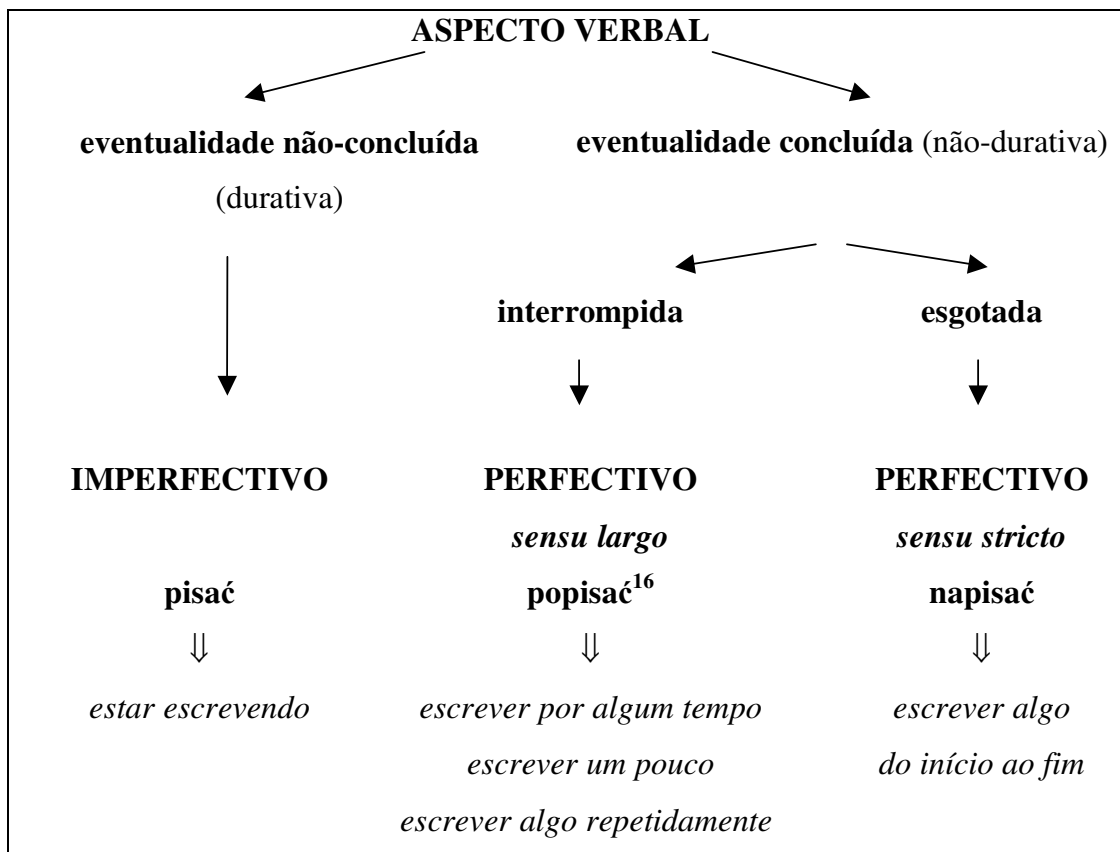
a) de forma natural (esgotada) ⇒ **perfectivo *sensu stricto***

b) de forma artificial (interrompida) ⇒ **perfectivo *sensu largo***

2) **não-concluída** (no passado, no presente ou no futuro) ⇒ **imperfectivo**

*Quadro 4: O Aspecto Verbal Eslavo segundo Cockiewicz (1992)*

Para ilustrar a relação da categoria do *aspecto verbal* com os verbos imperfectivos e perfectivos do polonês, Cockiewicz apresenta o esquema em 5 abaixo:



Quadro 5: O Aspecto Verbal em polonês segundo Cockiewicz (1992)

<sup>16</sup> A diferença entre *popisać<sup>P</sup>* e *napisać<sup>P</sup>* parece estar relacionada ao fenômeno da quantificação, e isso pelas seguintes razões: **a)** o verbo *napisać<sup>P</sup>* em geral não é usado intransitivamente; **b)** o verbo *popisać<sup>P</sup>* pode ou não trazer complemento, mas quando traz, esse é frequentemente entendido como um partitivo. Isso pode ser observado nas sentenças abaixo:

- (5) *Jan napisal list do siostry, ale ona nie odpisala.*  
*Jan escreverPERFEC.PAS.3PES.MASC.SING carta para irmã, mas ela não respondeu*  
*João escreveu uma carta para a irmã, mas ela não respondeu.*
- (6) *Jan popisał trochę i poszedł spać .*  
*Jan escreverPERFEC.PAS.3PES. MASC.SING um pouco e foi dormir.*  
*João escreveu um pouco e foi dormir.*
- (7) *Jan popisał kartki świąteczne do całej rodziny.*  
*Jan escreverPERFEC.PAS.3PES.MASC.SING cartões natalinos para toda família.*  
*João escreveu cartões de natal para toda a família.*

Como se pode ver no esquema do quadro 5, o verbo imperfectivo *pisac'* evoca uma eventualidade de *escrever* que não é considerada como concluída, independentemente do tempo verbal; por sua vez, o verbo perfectivo *napisac'<sup>P</sup>* faz referência a uma eventualidade de *escrever*, agora vista como concluída. Sendo “vista” como concluída, ela pode se manifestar antes ou depois do momento de fala, mas nunca poderá ser concomitante a esse momento. Justamente por essa razão, o tempo presente, em polonês, só é considerado com verbos imperfectivos, pois só esses verbos podem evocar eventualidades concomitantes ao momento de fala, como, aliás, foi observado no capítulo 1. É justamente isso que os termos durativo *versus* não-durativo pretendem expressar no quadro 4.

Para Cockiewicz, então, na esfera do *aspecto verbal* estaria apenas a informação quanto ao caráter *concluído* (dokonany) ou *não-concluído* (niedokonany) de uma eventualidade qualquer. Todos os outros “tipos” de informação que possam ser associados a uma eventualidade, como, por exemplo, noções de incoatividade, iteratividade, resultatividade, etc., estariam na esfera da *Aktionsart*. Assim sendo, Cockiewicz considera que as línguas eslavas em geral, e especificamente o polonês, têm meios formais para a expressão do *aspecto verbal*, meios esses de caráter eminentemente morfológico e derivacional, resultando isso na existência dos pares aspectuais apresentados no capítulo 1. Assumir isso resulta em considerar que *a oposição entre verbos imperfectivos e perfectivos existente em polonês é, sim, uma oposição de natureza aspectual*.

O grande problema com o polonês, e demais línguas eslavas, é que o mesmo processo derivacional que dá origem aos “pares aspectuais primários”, também gera verbos com diferença de significado. Recapitulando, o par aspectual primário é aquele que apresenta um verbo-base imperfectivo do qual, por meio de um processo de prefixação, deriva-se um verbo perfectivo. Exemplo: *pisac'*  $\Rightarrow$  *napisac'<sup>P</sup>* (*escrever*). O “par aspectual secundário”, por sua vez, é formado por um verbo perfectivo do qual, através do sufixo *-wa*, obtém-se um verbo imperfectivo, como *przepisac'<sup>P</sup>*  $\Rightarrow$  *przepisywac'* (*transcrever, copiar*). Por sua vez, *pisac'* e *przepisac'<sup>P</sup>*, na medida em que têm significados diferentes, não podem ser considerados um “par aspectual”, estando a

diferença entre eles no âmbito do léxico, portanto, no da *Aktionsart*, tal qual Cockiewicz a compreende.

Os pares aspectuais secundários não apresentam problemas, pois os lingüistas em geral consideram que se trata efetivamente de uma oposição puramente aspectual. O problema são os pares aspectuais primários, e isso pelas seguintes razões: em primeiro lugar, nem todos concordam com a existência desses pares aspectuais, como é o caso de Filip (1999), no sentido de que os dois verbos do par tenham o mesmo significado. De fato, Filip considera que *pisac<sup>I</sup>* e *napisac<sup>P</sup>*, por exemplo, têm significados diferentes devido à contribuição semântica do prefixo *-na*, originalmente uma preposição equivalente a *em, sobre* em polonês<sup>17</sup>. O outro problema é que, nas línguas eslavas, a prefixação de um verbo imperfectivo resulta *sempre* na alteração aspectual do verbo em questão, e nisso Filip e Cockiewicz estão de pleno acordo. Em outras palavras, quer a alteração de significado ocorra sempre (como afirma Filip), quer não (como diz Cockiewicz), o fato é que a aplicação de um prefixo a um verbo-base induz a alteração de valor aspectual.

O papel dos prefixos verbais das línguas eslavas é, como se vê, um assunto bastante complexo, pois parece haver uma sobreposição de duas categorias consideradas por muitos como distintas: a *Aktionsart* (ou aspecto lexical) e o *aspecto verbal* (ou aspecto gramatical), decorrendo daí uma sobreposição entre gramática e léxico. Essa sobreposição dificulta ainda mais o tratamento da questão do aspecto verbal nessas línguas. De qualquer forma, a maioria dos autores procura estabelecer uma linha divisória, atribuindo o aspecto verbal ao domínio da gramática e a *Aktionsart* do verbo ao domínio do léxico (numa relação lexical e derivacional). Diante disso, a distinção entre aspecto verbal como uma categoria gramatical e *Aktionsart* como uma categoria léxico-derivacional parece resultar numa simples postulação, uma opção metodológica decorrente dos estudos estruturalistas. Parece não haver uma resposta definitiva com relação ao que é a categoria do aspecto verbal nas

---

<sup>17</sup> Conforme observado, parece realmente que verbo prefixado *napisac<sup>P</sup>* se especializou na função de contraparte perfectiva de *pisac<sup>I</sup>*. Argumentos em defesa dessa posição foram apresentados na subseção referente à derivação verbal do polonês, no capítulo 1.



línguas eslavas, uma categoria flexional ou derivacional, já que os verbos perfectivos e imperfectivos relacionam-se uns aos outros por processos derivacionais que têm efeitos em suas propriedades aspectuais. Como a derivação cria novos verbos (seja na perspectiva de Filip ou na de Cockiewicz), qualquer categoria assim expressa deveria ser uma categoria derivacional em lugar de gramatical. Por outro lado, embora a sufixação com **-wa** tenha características flexionais, semelhantemente ao **-va** do pretérito imperfeito em português, ela não é inteiramente produtiva, uma vez que não pode ser aplicada a quaisquer verbos (*napisać<sup>P</sup> ⇒ \*napisywać<sup>I</sup>*).

Diante desse “imbróglío”, Dahl (1985), por exemplo, considera que o perfectivo e o imperfectivo eslavos não devem ser vistos como categorias flexionais, mas sim como categorias léxico-derivacionais que são parcialmente lexicalizadas. Nas suas palavras “*the semantic differences that we have seen might then reflect the fact that the slavonic categories grammaticalize perfectivity:imperfectivity on the lexical rather than on the level of inflexional morfology*” (Dahl, 1985, p. 19). Para Spencer (1991, p. 197) a distinção aspectual eslava apresenta um excelente exemplo de “fusão” entre flexão e derivação. Diante de todas essas questões, muitos vêm abandonando a distinção entre flexão e derivação ao tratar da questão do aspecto verbal nas línguas eslavas.

## 2.6 PERFECTIVO E TÉLICO

Como foi visto ao longo deste capítulo, muitos lingüistas estabelecem uma distinção entre *classe aspectual* (aspecto lexical, *Aktionsart*) e *aspecto verbal* (aspecto gramatical). Também foi observado que, paralelamente ao aspecto lexical está a oposição [ $\pm$ télico], enquanto que o contraste [ $\pm$ perfectivo] refere-se ao aspecto gramatical. Além disso, parece claro que as noções de *classe aspectual* e *aspecto verbal* não são noções totalmente independentes, estando intimamente relacionadas.

Justamente em função dessa relação, muitos consideram que há uma convergência entre o aspecto verbal imperfectivo e os verbos atélicos por um lado e, por outro, do aspecto perfectivo com os verbos télicos. Um exemplo deste tipo de

visão é Castilho (1968) que entende que o aspecto verbal é uma categoria de natureza léxico-sintática, expressa a partir da interação entre diversos “elementos”, que vão desde o sentido que a raiz do verbo contém (semantema) até elementos sintático-morfológicos, tais como: adjuntos adverbiais, o complemento do verbo, certos tipos oracionais, a flexão temporal, as perífrases e os sufixos. Nesse sentido, é correto afirmar que Castilho considera o aspecto como sendo uma propriedade das sentenças e não apenas do verbo.

Para ele, o aspecto é uma representação espacial do processo e do estado expressos pelo verbo, indicando a duração ou desenvolvimento desse processo e/ou estado. Partindo desse conceito, ele classifica os verbos em duas categorias: verbos télicos (ações) e verbos atélicos (processos). Verbos télicos são aqueles que expressam ações que tendem a um ponto culminante para que a ação em questão realmente ocorra, por exemplo: *matar, morrer, cair, engolir*, etc. Os verbos atélicos, por sua vez, representam um processo em sua duração, não havendo a necessidade de um ponto culminante para que se considere a existência desse processo. Como exemplo de verbos atélicos, tem-se: *mastigar, viver, escrever, acompanhar*.

Considerando-se essa divisão, pode-se dizer que os verbos télicos atualizam aspecto perfectivo enquanto os atélicos atualizam aspecto imperfectivo, embora a flexão, os adjuntos adverbiais e os complementos possam provocar mudanças de uma classe à outra. Nesse ponto de vista, as duas categorias, aspecto lexical e aspecto verbal, ou gramatical, acabam sendo redundantes. Alguns consideram essa concepção inadequada, como é o caso de Berntinnetto (2001, p. 178) que pretende mostrar “*the weakness of this conception*”. Para tanto, ele retoma a classificação vendleriana a partir das propriedades que a caracterizam: *duratividade, dinamicidade e homogeneidade*, relacionando-as como mostra o quadro 6:

	<b>Durativo</b>	<b>Dinâmico</b>	<b>Homogêneo</b>
<b>Estados</b>	+	-	+
<b>Atividades</b>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

*Quadro 6:* Propriedades das classes aspectuais segundo Bertinetto (2001)

Para Bertinetto, a homogeneidade se refere à ausência de um limite interno inerente em uma eventualidade qualquer. Essa propriedade é fundamental na distinção entre telicidade e atelicidade, caracterizando eventualidades atéticas (estados e atividades) da seguinte forma: se uma eventualidade  $f$  ocorre num intervalo de tempo  $I$ , então  $f$  também ocorre em cada subintervalo de  $I$ .

Quanto à dinamicidade, Bertinetto a conceitua partindo da caracterização dos estados. Ele observa que eventualidades desse tipo são “densas”, tendo uma estrutura isomórfica, ou seja, são eventualidades que não apresentam nenhum desenvolvimento interno sendo, portanto, [-dinâmicas], razão pela qual são mais refratárias ao emprego do progressivo do que outros tipos de eventualidades. Após estabelecer a oposição entre eventualidades [-dinâmicas], os estados, e eventualidade [+dinâmicas], *achievements*, *accomplishments* e atividades, Bertinetto sugere que a seqüência mínima de gestos que instancia uma eventualidade dinâmica qualquer seja chamada de “átomo dinâmico”. Os estados, por sua vez, podem ser entendidos como compostos por “átomos estáticos”, havendo, a seguinte diferença entre átomos dinâmicos e estáticos: os primeiros correspondem à granularidade mínima definida pela eventualidade considerada e, conseqüentemente, não são divisíveis indefinidamente; os átomos estáticos, ao contrário, podem ser subdivididos irrestritamente, pois constituem justamente os estados, que não apresentam granularidade.

Com isso em mente, Bertinetto propõe considerar as eventualidades como sendo compostas de conjuntos de átomos (dinâmicos e/ou estáticos). Assim, a duratividade pode ser entendida como a propriedade que permite diferenciar eventualidades [-durativas], como os *achievements*, que são constituídos por *um único*

*átomo dinâmico seguido de um átomo estático* que instancia o “telos” atingido pela realização da eventualidade em questão, de eventualidades [+durativas] como os *accomplishments*, que envolvem *um conjunto de átomos dinâmicos seguidos de um átomo estático*. Os *accomplishments*, por sua vez, diferenciam-se das atividades, que também são [+durativas] e constituídas por um conjunto de átomos dinâmicos, pelo fato de apresentarem um “telos” estático como resultado da realização da eventualidade, ao contrário das atividades.

Ainda quanto à duratividade, Bertinetto observa que essa propriedade deve ser entendida num sentido “estritamente operacional”, já que qualquer eventualidade, por mais breve que seja, tem uma certa duração, de modo que seria difícil conceber uma eventualidade que fosse “realmente” [-durativa]. Ele lembra, porém, que faz sentido considerar a oposição [ $\pm$ durativo] diante do contraste entre sentenças como *João gostou de música à meia noite dois dias atrás*, que soa estranha, e *João atingiu o topo da montanha ao meio dia*, que é perfeitamente natural.

A atribuição das classes do quadro 6, que Bertinetto chama de *classes acionais*, a um predicado deve levar em conta duas coisas: o predicado deve ser entendido em sua estrutura argumental, pois sabe-se que, enquanto *desenhar* é sempre uma atividade, *desenhar um círculo* é um *accomplishment*; além disso, a natureza dos determinantes também tem um papel importante nessa história, já que *desenhar um, três, os círculos* é um *accomplishment*, mas *desenhar círculos* é novamente uma atividade. Da mesma forma, *João caiu* é um *achievement*, enquanto que *as pedras caíram ao longo da estrada (durante todo o verão)* é uma atividade. Diante disso, Bertinetto conclui que um dado predicado pode ser relacionado a mais de uma classe acional.

Quanto à categoria do aspecto verbal, Bertinetto observa que o perfectivo implica atingir o “telos” no caso dos predicados télicos, como o *achievement sair* ou o *accomplishment desenhar um círculo*, enquanto o imperfectivo, além de não ter essa implicação, ainda provoca a suspensão da telicidade, o que, aliás, está na base do paradoxo do imperfectivo (que para ele deveria ser o “paradoxo da telicidade”). Para o autor, portanto, certas instâncias da imperfectividade, como o progressivo, são

responsáveis pela suspensão da telicidade inerente aos verbos téllicos. Além disso, as situações perfectivas são construídas como intervalos de tempo fechados, uma vez que a eventualidade é vista em sua totalidade, enquanto situações imperfectivas dizem respeito a intervalos de tempo que estão abertos em sua borda direita, ou seja, sua conclusão está fora do horizonte do falante (mesmo que este esteja perfeitamente consciente de que essa conclusão possa ou venha a ocorrer).

Outra observação importante é que o aspecto é diretamente transmitido pelos vários tempos verbais (*tenses*) de que dispõem as línguas, sendo uma categoria absolutamente independente da classe acional, já que esta está relacionada ao significado lexical dos predicados. Em outras palavras, enquanto o aspecto é expresso por meio de dispositivos morfossintáticos, a classe acional é uma propriedade do léxico, havendo ainda a possibilidade de processos derivacionais estarem envolvidos em sua determinação. Contudo, como a especificação acional de um predicado não pode ser acessada sem levar em conta os diversos contextos sintáticos nos quais ele aparece, o valor aspectual de um dado tempo verbal não está especificado definitivamente.

Diante desse quadro, Bertinetto considera que aspecto e acionalidade, ainda que possam ser entendidos como duas categorias ortogonais em função de estarem ligados a dois diferentes “veículos” de expressão (tempos verbais *versus* entradas lexicais), apresentam uma série de interações, das quais um exemplo claro é o paradoxo do imperfectivo, quando verbos téllicos têm sua telicidade suspensa em contextos imperfectivos. Da mesma forma, é possível encontrar casos em que as duas categorias convergem, como se verá no capítulo 3.

### 2.6.1 A confusão entre Perfectivo e Téllico

Em línguas como o português, em que um passado perfectivo e imperfectivo contrastam, os verbos estativos freqüentemente adquirem um significado dinâmico, não-estático, quando usados no passado perfectivo. Isso poderia ser um indício de que, de fato, existe uma convergência entre as duas categorias, a do aspecto verbal e a da acionalidade. Assim, seria possível afirmar que sentenças perfectivas dão origem a

eventualidades télicas, enquanto sentenças imperfectivas instanciam eventualidades atélicas. Contudo, embora isso de fato ocorra ocasionalmente, não é absolutamente impossível encontrar sentenças em que predicados com verbos estativos no passado perfectivo preservam seu caráter acional inerente. Observem-se, pois, as sentenças abaixo:

(8) *Como seu time perdeu o jogo, João teve uma dor de estômago que durou o resto da tarde.*

(9) *Não foi possível falar com ele; João teve dor de estômago a tarde toda.*

Segundo Bertinetto, enquanto a sentença (8) apresenta o pretérito perfeito do verbo *ter* com valor ingressivo, ou seja, indicando o momento em que o estado de *ter dor* teve início, caracterizando portanto uma eventualidade dinâmica, (9) traz o mesmo verbo, porém referindo-se agora a um estado de *ter dor* em que a dinamicidade não é considerada, fazendo-se antes referência à duração da eventualidade.

Portanto, o pretérito perfeito, nos contextos apropriados, pode referir-se sim a eventualidades dinâmicas, ou ingressivas, como também pode referir-se a eventualidades estativas. Essas alterações de sentido correspondem à coerção acional que, no caso da sentença (8), é uma alteração de um predicado estativo (e portanto atélico) para uma eventualidade télica. Todavia, é incorreto assumir que isso é necessariamente uma consequência do pretérito perfeito, já que ao se aplicar esse tempo verbal ao mesmo verbo de estado, o resultado pode ser o de um estado que durou por um período limitado de tempo, como em (9).

Há ainda casos em que a classe acional impõe restrições à interpretação aspectual, como mostram (10) e (11) abaixo:

(10) *O cartaz dizia: perigo de avalanche.*

(11) *??O cartaz disse: perigo de avalanche.*

Nessas sentenças, Bertinetto argumenta que o valor estativo do verbo *dizer*, combinado com a natureza inanimada (não-agentiva) do sujeito (o cartaz) restringe o uso do pretérito perfeito, que claramente sugeriria uma interpretação dinâmica. Esse tipo de fenômeno, por um lado, comprovaria que as duas categorias, a acionalidade e o aspecto, são duas noções independentes e, na realidade, interagem para expressar informações de natureza aspectual, variando de caso para caso o produto dessa interação. De qualquer forma, também se pode explicar o fenômeno observado em (10) e (11) por papel temático.

Bertinetto defende também a idéia de que os fenômenos aspectuais devem ser tratados numa abordagem tipológica, ou seja, para proceder a uma interpretação aspectual correta de uma dada sentença, deve-se considerar o funcionamento de línguas que, em contextos similares, apresentam contrastes aspectuais explícitos. Esse é, por exemplo, o caso do português em relação ao inglês. Nesta língua, uma sentença como *Mary lived in New York in the sixties* pode corresponder, nos contextos apropriados, a duas sentenças em português: *Mary viveu em Nova Iorque nos anos 60* ou *Mary vivia em Nova Iorque nos anos sessenta*.

Como em português os dois tempos do passado, o pretérito perfeito e o imperfeito, expressam uma oposição puramente aspectual<sup>18</sup>, nessa língua há que se fazer uma escolha morfológica explícita em função do caráter aspectual da situação referida. O inglês, uma vez que não apresenta esse tipo de contraste com verbos estativos – e frequentemente nem mesmo com não-estativos – apresenta um certo grau de neutralização nessa área específica do domínio aspectual. Esse dado reforça ainda mais a idéia de que as duas categorias, a do aspecto e a da acionalidade não co-variam, mas ocorrem, num sentido bem amplo, independentemente uma da outra.

Estabelecendo a distinção entre aspecto e acionalidade, bem como atribuindo a oposição perfectivo/imperfectivo ao domínio da primeira e télico/atélico ao da segunda categoria, Bertinetto observa que, embora tanto a telicidade quanto a perfectividade refiram-se ao ponto final de uma eventualidade, é necessário, uma vez que se trata de

---

<sup>18</sup> Vale observar que a oposição entre *viveu/vivia* nas sentenças do português é uma oposição puramente aspectual: o predicado é estativo nas duas sentenças, ou seja, essa oposição não tem nada a ver com acionalidade.

categorias diferentes, distinguir também entre a “*terminatividade*” imposta pelo perfectivo e a “*delimitação*”<sup>19</sup> decorrente das eventualidades télicas. Trata-se do seguinte: como a terminatividade está no âmbito do aspecto, o ponto final é EXTERNO à eventualidade; ele depende apenas da perspectiva perfectiva adotada pelo falante, que escolhe “ver” a eventualidade em sua totalidade e, portanto, como um intervalo de tempo fechado em sua borda direita, independentemente da natureza acional do predicado envolvido. No caso da delimitação, o ponto final é INTERNO à eventualidade. Aqui, o ponto final coincide com o conseqüente estado subentendido por eventualidades télicas em suas leituras perfectivas (se, por exemplo, *João comeu uma maçã*, configurou-se o estado de uma maçã ter sido comida como conseqüência da eventualidade de comer). Vale observar, ainda, que a telicidade implica perfectividade (ou delimitação implica terminatividade), mas a perfectividade é neutra com relação à telicidade (terminatividade não acarreta delimitação). Em outras palavras, a relação entre delimitação e terminatividade não é simétrica, pois ambas, eventualidades télicas e atélicas, podem ser vistas como aspectualmente terminadas. Por exemplo, uma sentença como *Marco esteve doente por um mês (no ano passado)* apresenta uma situação claramente terminada referindo-se a uma eventualidade não-delimitada. Nesse caso, o ponto final aspectualmente induzido não tem nada a ver com as propriedades inerentes do predicado.

Após todas essas considerações, que serão tratadas mais detalhadamente no capítulo 3 deste trabalho, Bertinetto observa que a constante confusão entre perfectivo e télico não é decorrente apenas de mal-entendidos teóricos, mas também porque esse tipo de sobreposição, o das duas categorias, pode muito bem corresponder a um caminho espontaneamente tomado por certas línguas em sua evolução. Por exemplo, se assumirmos que qualquer língua precisa expressar a presença *versus* ausência do ponto final de uma eventualidade, e que esse ponto final pode ser télico, isto é, interno e/ou inerente à eventualidade em questão (delimitado, para Bertinetto), ou então esse ponto final pode ser externo à eventualidade, sendo essa então retratada de um ponto de vista perfectivo (terminativo, para Bertinetto), então, numa situação ideal, as

---

<sup>19</sup> Aqui *delimitação* é a tradução para o inglês *boundedness*.



línguas deveriam ter dispositivos independentes para expressar essas diferentes maneiras de indicar a presença ou ausência de pontos finais. Um caso assim é o búlgaro que expressa independentemente o contraste [ $\pm$  perfectivo] por meio de distinções flexionais e o contraste [ $\pm$ télico] por meio de seleção lexical apropriada.

Justamente, o búlgaro e as línguas eslavas têm meios explícitos de marcar a oposição télico/atélico, de forma que a escolha lexical do predicado envolve um significado acional específico. É possível, então, que o eslavo antigo, além da marcação da oposição aspectual [ $\pm$ perfectivo], tivesse também um aparato morfológico para marcar o contraste [ $\pm$ télico], por exemplo, por meio de prefixos que marcam o caráter télico de um dado predicado. Esse sistema incrivelmente rico e capaz de expressar as mais refinadas nuances aspectuais e temporais pode, em determinado momento, ter-se tornado redundante, a morfologia aspectual esvaziando a acional e/ou vice-versa, em vez de reforçarem-se uma à outra. O estágio seguinte consistiria então – como de fato parece ser o caso de várias línguas eslavas, como o polonês, russo, tcheco – em abandonar a morfologia aspectual e refuncionalizar a morfologia originalmente acional. Realmente, como foi mostrado no capítulo 1, o polonês apresenta um sistema temporal bastante simplificado, com apenas um tempo passado, no qual se distribuem os verbos imperfectivos e perfectivos. Em função dessa pobreza do sistema flexional, certas oposições lexicais nessa língua (que originalmente expressavam classes acionais) acabaram absorvendo a função anteriormente desempenhada pela morfologia flexional (aspectual). Todo esse processo resultou num sistema sincrético em que a acionalidade e o aspecto aparecem como estreitamente envolvidos.

Em função desse quadro, a confusão entre perfectivo e télico não é apenas uma ilusão ou miragem teórica decorrente de mal-entendidos, mas corresponde efetivamente à realidade de algumas línguas. O erro, obviamente, consiste em generalizar essa situação a outras línguas, nas quais a oposição [ $\pm$ télico] não é expressa morfológicamente, sendo antes uma especificação puramente lexical. Portanto, a despeito da distinção proposta entre télico e perfectivo, não é possível dizer que telicidade e perfectividade nunca apresentem uma tendência a convergirem nas línguas

naturais. Como se verá no capítulo 3, o polonês pode ser uma evidência de que isso realmente ocorre.

## 2.7 A ASPECTUALIDADE

Como foi possível observar, Bertinetto reconhece que a confusão entre classe aspectual e aspecto verbal pode decorrer do fato de que, em algumas línguas, essas duas categorias se sobrepõem, ou, nas suas palavras, convergem. De qualquer modo, ele ressalta que, independentemente da língua em questão, é preciso estabelecer uma distinção clara entre essas duas categorias. Nesse sentido, Bertinetto tem uma posição semelhante à de Dowty (1979), que opõe classe aspectual e aspecto verbal, bem como à de Rothstein (2004) e Filip (1999), que opõem aspecto lexical e aspecto gramatical, e também de Cockiewicz (1992), que opõe *Aktionsart* e aspecto verbal.

Entretanto, há também quem considere que a distinção entre essas duas categorias, e as demais distinções dela decorrentes, não é tão simples assim de fazer. Um exemplo dessa posição é Verkuyl (1999). Este, assim como Bertinetto, tem consciência das peculiaridades do sistema aspectual eslavo em relação às línguas européias ocidentais, e propõe tratar a questão do aspecto verbal a partir de uma abordagem única que sirva para as diferentes famílias de línguas. Justamente, o seu primeiro passo nesse sentido é assumir que *Aktionsart* e *aspecto verbal* são a mesma coisa, pelo menos até que haja evidências contrárias a essa posição. Nas suas palavras:

*“I have been aware of the fact that the claim that  $[\pm P] = [\pm T]$ <sup>20</sup> has a consequence that two oppositions are conflated: the opposition between the so-called Aktionsarten and the opposition between Imp and Perf. Yet it seems to me that the way this difference was dealt with in the literature made it necessary to conflate the two oppositions as a matter of strategy. It is necessary*

---

<sup>20</sup>  $[\pm P]$  corresponde a  $[\pm\text{perfectivo}]$ , ou seja, está na esfera do que Bertinetto e outros chamam de aspecto verbal ou gramatical; por sua vez,  $[\pm T]$  equivale a  $[\pm\text{terminativo}]$ , remetendo às classes acionais de Bertinetto ou ao aspecto lexical de Rothstein e Filip.

*to show that  $[\pm P] \neq [\pm T]$  rather than assume it, in particular if one aims at a universally applicable theory of aspectuality as a part of a theory about how languages deal with temporal structure”.* (Verkuyl, 1999, p. 126)

Para explicar como seria possível englobar essas duas categorias, Verkuyl parte justamente da posição eslava tradicional em relação à problemática do aspecto verbal. Nessa tradição, o aspecto sempre foi considerado uma questão relativa ao verbo, assim, um predicado V qualquer é sempre analisado em termos de uma propriedade semântica  $[\pm T]$ , isto é,  $[\pm \text{terminativo}]$ , cuja presença ou ausência pode resultar num afixo que aparece ligado à raiz verbal.

Diante de um predicado V que pode ser  $[\pm T]$  é possível, então, tomar duas posições: a primeira consiste em considerar o item lexical do verbo. Nesse ponto de vista, muitas vezes chamado de **objetivo**, toma-se o verbo separadamente em relação a seus argumentos.  $[\pm T]$  é considerado, então, um problema eminentemente lexical; a segunda posição consiste em considerar a natureza dos argumentos do verbo. Essa posição é chamada de **subjativa**. Agora, o  $[\pm T]$  é atribuído à predicação como um todo e, nesse caso, a aspectualidade recai no domínio da gramática. No caso da caracterização lexical de V, sem levar em conta os argumentos, emprega-se o termo *Aktionsart*, enquanto que o termo *aspecto* fica reservado ao âmbito da gramática.

Além disso, a primeira posição considera que o verbo, tomado à parte, pode ser inerentemente durativo ou atélico, e que um prefixo perfectivo produziria um efeito semântico apresentando a predicação como um todo indivisível, uma unidade. Pode-se também dizer que um verbo tomado à parte pode ser inerentemente télico ou terminativo e, nesse caso, a contribuição de um prefixo é nula ou mínima. Já no caso da segunda posição, pode-se considerar que o verbo é, na verdade, uma raiz verbal que depende da presença do prefixo aspectual e das informações fornecidas pelos argumentos e, a partir da interação entre esses elementos todos, uma interpretação aspectual é construída, resultando na terminatividade/telicidade ou na duratividade/atelicidade que é expressa. Em outras palavras, a segunda posição toma o traço  $[\pm T]$  do verbo e o atribui à sentença como um todo.

Essas duas posições, entretanto, parecem ser redundantes, na medida em que a lingüística trata um verbo como *comer*, por exemplo, a partir de um esquema do tipo COMER (x,y), isto é, considerando *necessariamente* os seus argumentos. Portanto, tomar esse verbo “à parte” e considerá-lo inerentemente télico significa fazê-lo levando em conta os seus argumentos. Diante disso, a distinção entre *aspecto verbal* e *Aktionsart* parece um problema metodológico, havendo inclusive a hipótese de que simplesmente não haja essa diferença. Verkuyl também lembra que a classificação vendleriana, que tanto tem influenciado o tratamento que os lingüistas dão ao aspecto verbal é, na verdade, uma classificação oriunda de um trabalho filosófico, e não lingüístico, pelo que Verkuyl se mostra cético diante dessa classificação, na medida em que ela parece conduzir à ontologia, e não à lingüística. De fato, Verkuyl (1999, p. 119) considera a influência da classificação de Vendler como “*a setback with respect to the insight in linguistic theory formation slowly emerging in the first half of this century – namely that aspectuality is a sentential matter*”.

Uma vez tomada essa posição, Verkuyl propõe o termo *aspectualidade* para englobar, com uma única expressão, os dois outros termos tradicionalmente empregados: *aspecto verbal* e *Aktionsart*. A aspectualidade, para ele, pode ser vista como um fenômeno unificado relativo a certas propriedades da estruturação temporal em língua natural, para as quais as línguas desenvolveram diferentes estratégias de marcação em suas morfologia ou sintaxe.

Para defender sua posição, Verkuyl apresenta uma série de críticas às classes aspectuais de Vendler (1957), bem como ao tratamento dado por Dowty (1979) à problemática do aspecto verbal. Ele observa, aliás, que não há semântica sem sintaxe e que qualquer teoria aspectual que venha a ser proposta deve levar sempre em conta a sintaxe subjacente. Nesse sentido, Verkuyl considera a classificação de Vendler como uma espécie de híbrido, já que essa classificação, por um lado, aponta na direção de se considerar a aspectualidade no nível da sentença, pois se baseia em uma série de restrições de ordem sentencial, mas ao mesmo tempo, ao atribuir a aspectualidade ao item lexical do verbo, acaba por restringir a esse a interpretação aspectual.

Ele também critica o que chama de “tradição da coerção” (*coercion tradition*) introduzida por Dowty (1979), cuja origem está justamente no fato de se atribuir ao

verbo tomado “à parte” a interpretação aspectual. Vejamos em que consiste essa “tradição da coerção” a partir de (12a) e (12b) abaixo:

(12a) *Mary lifted 4 tables.*

*Mary levantou quatro mesas.*

(12b) *Mary lifted tables.*

*Mary levantou mesas.*

Observando essas sentenças, pode-se dizer que (12a), na medida em que apresenta o argumento *quatro mesas*, é uma sentença terminativa; já (12b), é considerada durativa em inglês. Por sua vez, ao se acrescentar uma locução adverbial como *for hours* às duas sentenças acima, a segunda mantém a sua natureza durativa e soa mais natural do que a primeira. Esta, seguida da locução adverbial em questão, apresenta um valor iterativo, ao contrário da outra. Isso pode ser observado em (12c) e (12d) abaixo:

(12c) *Mary lifted 4 tables for hours.*

*Mary levantou quatro mesas por horas.*

(12d) *Mary lifted tables for hours*

*Mary levantou mesas por horas.*

Diante disso, suponhamos que o verbo *lift* signifique algo como *erguer*, *trazer/levar algo para cima* e que essa seja toda a informação associada ao uso desse verbo. Surge então a questão: de que forma esse verbo contribui para informar a noção de terminatividade expressa em (12a)? Uma resposta possível para essa pergunta seria afirmar que esse verbo apresenta um “ponto culminante” que lhe é inerente. Assumir essa posição resultaria, então, em adotar também a noção de coerção aspectual, já que em (12b), o predicado “muda” para uma outra classe aspectual. O mesmo pode ser observado em (13a), (13b) e (13c):

(13a) *John walked.*

*João caminhou.*

(13b) *John walked home.*

*João caminhou até em casa.*

(13c) *People walked home.*

*Pessoas caminharam até em casa.*

A coerção aspectual pode ser observada mais uma vez aqui, na medida em que *walk* em (13a) é um predicado durativo, enquanto que em (13b), por ser seguido de *home*, ele é caracterizado como um predicado terminativo, ou seja, aqui *walk* pertence à classe daqueles predicados que apresentam um ponto culminante. Para completar o quadro, (13c) apresenta o mesmo verbo *walk* seguido de *home* mas, diferentemente de (13b), agora estamos novamente diante de um predicado durativo, em função da natureza do sujeito.

Para Verkuyl (1972, 1993, 1999), não só não é necessário tratar esses dados a partir dessa noção de coerção aspectual, como isso pode até se revelar um equívoco, pois qualquer elemento semântico que possa ser responsável pelo sentido de completude de sentenças como (12a) e (13b), este não pode estar apenas no verbo, mas sim localizado na interação entre o verbo e seus complementos. Nas palavras de Verkuyl (1999, p. 97): “*to use a chemical metaphor, the sense of completion is expressed by a semantic molecule, which is made up of semantic atoms, one being located in the verb and the other one(s) in its arguments*”.

O “átomo” localizado no verbo é o traço [ $\pm$ ADDTO] que interage com o “átomo” presente nos argumentos do verbo, o traço [ $\pm$ SQA]. É dessa interação que resulta o valor [+T], caso os valores de ambos os traços sejam positivos, ou então [-T], se ao menos um valor for negativo. O traço [ $\pm$ ADDTO] associa-se à presença/ausência de uma idéia de “progresso no tempo”, quer dizer, um verbo qualquer que expresse uma situação em que haja “progresso no tempo” terá o traço [+ADDTO], enquanto

que àquele que se refere a uma situação que não avance no tempo será atribuído o traço [-ADDTO]. Por exemplo, é possível afirmar que, a partir do momento em que alguém começa a tricotar um par de luvas, a cada instante essa pessoa estará acrescentando algo ao que está sendo tricotado. Em outras palavras, o passar do tempo corresponde, por um lado, a um progresso da situação em questão, que atingirá eventualmente um ponto final. Por outro lado, pode-se pensar, nos termos de Krifka (1989, 1992), que essa “progressão no tempo” equivale a uma transformação física do objeto em questão até que, no último arremate, ele se transforme num par de luvas. Entretanto, ao se dizer que o objeto em questão *é* um par de luvas, percebe-se claramente que o verbo *ser* não expressa uma idéia de “progresso no tempo”, mas sim uma situação estática. Por sua vez, o traço [ $\pm$ SQA], do inglês *specified quantity of an individual A*, traz informações quanto à quantidade denotada pelo sintagma nominal, que pode ser determinada, especificada ou indefinida.

Além dos dois traços, é importante ainda mencionar o “Princípio do Mais” (*The Plus-Principle*) que, justamente, é o que possibilita a distinção entre os dois valores aspectuais propostos por Verkuyl: o *terminativo* e o *durativo*. Esse “Princípio do Mais” consiste simplesmente em observar se os valores dos traços nominais [ $\pm$ SQA] e verbais [ $\pm$ ADDTO] de um predicado são todos positivos ou não. Caso eles sejam todos positivos, o predicado será *terminativo*; por outro lado, se pelo menos um dos valores resultar negativo, então o predicado será *durativo*. As sentenças abaixo exemplificam a aplicação desse princípio:

(14a) *Maria*            *comeu*            *três sanduíches.*  
 [+T<sub>S</sub>   [+SQA   [+T<sub>VP</sub> [+ADDTO]     [+SQA]]]            ⇒ **Valor terminativo.**

(14b) *Maria*            *comeu*            *sanduíches.*  
 [-T<sub>S</sub>   [+SQA   [-T<sub>VP</sub> [+ADDTO]     [-SQA]]]            ⇒ **Valor durativo.**

(14c) *Maria*            *odeia*            *o João.*  
 [-T<sub>S</sub>   [+SQA   [-T<sub>VP</sub> [-ADDTO]     [+SQA]]]            ⇒ **Valor durativo.**

Como indicam (14a), (14b) e (14c), há várias formas de se obter [-T], mas apenas uma única para se obter [+T].

## 2.8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como se viu ao longo deste capítulo, a maioria dos autores considera que a distinção entre classe aspectual e aspecto verbal, bem como as demais distinções daí decorrentes, isto é, [±télico] e [±perfectivo] respectivamente, é necessária ao se falar em aspecto verbal. Dentre os autores que tomam essa posição, ressalto aqui Bertinetto (2001) que, além de considerar a distinção em questão como fundamental para uma melhor compreensão do fenômeno do aspecto verbal, ainda trata explicitamente da confusão entre essas duas esferas do aspecto, discorrendo sobre aquilo que ele denomina de “*a confusão perfectivo-télico*” (*The perfective telic confusion* ⇒ *the PTC confusion*). Estabelecendo um diálogo interessante com Bertinetto (2001) está Verkuyl (1999), para o qual o aspecto verbal só pode ser tratado como uma propriedade da sentença, em que as propriedades semânticas do verbo, no caso o traço [±ADDT0], combinam-se com a contribuição semântica dos argumentos do verbo, [±SQA], essa interação compondo a interpretação aspectual de um dado predicado. Nesse sentido, Verkuyl julga que a distinção entre classe aspectual, com sua oposição [±télico], e aspecto verbal, com o contraste [±perfectivo], pode ser considerada como uma questão metodológica, não sendo, portanto, fundamental, sobretudo se o que se almeja é um tratamento universalmente aplicável à problemática do aspecto verbal, independentemente dos recursos que as diferentes línguas têm para a expressão dessa categoria. Justamente por essa razão é que Verkuyl propõe o termo aspectualidade para se referir ao fenômeno do aspecto verbal, esse considerado como um fenômeno que só emerge a partir da interação entre os diversos elementos que compõem, ao menos, um predicado, caracterizando-o como [±terminativo]. Essas duas posições, a defendida por Verkuyl e a defendida pelos outros autores, que podem ser agrupados em torno de Bertinetto, serão analisadas e discutidas no capítulo 3, a partir da análise de dados do polonês.



### 3. *AKTIONSART* E ASPECTO VERBAL NO POLONÊS: UMA ANÁLISE

#### 3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo dois deste trabalho foi apresentado um panorama da classificação aspectual tal qual a consideram autores como Vendler (1957), Dowty (1979), Rothstein (2004), Filip (1999), Cockiewicz (1992), Verkuyl (1999) e Bertinetto (2001). Observou-se, igualmente, que Verkuyl assume uma posição algo diferente daquela dos demais autores mencionados no que se refere à distinção entre Aspecto Verbal e *Aktionsart*, bem como aos valores [ $\pm$ perfectivo] e [ $\pm$ télico], associados à primeira e à segunda categoria, respectivamente. Justamente, este capítulo pretende apresentar um “diálogo” entre a abordagem de Verkuyl e a dos demais autores, que serão representados aqui por Bertinetto. A escolha por Bertinetto justifica-se por duas razões: primeira, o autor trata especificamente da distinção entre Aspecto Verbal e *Aktionsart*; segundo, o autor faz referência direta às línguas eslavas, propondo uma explicação bastante interessante para alguns problemas observados no capítulo um, como a questão dos pares aspectuais, por exemplo. Assim sendo, este capítulo apresenta a abordagem de Verkuyl em linhas gerais, seguindo-se algumas reflexões oriundas da aplicação dessa abordagem ao polonês, havendo ainda algumas considerações sobre a prefixação verbal nessa língua – fenômeno que Verkuyl relaciona à marcação dos valores aspectuais por ele propostos [ $\pm$ terminativo] – concluindo-se essa discussão com a apresentação de alguns argumentos *a favor* da distinção entre Aspecto Verbal e *Aktionsart*, e portanto *contra* a posição do referido autor, argumentos estes baseados, também, na análise de alguns dados do polonês. Após discutir a abordagem de Verkuyl, será apresentado o tratamento de Bertinetto para a questão-tema deste trabalho, pois, como foi observado já no capítulo dois, este autor considera necessária a distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart*. Assim, num primeiro momento serão apresentados argumentos em defesa da existência das duas

categorias em questão, agora à luz de Bertinetto, ao que se seguirá uma reflexão sobre a interação entre essas categorias e os valores a elas relacionados, bem como sobre possíveis casos de convergência entre aspecto verbal e *Aktionsart*, em que uma categoria parece “absorver” a outra.

### 3.2 A ABORDAGEM DE VERKUYL (1999)

Como já observado no capítulo dois deste trabalho, Verkuyl pretende tratar a categoria do aspecto verbal a partir de uma abordagem composicional, ou seja, considerando que o aspecto verbal, ou o que ele chama de aspectualidade, seja um fenômeno a ser considerado no nível da sentença. Para o autor, abordagens que se baseiam na classificação vendleriana, isto é, focalizando a questão no item lexical do verbo, não podem conduzir a uma compreensão adequada desse fenômeno lingüístico, sobretudo se levadas em conta as diferentes maneiras que têm as línguas de expressar a aspectualidade. Nesse sentido, Verkuyl propõe adotar um tratamento da aspectualidade que possa ser aplicado a línguas de diferentes famílias. A proposta de dar um tratamento composicional e translingüístico à aspectualidade leva Verkuyl a desconsiderar a distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart*, bem como as distinções daí decorrentes, como *télico* (ou *terminativo*) e *perfectivo*, na medida em que considera essas distinções como uma espécie de subproduto oriundo justamente das estratégias que diferentes autores usam para tratar da questão do aspecto verbal, em geral concentrando-se em línguas germânicas e latinas por um lado, ou em línguas eslavas por outro<sup>21</sup>. Assim, Verkuyl propõe que o esquema em (1) abaixo sirva para

---

<sup>21</sup> Segundo Wachowicz (2003, p. 86) os termos Aspecto Verbal e seus valores *perfectivo* e *imperfectivo* são oriundos da tradição eslava, enquanto que *Aktionsart* e os valores *terminativo* e *durativo* vêm de uma tradição anglo-saxônica, que toma a classificação aspectual vendleriana como referência. *Télico* e *atélico*, por sua vez, provêm de teorias que dialogam com Aristóteles, como Comrie (1976).

explicar fenômenos relativos à aspectualidade tanto em línguas eslavas quanto em línguas germânicas ou latinas:

(1)  $\pm Ts [ V_{\pm ADDTO} ] (NP1_{\pm SQA}, \dots NPn_{\pm SQA})$

Nesse esquema, o valor [ $\pm$ Terminativo] de uma sentença (S) qualquer é determinado a partir da interação do traço  $\pm$ ADDDTO do verbo com o traço  $\pm$ SQA dos sintagmas nominais da sentença. Esse esquema aplica-se ao português, por exemplo, como em (2a) e (2b):

(2a) *João bebeu duas cervejas.*

*João            bebeu                    duas cervejas.*  
 [+Ts[+SQA][+T<sub>VP</sub>[+ADDDTO] [+SQA]]]

(2b) *João bebeu cerveja.*

*João            bebeu                    cerveja.*  
 [-Ts[+SQA] [-T<sub>VP</sub>[+ADDDTO] [-SQA]]]

Assim, (2a) é [+terminativa], pois os traços de todos os constituintes da sentença (verbo e sintagmas nominais) têm valores positivos: o verbo *bebeu* é [+ADDDTO] na medida em que denota uma eventualidade que progride no tempo; por sua vez *João* e *duas cervejas*, por se tratarem de sintagmas nominais definidos e que expressam “uma certa quantidade de algo”, são considerados [+SQA]. Ao contrário, a sentença (2b) é [-terminativa], já que o sintagma nominal *cerveja*, indefinido na sentença em questão, é [-SQA], fazendo com que o sintagma verbal tenha valor negativo e, conseqüentemente, que a sentença inteira seja [-terminativa], pois pelo Princípio do Mais apresentado no capítulo 2, basta que um dos traços dos constituintes de uma dada sentença tenha valor negativo para que essa sentença seja considerada [-terminativa].

Aqui vale ressaltar que o valor [ $\pm$ terminativo] é determinado em função da interação dos traços [ $\pm$ ADDTO] e [ $\pm$ SQA], e não em função da forma verbal *bebeu*, no caso uma forma de pretérito perfeito.

Para Verkuyl, o esquema em (1) também se presta para tratar de fenômenos aspectuais em línguas como o polonês, por exemplo, como mostram as sentenças (3a) e (3b):

(3a) *Jan wypił dwa piwa.*

<i>Jan</i>	<i>wypił</i>	<i>dwa piwa.</i>
	[+Ts[+SQA][+T <sub>VP</sub> [+ADDTO]]	[+SQA]]]
<i>João</i>	<i>beber</i> <sub>perfec.pas.3pes.sing.masc</sub>	<i>duas cervejas</i>
<i>João bebeu duas cervejas.</i>		

(3b) *Jan pił piwo.*

<i>Jan</i>	<i>pił</i>	<i>piwo.</i>
	[-Ts[+SQA] [-T <sub>VP</sub> [+ADDTO]]	[-SQA]]]
<i>João</i>	<i>beber</i> <sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc</sub>	<i>cerveja</i>
<i>João bebeu cerveja.</i>		

Em polonês, (3a) é uma sentença [+terminativa], enquanto (3b) é [-terminativa]. Observe-se, porém, que nessa língua estamos diante de duas formas verbais – *wypił*, no caso de (3a), e *pił* em (3b) – ao contrário do que ocorre em (2a) e (2b), que apresentam, ambas, uma única forma verbal: *bebeu*. Ora, as formas de passado *wypił* e *pił*, cujos infinitivos são *wypić<sup>P</sup>* e *pić<sup>I</sup>*, respectivamente, constituem justamente aquilo que no capítulo 1 deste trabalho foi chamado de *par aspectual primário*. Assim, o valor [ $\pm$ terminativo], proposto por Verkuyl a partir da interação dos traços [ $\pm$ ADDTO] e [ $\pm$ SQA], parece corresponder ao valor [ $\pm$ perfectivo] em polonês, na medida em que *wypić<sup>P</sup>* é um verbo perfectivo e *pić<sup>I</sup>*, imperfectivo.

Justamente, Verkuyl entende o prefixo *wy-*, de *wypić<sup>P</sup>* em (3a), como parte da organização sintática da sentença como um todo. Para o autor, esse prefixo é acrescentado a uma raiz verbal neutra, no caso *pić<sup>I</sup>*. Essa idéia faz sentido na medida em que o polonês, assim como a maioria das línguas eslavas, não possui artigos, utilizando-se portanto de outros recursos para expressar a definição dos sintagmas nominais. De fato, como bem observa Godoi (1992, p. 118) “à diferença do nome nas línguas indo-européias ocidentais, o nome eslavo normalmente não é explicitamente quantificado. Com isso, parece que o ‘peso específico’ da quantificação do verbo eslavo, dentro da sentença, torna-se maior”. Eis aí a razão que explicaria a necessidade de *wypić<sup>P</sup>* e *pić<sup>I</sup>* se alternarem nas sentenças (3a) e (3b), ao contrário do que acontece em (2a) e (2b), em que a forma de pretérito perfeito *bebeu* interage ora com um SN definido, ora com um SN indefinido, resultando isso em interpretações aspectuais diferentes em português. No caso do polonês, a ausência de artigos levaria freqüentemente a alteração da forma verbal. Ou seja, a informação expressa em português pela presença/ausência do artigo definido *a* pode, em polonês, ser expressa pela alteração de *pić<sup>I</sup>* para *wypić<sup>P</sup>*. Tudo isso leva a crer, então, que (2) e (3) confirmariam o fato de que é possível tratar os fenômenos aspectuais em línguas diversas, como o português e o polonês, a partir de uma única abordagem e, ao mesmo tempo, revelariam que esses fenômenos aspectuais são satisfatoriamente analisados levando-se em conta a interação dos diversos constituintes sentenciais ou, em outras palavras, numa abordagem composicional como a proposta por Verkuyl. Nesse sentido, a distinção entre um aspecto verbal gramatical e um aspecto verbal lexical (ou *Aktionsart*) tornar-se-ia desnecessária, uma vez que a contribuição lexical do verbo e/ou a contribuição gramatical dos afixos verbais não podem determinar, por si só, o valor aspectual de uma dada sentença. Este só pode ser determinado a partir da interação entre os diversos constituintes sentenciais<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Como observado no capítulo 2, essa abordagem tem a vantagem de evitar a “Tradição da Coerção”, que consiste em “mudar” a classe aspectual de um predicado segundo a natureza de seus argumentos.

Desconsiderar a distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart* resultaria em deixar de lado, conseqüentemente, a distinção entre terminativo *versus* durativo (ou télico *versus* atélico) e perfectivo *versus* imperfectivo. De qualquer forma, parece ser perfeitamente possível estabelecer uma correspondência entre [ $\pm$ terminativo] e [ $\pm$ perfectivo], tal qual este último é entendido nas línguas eslavas, o que Verkuyl (1999, p.125) afirma nos seguintes termos: “*the least one can say is that [+T] corresponds very closely to the Russian [+P]*”. Assim sendo, pode-se dizer que o esquema em (1) permite considerar que tanto a sentença (2a), em português, quanto (3a), em polonês, expressam aspecto perfectivo (ou terminativo, como propõe Verkuyl). Do mesmo modo, o esquema em (1) prediz que (2b) e (3b) expressam aspecto imperfectivo (ou durativo), cada língua servindo-se de seus próprios mecanismos para expressar os valores aspectuais em questão.

### 3.2.1. Algumas reflexões quanto à abordagem de Verkuyl (1999)

A abordagem de Verkuyl, entretanto, apresenta alguns problemas, observados, aliás, por ele mesmo, que consistem no seguinte: considerando que o verbo *beber* em português é um verbo [+ADDTO], já que é um verbo provido de um sentido de não-estatividade, remetendo a uma idéia de progresso no tempo, tudo leva a crer que o par de verbos *pić<sup>I</sup> ⇒ wypić<sup>P</sup>*, em polonês, também compatilha da mesma valência com relação ao traço em questão ou, pelo menos, não há razão nenhuma para considerar que não seja assim. Se o traço verbal é positivo, então cabe aos sintagmas nominais de sentenças como (3a) e (3b) a possibilidade de, alternando o traço [ $\pm$ SQA], expressarem valores aspectuais distintos. É exatamente isso que se observa nessas duas sentenças, uma vez que em (3a) o SN é [+SQA] (*duas cervejas*), enquanto em (3b) ele é [-SQA] (*cerveja*). O grande problema é explicar sentenças como (4) abaixo:

(4) *Jan pił dwa piwa.*

<i>Jan</i>	<i>pił</i>	<i>dwa piwa</i>
	[+Ts[+SQA][+T <sub>VP</sub> [+ADDT0]	[+SQA]]]
<i>João</i>	<i>beber</i> <sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc</sub>	<i>duas cervejas</i>
<i>João bebeu/estava bebendo/bebia duas cervejas.</i>		

Em (4), todos os traços propostos por Verkuyl, o do verbo *pić<sup>l</sup>* (beber) e o dos SNs *Jan* (João) e *dwa piwa* (duas cervejas) têm valor positivo, portanto, a sentença é [+terminativa] para Verkuyl e, se [ $\pm$ terminativo] corresponde “*very closely*” a [ $\pm$ perfectivo], então essa sentença deveria ser [+perfectiva] em polonês. Todavia, não é isso que ocorre. Na verdade, (4) é imperfectiva em polonês – tal qual imperfectividade é entendida nas línguas eslavas – o que pode ser facilmente observado pela presença do verbo imperfectivo *pić<sup>l</sup>* na sentença e, de certa forma, pelas possibilidades da tradução para o português, que apresentam o progressivo *bebendo* e/ou o pretérito imperfeito *bebia*. O mesmo pode ser observado com outros verbos do polonês, como no caso de *czytać<sup>l</sup>*  $\Rightarrow$  *przeczytać<sup>P</sup>* (ler) em (5a) e (5b):

(5a) *On czytał tę książkę.*

<i>On</i>	<i>czytał</i>	<i>tę książkę.</i>
	[+Ts[+SQA][+T <sub>VP</sub> [+ADDT0]	[+SQA]]]
<i>Ele</i>	<i>ler</i> <sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc</sub>	<i>este livro</i>
<i>João leu/estava lendo/lia este livro.</i>		

(5b) *On przeczytał tę książkę.*

<i>On</i>	<i>przeczytał</i>	<i>tę książkę.</i>
	[+Ts[+SQA][+T <sub>VP</sub> [+ADDT0]	[+SQA]]]
<i>Ele</i>	<i>ler</i> <sub>perfec.pas.3pes.sing.masc</sub>	<i>este livro</i>
<i>João leu (até o fim) este livro.</i>		

Mais uma vez, embora pela abordagem de Verkuyl ambas as sentenças (5a) e (5b) sejam [+terminativas], em polonês (5a) é imperfectiva e (5b) é perfectiva, pelo que se pode concluir que a composição aspectual parece se dar de forma distinta nas línguas eslavas, por um lado, e nas línguas germânicas ou latinas por outro, o que o próprio Verkuyl (1999, p. 127) admite, observando que “*the role of aspectual affixes in Slavic languages is quite complex*”. Pelo exposto, parece claro que o esquema em (1) não é suficiente para o tratamento dos dados nas línguas eslavas, uma vez que os traços envolvidos na composição aspectual das línguas germânicas parecem não dar conta de explicar uma série de fenômenos que ocorrem em línguas como o polonês, por exemplo. Embora ciente disso, Verkuyl segue considerando que há evidências suficientes no sentido de se defender uma correspondência sistemática e até mesmo uma sobreposição entre [+terminativo] ou [+télico], das línguas germânicas e latinas, e [+perfectivo] das línguas eslavas. Para fundamentar essa sua posição, Verkuyl serve-se do exemplo em polonês reproduzido em (6), sempre ressaltando o fato de que os prefixos perfectivizadores das línguas eslavas não determinam a aspectualidade por si só, mas sim fazem parte de um sistema combinatório a partir do qual se determina o valor aspectual de uma sentença.

(6) *Przez lata nie napisał ani jednej książki.*

*Por anos não escrever*<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc</sub> *nem um livro*<sub>gen.sing.</sub>

*Por anos ele não escreveu nenhum livro.*

(6), embora apresente o verbo perfectivo *napisac'<sup>P</sup>* (escrever) no passado, não pode ser considerada como [+terminativa] em função da presença do adjunto *przez lata* (por anos). Para complicar ainda mais o quadro, o verbo *pisac'<sup>I</sup>*, que é a contraparte imperfectiva de *napisac'<sup>P</sup>*, não pode ser usado em (6) sob pena de a sentença se tornar agramatical. Para Verkuyl, o que ocorre aqui é que o operador de negação *nie* bloqueia o valor perfectivo do VP no nível sentencial respeitando, todavia, a informação



expressa pelo VP *napisał ani jednej książki*. Se em (6) um verbo perfectivo pode estar presente numa sentença com valor [–terminativo], então não há por que considerar que (4), por apresentar um verbo imperfectivo numa sentença [+terminativa], invalide a sua proposta. Para ele, portanto, (6) confirma que a aspectualidade, quer nas línguas germânicas, latinas ou eslavas, só pode ser convenientemente caracterizada a partir da análise da combinação dos diversos constituintes sentenciais e que não é possível tratar o aspecto verbal eslavo – a oposição entre verbos perfectivos e imperfectivos – como um problema especificamente verbal.

De fato (6) apresenta um fenômeno interessante, na medida em que um adjunto adverbial que expressa duração, *przez lata* (por anos), ocorre na mesma sentença em que se observa a presença de um verbo perfectivo, o que não deveria acontecer em princípio. Entretanto, isso não é tudo, pois há que se ressaltar que a presença do operador *nie* em (6) tem um efeito intrigante sobre o VP, efeito este que consiste numa alteração de caso, como revela (7):

(7) *Paweł napisał jedną książkę.*

*Paulo escrever*<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc</sub> *um livro*<sub>acus.sing.</sub>

*Paulo escreveu um livro.*

Como se vê, enquanto o complemento verbal aparece em (6) no genitivo – *jednej książki* – em (7) o que se tem é o acusativo *jedną książkę*. Esse fenômeno é regra em polonês: todo e qualquer acusativo ao ser negado passa para o genitivo. Além disso, a ausência do operador de negação *nie* tornaria (6) absolutamente agramatical, de maneira que algo como *\*Przez lata napisał książkę* não ocorre em polonês. Essa observação quanto às conseqüências do emprego de *nie* numa sentença com objeto direto serve aqui para ressaltar, em primeiro lugar, que o valor durativo expresso pelo adjunto *przez lata* só pode ser combinado ao verbo perfectivo *napisać*<sup>P</sup> em (6) caso esse verbo seja precedido da negação *nie*; além disso, vale lembrar que o genitivo em

polonês é também utilizado para expressar o valor partitivo, pelo que se pode considerar que o SN *ani jednej książki* em (6) é, nos termos de Verkuyl, [-SQA], o que é suficiente, considerando-se o Princípio do Mais, para que toda a sentença seja considerada como [-terminativa]<sup>23</sup>. Diante disso, é possível pensar que o valor [-Terminativo] de (6) esteja relacionado à presença do operador *nie*, que parece operar sobre o prefixo perfectivizador *na-* influenciando toda a informação expressa pelo VP, e não simplesmente à presença do adjunto adverbial de duração *przez lata* (por anos), como entende Verkuyl<sup>24</sup>.

Os fenômenos observados em (6) efetivamente reforçam a abordagem composicional de Verkuyl, já que revelam existir uma interação entre os diversos constituintes sentenciais, resultando essa interação, inclusive, em alterações morfológicas; por outro lado, (6) e (7) também indicam que a combinação entre um verbo perfectivo e adjuntos de duração<sup>25</sup> ocorre em contextos específicos, no caso de (7), numa sentença em que há a presença do operador *nie*. Nesse sentido, o que se observa em (7) talvez não possa ser considerado como “evidência suficiente” para justificar o problema observado em (4), muito menos para considerar que [±terminativo] corresponde a [±perfectivo].

---

<sup>23</sup> O próprio Verkuyl admite que a presença do operador *nie* faz com que uma sentença seja [-terminativa] nas línguas eslavas e germânicas: “*the presence of ‘nie’ which both in Slavic and Germanic languages yields [-Ts]*”. (Verkuyl, 1999, p. 111)

<sup>24</sup> De Fato, como ressalta Bertinetto (2001, p. 182): “*negation may have an effect on actional classification. For instance, while ‘John left’ is an achievement, ‘John did not leave’ is a durative event, more specifically a state*”.

<sup>25</sup> No capítulo 1, já havia sido observado que a aplicação de adjuntos adverbiais do tipo *em x tempo* e/ou *por x tempo* para se determinar o valor aspectual de um dado predicado não são confiáveis em polonês, pois há uma série de contextos em que estes testes simplesmente não funcionam, apresentando resultados contraditórios.

### 3.2.2 A questão da prefixação verbal em polonês

Verkuyl (1999, p. 130) insiste na idéia de que os prefixos verbais das línguas eslavas são meios que essas línguas desenvolveram para marcar a terminatividade ou telicidade do VP compensando, como já observado, a falta de artigos na maioria dessas línguas. Nas suas palavras: “*perfective prefix is or acts as the determiner of the internal argument – the prefix may be seen as providing the information associated with determiners in non-Slavic languages*”. O problema com essa idéia é que, como observado no capítulo 1, em polonês, e demais línguas eslavas, não se pode estabelecer uma relação absoluta entre prefixos e o valor [+perfectivo], já que não é verdade que a todos os verbos perfectivos são prefixados em polonês, nem tampouco que todos os verbos prefixados são perfectivos. De fato, há inúmeros verbos perfectivos sem prefixo algum e vários verbos prefixados que são imperfectivos. Portanto, qualquer análise que parta do princípio de que nas línguas eslavas perfectivização pressupõe prefixação e/ou vice-versa eventualmente apresentará problemas, de maneira que considerar que o prefixo “*is or acts as the determiner of the internal argument*” nessas línguas, como defende Verkuyl, pode ser complicado diante de dados como (8) abaixo:

- (8) *Karolina często spotykała koleżanki w tamtym barze.*  
*Carolina frequentemente encontrar*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> *amigas em aquele bar*  
*Carolina frequentemente encontrava amigas naquele bar.*

Em (8), o verbo imperfectivo *spotykać*<sup>1</sup> (encontrar) é um verbo prefixado, já que apresenta o prefixo *s-*<sup>26</sup>. Entretanto, fica claro até pela tradução para o português, que a sentença em questão não pode ter um valor [+terminativo], que o prefixo em questão não age como determinante do argumento interno do verbo, nem tampouco contribui

---

<sup>26</sup> Na realidade, esse verbo apresenta dois prefixos, *s-* e *po-*, ambos derivados de preposições da língua e associados à raiz verbal *tykać*.

para que (8) seja [+terminativa]. Poder-se-ia argumentar no sentido de que o advérbio *często* (freqüentemente) é o responsável pela natureza [-terminativa] de (8). De qualquer forma, ainda que se considere o papel desse advérbio na construção do valor durativo da sentença em questão, ele pode ser retirado da sentença e esta permanecerá [-terminativa], nos termos de Verkuyl, como revela (9):

- (9) *Karolina spotykała koleżanki w tamtym barze.*  
*Carolina encontrar<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> amigas em aquele bar*  
*Carolina encontrava/encontrou amigas naquele bar.*

Como se vê em (9), mesmo sem a presença do advérbio *często* (freqüentemente), a sentença mantém o seu caráter [-terminativo]. Para que ela adquira um valor [+terminativo], há que se empregar a contraparte perfectiva de *spotykać<sup>I</sup>*, o verbo perfectivo *spotkać<sup>P</sup>*, que também apresenta o prefixo *s-*, como se vê em (10):

- (10) *Karolina spotkała koleżanki w tamtym barze.*  
*Carolina encontrar<sub>perfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> amigas em aquele bar*  
*Carolina encontrou (as) amigas naquele bar.*

Ou seja, o valor [+terminativo] de (10) não se deve necessariamente à presença do prefixo *s-*, uma vez que esse prefixo também ocorre no verbo imperfectivo da sentença (9), que é [-terminativa]. Portanto, é um tanto quanto complicado associar prefixação e perfectividade em polonês.

É importante lembrar ainda que há verbos perfectivos, prefixados ou não, que são intransitivos em polonês. Portanto, a perfectividade expressa por esses verbos não pode ser ou se comportar como se fosse o determinante do argumento interno, uma vez que esse argumento interno não existe. Efetivamente, a oposição perfectivo *versus*

imperfectivo, em polonês, ocorre também com verbos intransitivos como mostram (11a) e (11b) abaixo:

(11a) *Anka umarła w kwiecie wieku.*

*Ana morrer*<sub>perfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> *em flor de idade*

*Ana morreu na flor da idade.*

(11b) *Anka właśnie umierała, kiedy przyszedł Janek.*

*Ana justamente morrer*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem</sub> *quando chegou João.*

*Ana estava justamente morrendo quando o João chegou.*

Como se vê em (11a) e (11b), o verbo intransitivo *morrer* corresponde, em polonês, a pelo menos dois verbos, um perfectivo como em (11a) e outro imperfectivo como em (11b) – *umarła*<sup>P</sup> e *umierała*<sup>I</sup> (ela morreu) – pelo que se pode afirmar que a oposição entre os dois verbos em questão não pode ser aqui explicada em termos de sua relação com argumentos internos, mas antes diz respeito ao que Comrie (1976, p. 3) definiu como “*different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation*”.

### 3.2.3 Argumentos em favor da distinção entre *Aktionsart* e aspecto verbal

Obviamente, não se pode ignorar o fato de que a natureza do argumento interno tem um papel importante na construção do valor aspectual de uma dada sentença nas línguas em geral. A questão que se coloca aqui é, justamente, o que acontece quando não há o argumento interno. Observar isso se revela útil para refletir sobre uma questão que emerge neste trabalho: a necessidade de se estabelecer ou não uma distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart*. Nesse sentido, mais uma vez as línguas eslavas, e o polonês especificamente, podem oferecer algumas informações interessantes. Observemos, pois, as sentenças (12a), (12b):

(12a) *Jan czytał Qvo Vadis, kiedy zadzwonił telefon.*

*Jan ler<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> Qvo Vadis quando tocou telefone*

*João lia/estava lendo Qvo Vadis quando tocou o telefone.*

(12b) *Ponieważ Jan już przeczytał Qvo Vadis on opowie nam historię.*

*Como João já ler<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> Qvo Vadis ele contará a nós história.*

*Como João já leu Qvo Vadis ele vai nos contar a história.*

(12a) e (12b) apresentam um contraste semelhante àquele expresso pelo pretérito imperfeito *versus* pretérito perfeito em português, ou seja, aqui estamos diante de uma oposição “puramente aspectual”, na medida em que o que as duas formas expressam são diferentes maneiras de se “olhar” para uma mesma eventualidade de *ler Qvo Vadis*. Analisemos agora (13a) e (13b):

(13a) *Jan już czytał literaturę francuską.*

*João já ler<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> literatura francesa.*

*João já leu literatura francesa.*

(13b) *\*Jan już przeczytał literaturę francuską.*

*João já ler<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> literatura francesa.*

*?João já leu a literatura francesa.*

Sentenças como (13a) e (13b) revelam que, além do contraste “puramente aspectual”, a oposição entre verbos perfectivos e imperfectivos em polonês também está relacionada ao fato de que um verbo perfectivo, e, como se viu, não necessariamente um prefixo como pretende Verkuyl, impõe ou exige que o argumento interno seja entendido como definido ou, para usar a terminologia de Verkuyl, seja [+SQA]. Justamente por isso (13b), que traz o verbo perfectivo *przeczytał<sup>P</sup>*, é agramatical em polonês, uma vez que o argumento interno *litareturę francuską*, se entendido como

definido, causaria um certo estranhamento. Esse estranhamento decorre do fato de que ninguém efetivamente leu *a* literatura francesa, mas sim parte dela. Isso, aliás, pode ser claramente observado pela estranheza que a presença do artigo definido causa à tradução de (13b) para o português. Realmente, em nossa língua é mais usual dizer algo como *João já leu literatura francesa* do que *João já leu a literatura francesa*.

(13a) e (13b), portanto, justificam a abordagem composicional de Verkuyl na medida em que comprovam que a natureza do argumento interno corresponde à ocorrência de uma dada forma verbal em polonês e/ou à presença/ausência de artigo definido em português. Como já observado anteriormente, Verkuyl se baseia nesses fenômenos para justificar que a aspectualidade seja analisada sempre no nível da sentença, entendendo os diversos constituintes sentenciais como átomos que contribuem para constituir uma molécula, essa sim capaz de expressar os dois valores aspectuais propostos por ele: o terminativo e o durativo.

Para Verkuyl, portanto, a aspectualidade é um fenômeno da estrutura da sentença. Tendo isso em mente, ele considera que, como a lingüística tradicional trata um verbo como *construir*, por exemplo, a partir de um esquema do tipo CONSTRUIR (x,y), quer dizer, considerando *necessariamente* os seus argumentos, então atribuir a esse verbo um valor [ $\pm$ terminativo] significa fazê-lo levando em conta os seus argumentos também. Diante disso, *construir*, até certo ponto, sempre significa *construir alguma coisa* e, se de fato assim for, como explicar a diferença entre (14a) e (14b) abaixo?

(14a) *João construiu esta ponte.*

(14b) *João sempre construiu pontes.*

O que ocorre aqui é que *construiu*, em (14a), é claramente um verbo de *accomplishment*, com um ponto culminante representado na sentença por *esta ponte*. Em (14b), por outro lado, o mesmo verbo *construiu* tem como complemento *pontes*, um *bare plural*, não apresentando mais um ponto culminante. Ora, em (14b), a

natureza do complemento dá à sentença uma idéia de duração que não se percebe em (14a). Nessa sentença, a eventualidade é entendida como desencadeada, realizada e concluída, ou seja, um *accomplishment* de fato. Já no caso de (14b), estamos diante de uma eventualidade que foi desencadeada, durou e/ou se repetiu indefinidamente no passado e que não foi necessariamente concluída, podendo ser verdadeira, inclusive, no momento em que é proferida, ainda que o tempo verbal utilizado seja o pretérito perfeito. Na verdade, em (14b) estamos diante de uma atividade. Portanto, dependendo da natureza do argumento interno, um dado verbo pode “mudar” de classe aspectual. Eis aí o fenômeno da coerção aspectual, tratada por muitos em termos da existência de um operador abstrato SHIFT (Rothstein, 2004). Para Verkuyl, porém, essa coerção aspectual não contribui para uma melhor compreensão da aspectualidade, além de excluir, num certo sentido, a possibilidade de se conferir um significado constante às duas ocorrências de *construir* em (14a) e (14b) acima. Para ele, de qualquer forma, sentenças como (14a) e (14b) são bons argumentos no sentido de defender a proposta de que a aspectualidade é um fenômeno estrutural.

Além disso, suas observações levam-no a considerar a distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart* como uma distinção metodológica<sup>27</sup>, oriunda justamente de abordagens que, ao tratarem da aspectualidade, concentram-se no item lexical do verbo e se vêem, conseqüentemente, diante de problemas como a coerção aspectual acima ilustrada, ou ainda o paradoxo do imperfectivo, decorrente da aplicação de morfologia de progressivo, em línguas como o português ou o inglês, sobre verbos de *achievement* e *accomplishment*. Para Verkuyl, então, ao se tratar da aspectualidade como uma questão relativa à estrutura sentencial, todos esses problemas perdem importância, a própria distinção entre aspecto Verbal e *Aktionsart* se tornando desnecessária.

---

<sup>27</sup> Como já observado no capítulo 2, Verkuyl também critica a *Aktionsart* porque essa passa a ser associada à classificação oriunda do trabalho de Vendler (1957), que é um trabalho filosófico, e não lingüístico.



Entretanto, há alguns dados do polonês que talvez indiquem que as coisas não são bem assim e, curiosamente, são justamente informações relativas a questões de estrutura que podem demonstrar que uma distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart* é necessária nessa língua. Retomemos, pois, a sentença (12b), reproduzida aqui em (15a) e vamos compará-la a (15b):

(15a) *Ponieważ Jan już przeczytał Qvo Vadis on opowie nam historię.*

*Como João já ler<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> Qvo Vadis ele contará a nós história.*

*Como João já leu Qvo Vadis ele vai nos contar a história.*

(15b) *Jan poczytał sobie gazetę i poszedł spać.*

*João ler<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> jornal e foi dormir.*

*João leu/deu uma lida no jornal e foi dormir.*

Em (15a) temos o verbo perfectivo *przeczytać<sup>P</sup>* (ler do início ao fim) no passado. Esse verbo informa que a eventualidade de *ler Qvo Vadis* foi iniciada, transcorreu e atingiu o seu ponto culminante, ou seja, o livro foi lido do início até o fim, nada mais havendo para ser lido. Como se viu no capítulo 2, Cockiewicz (1992) denomina verbos como *przeczytać<sup>P</sup>* de verbos perfectivos “sensu stricto”. Estes verbos denotariam eventualidades perfectivas que foram realizadas até o seu “esgotamento” total. É nesse sentido que os falantes de polonês entendem (15a): o complemento foi inteiramente afetado pela ação expressa pelo verbo.

Diferentemente, em (15b) temos o verbo *poczytać<sup>P</sup>* (ler/dar uma lida). Esse verbo, um verbo perfectivo “sensu largo” nos termos de Cockiewicz, denota, no caso da sentença em questão, uma eventualidade de *ler o jornal* que foi realizada pelo sujeito apenas parcialmente, quer dizer, em (15b) João não leu o jornal todo, ele dedicou algum tempo a uma leitura superficial desse jornal – o que a tradução para o português tentou recuperar através da locução verbal *dar uma lida*, uma construção

com o verbo leve *dar* – mas não se tem nessa sentença a idéia de que o argumento interno foi totalmente afetado pela ação expressa pelo verbo como ocorre em (15a). O verbo *poczytać<sup>P</sup>* de (15b), portanto, é um verbo perfectivo, prefixado, mas tem uma natureza bastante distinta daquela de *przeczytać<sup>P</sup>* de (15b). A diferença entre esses dois tipos de verbos perfectivos fica ainda mais patente quando se analisa o seu comportamento diante de adjuntos adverbiais como *em x tempo* e *por x tempo*, em sentenças como (16a), (16b) e (17a), (17b):

(16a) *Jan przeczytał Qvo Vadis we dwa tygodnie.*

*João PRZE-leu Qvo Vadis em duas semanas.*

(16b) *\*Jan przeczytał Qvo Vadis przez dwa tygodnie.*

*João PRZE-leu Qvo Vadis por duas semanas.*

(17a) *??Jan poczytał Qvo Vadis we dwa tygodnie.*

*João PO-leu Qvo Vadis em duas semanas.*

(17b) *Jan poczytał przez pewien czas i poszedł spać.*

*João PO-leu por um certo tempo e foi dormir.*

Como se vê, o comportamento dos dois verbos perfectivos em sentenças com adjuntos adverbiais do tipo *por x tempo* / *em x tempo* é exatamente o oposto. De fato, *poczytać<sup>P</sup>* se comporta, no que se refere aos adjuntos em questão, como se fosse um verbo imperfectivo<sup>28</sup>. Por que razão isso ocorre?

---

<sup>28</sup> *Poczytać<sup>P</sup>* em (16b) expressa inclusive uma idéia de duração, assim como os verbos imperfectivos. Diferentemente destes, porém, *poczytać<sup>P</sup>* refere-se a uma duração entendida dentro de um intervalo de tempo fechado, enquanto que verbos imperfectivos acompanhados de adjuntos do tipo *por x tempo* sempre se referem a intervalos de tempo abertos.

Uma resposta possível seria talvez considerar que o que se tem em (16a) é, de fato, uma sentença perfectiva, já que a ação expressa pelo verbo como que perpassa todo o complemento, esgotando-o, nada mais havendo para ser lido após a ação em questão ter atingido o seu fim. Por outro lado, em (17b) o que se quer expressar em polonês é que uma eventualidade de *ler* chegou ao fim, mas o complemento não foi totalmente afetado pela ação expressa pelo verbo, de forma que ainda há algo para se ler. Esse tipo de verbo, aliás, pode até aparecer sem complemento, justamente como ocorre em (17b).

Filip (2000, p. 41) refere-se a verbos do tipo *poczytać<sup>P</sup>* (ler/dar uma lida) como sendo “atenuativos”, na medida em que tais verbos se referem à eventualidade por eles denotada como sendo realizada apenas superficialmente. Cockiewicz (1992), por sua vez, considera que verbos desse tipo denotam eventualidades que chegaram a um fim, mas não porque foram realizadas até se esgotarem, e sim porque foram interrompidas. Esse tipo de verbo parece então estar relacionado a duas noções: a de superficialidade e a de interrupção; por sua vez, verbos como *przeczytać<sup>P</sup>* estão associados a uma idéia de conclusão total, de esgotamento.

Levando tudo isso em consideração, talvez fosse possível afirmar que verbos como *poczytać<sup>P</sup>* são **verbos télicos**, já que apresentam a eventualidade por eles denotada como terminada, mas não necessariamente perfectivos, uma vez que não “esgotam” seus complementos e ainda podem expressar duração, como se vê em (17b). Por outro lado, na medida em que verbos como *przeczytać<sup>P</sup>* denotam eventualidades realizadas até o seu esgotamento total, sem nenhuma referência à duração e nas quais a ação realizada pelo sujeito perpassa totalmente o complemento, estes seriam, agora sim, **verbos télicos e perfectivos**. Em outras palavras, no domínio da *Aktionsart*, ambos os verbos têm a mesma valência, são [+télicos], enquanto que na esfera do aspecto verbal, *przeczytać<sup>P</sup>* é [+perfectivo], mas esse não é necessariamente o caso de *poczytać<sup>P</sup>*.

A distinção aqui proposta corresponde, de certa maneira, à oposição entre *perfectivo sensu largo* e *perfectivo sensu stricto* proposta por Cockiewicz (1992) e reproduzida no quadro 5 do capítulo 2 deste trabalho. A grande diferença quanto a essa classificação consistiria no fato de que, na hipótese aqui levantada, a oposição do tipo *czytać<sup>l</sup>* x *poczytać<sup>P</sup>* não estaria na esfera do aspecto verbal, mas sim na da *Aktionsart*, isto é, a diferença entre *poczytać<sup>P</sup>* e o verbo do qual deriva, *czytać<sup>l</sup>* (ler/estar lendo), não seria apenas uma diferença de valor aspectual, “*a different way of viewing the internal temporal constituency of a situation*”, mas sim uma diferença importante de sentido, equivalente, de certo modo, à diferença que existe entre predicados como *ler* e *dar uma lida*, ou então *ler* e *ler o poema*, em português, ou seja, uma diferença de classe aspectual, relacionada, portanto, ao âmbito da *Aktionsart*.

Pelo aqui exposto, é possível considerar, ao contrário do que propõe Verkuyl, que a distinção entre aspecto verbal e *Aktionsart* não só é necessária, como também é observável inclusive ao se analisar a aspectualidade como uma questão relacionada à estrutura sentencial. A próxima seção apresentará outros argumentos nesse sentido, agora à luz de Bertinetto (2001).

### 3.3 A ABORDAGEM DE BERTINETTO (2001)

Como dito na introdução deste capítulo, enquanto autores como Filip (1999), Rothstein (2004), Cockiewicz (1992) e Bertinetto (2001) reconhecem a existência bem como a necessidade de se estabelecer uma distinção entre o Aspecto Verbal e a *Aktionsart*, Verkuyl (1999) não considera que uma tal distinção seja realmente necessária e até se opõe a ela. Na seção anterior, apresentou-se justamente a posição de Verkuyl com relação a essa questão. Esta seção, por sua vez, apresenta uma reflexão sobre o assunto, agora a partir da proposta de Bertinetto que, por tratar explicitamente dessa questão, foi eleito neste trabalho como representante daqueles autores que consideram a necessidade de opor conceitualmente as duas categorias em questão.

### 3.3.1 Aspecto verbal e acionalidade

Bertinetto considera a *Aktionsart*, que ele denomina de acionalidade, como uma propriedade lexical, segundo a qual é possível classificar os predicados em estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Por sua vez, o aspecto verbal, uma vez que é expresso através de recursos morfossintáticos como as flexões verbais, está no âmbito da gramática.

Para explicitar o que entende por classe acional, Bertinetto parte justamente da classificação vendleriana, refletindo sobre certas propriedades que, segundo ele, caracterizam essas classes: a dinamicidade, a duratividade e a homogeneidade, já apresentadas no capítulo dois. Baseando-se nessas propriedades, Bertinetto defende a existência de diferentes classes acionais, na medida em que estas permitem tratar dados como (18a) e (18b):

(18a) *Eu comecei a caminhar por recomendação do médico.*

(18b) *??Eu comecei a saber a verdade por recomendação de um amigo.*

Como se pode ver pelas sentenças acima, um verbo de atividade como *caminhar* tem um comportamento diferente de um estativo como *saber*, embora ambos ocorram num contexto sintático semelhante. Além da questão da agentividade claramente envolvida nessas sentenças – *caminhar* é [+agentivo], mas esse não é o caso de *saber*, que é [-agentivo] – também se pode explicar a diferença entre esses dois verbos, como propõe Smith (1999), levando-se em consideração o fato de as atividades, como é o caso de *caminhar*, apresentarem limites internos que lhes são inerentes, ao contrário de estados, como *saber*. Isso explicaria o fato de que, no caso de uma eventualidade de *caminhar*, é perfeitamente possível apontar para o início dessa eventualidade, como revela (18a), mas não parece possível apontar da mesma

maneira para o início de uma eventualidade de *saber*, como se observa em (18b). Isso também vale para uma língua como o polonês, como mostram as traduções de (18a) e (18b) para essa língua, respectivamente (19a) e (19b):

(19a) *Zacząłem chodzić z zalecenia lekarza.*

*Começar*<sub>perfec.pas.1pes.sing.masc.</sub> *caminhar*<sub>imperfec.inf.</sub> *por recomendação médico.*

*Comecei a caminhar por recomendação do médico.*

(19b) *??Zacząłem znać prawdę z zalecenia przyjaciela.*

*Começar*<sub>perfec.pas.1pes.sing.masc.</sub> *conhecer*<sub>imperfec.inf.</sub> *verdade por recomendação amigo.*

*??Eu comecei a saber a verdade por recomendação de um amigo.*

Os exemplos em questão de fato parecem reforçar a tese, não apenas da existência, mas também da relevância das classes acionais para o estudo dos fenômenos aspecto-temporais, na medida em que verbos diferentes sofrem determinadas restrições, ainda que ocorram em ambientes estruturais semelhantes. Bertinetto considera que isso ocorre, porque verbos de atividade, como *caminhar* em (18a) e *chodzić*<sup>1</sup> em (19a), distinguem-se de verbos estativos, como *saber* em (18b) e *znać*<sup>1</sup> em (19b), pelo fato de os primeiros serem [+dinâmicos], isto é, apresentarem uma idéia de “progresso no tempo”, ao contrário dos estativos, que são [-dinâmicos], caracterizando-se por possuírem uma estrutura isomórfica, ou seja, a eventualidade denotada por esses verbos, uma vez configurada, não sofre alteração, razão pela qual é perfeitamente possível proferir algo como “*pare de caminhar*”, mas é bem menos natural dizer “*pare de saber*”.

A reflexão acima aponta efetivamente para que se considere a existência das classes aspectuais. Resta então estabelecer qual a relação entre essas classes aspectuais e o aspecto verbal, a outra categoria em discussão. Para tanto, observemos alguns

dados do polonês, como (20a) abaixo, que traz outro verbo de atividade, o verbo *płynąć<sup>I</sup>* (nadar):

(20a) *Zacząłem płynąć z zalecenia doktora.*

*Começar<sub>perfec.pas.1pes.sing.masc.</sub> nadar<sub>imperfec.inf.</sub> por recomendação médico.*

*Comecei a nadar por recomendação do médico.*

(20a) é uma sentença do polonês. Entretanto, não se pode esquecer que, como se viu no capítulo 1, nessa língua existem duas classes de verbos: os perfectivos e os imperfectivos. *Płynąć<sup>I</sup>* é justamente um verbo imperfectivo. Ocorre que, se substituirmos *płynąć<sup>I</sup>* pelo verbo perfectivo *popłynąć<sup>P</sup>*, a sentença se torna agramatical em polonês, como revela (20b):

(20b) *\*Zacząłem popłynąć z zalecenia lekarza.*

*Começar<sub>perfec.pas.1pes.sing.masc.</sub> nadar<sub>perfec.inf.</sub> de recomendação médico.*

*Comecei a PO-nadar por recomendação do médico.*

Como se sabe, somente verbos imperfectivos, e jamais perfectivos, podem seguir “aspectualizadores” como *zacząć<sup>P</sup>* (começar a) e/ou *skończyć<sup>P</sup>* (terminar de) em polonês. Esse exemplo serve aqui para mostrar que, ainda que os verbos *płynąć<sup>I</sup>* e *popłynąć<sup>P</sup>* sejam ambos considerados verbos de atividade, uma vez que têm o mesmo significado, existe uma clara diferença entre eles que, ao que tudo indica, é uma diferença de natureza *aspectual*. Assim sendo, se (18a) e (18b) apontam para que se considere a existência de diferentes classes acionais, na medida em que verbos de classes acionais distintas se comportam de maneira diferente nos mesmos ambientes, a comparação entre (20a) e (20b) indica que, além da acionalidade, há que se considerar também a categoria do aspecto verbal, uma vez que a alteração de valência [ $\pm$ perfectivo] tem influência sobre a gramaticalidade de um dado predicado.

Essa é exatamente a idéia defendida por Bertinetto. Contudo, o autor insiste em diferenciar essas duas categorias relacionando a acionalidade ao léxico e associando o aspecto verbal à gramática. Efetivamente, em Bertinetto (2001, p.184) encontramos a seguinte afirmação: “*Note that Aspect is directly conveyed by the various tenses available within any given language. It is thus a completely independent category with respect to Actionality, considering that the latter is ultimately attached to the lexical meaning of the various predicates. In other words, while Aspect is vehicled by morphosyntactic devices, Actionality is a property of the lexicon*”. Em outras palavras, acionalidade e aspecto verbal são coisas distintas, que operam em diferentes esferas da linguagem – léxico e gramática, respectivamente – e que interagem para construir diferentes leituras aspecto-temporais.

Entretanto, nas línguas eslavas as coisas são bem mais complicadas do que isso. Realmente, como se viu no capítulo 1, em polonês há verbos perfectivos e imperfectivos que derivam uns dos outros, ora por meio de um processo de derivação totalmente idiossincrático e idêntico ao da derivação lexical nessa língua – o caso dos verbos prefixados – ora por meio de sufixação, relativamente regular e previsível, semelhante a algo como a flexão verbal – o caso dos verbos imperfectivos formados com sufixo *-wa* – havendo ainda casos em que os dois verbos do par têm raízes completamente diferentes. Portanto, diante de uma língua como o polonês, que expressa o aspecto verbal por meio de processos tanto derivacionais quanto flexionais – ou então tanto lexicais quanto gramaticais – é um tanto quanto complicado restringir a categoria do aspecto verbal unicamente ao âmbito da gramática, bem como pode gerar alguma confusão a idéia de que a acionalidade, e apenas ela, é uma propriedade do léxico. Se assim for, como tratar, por exemplo, de dados como (21a), (21b)?

(21a) *Wziąłem taksówkę, bo padał deszcz.*

*Pegar<sub>perfec.pas.1pes.sing.masc.</sub> táxi porque caía chuva.*

*Eu peguei um táxi porque estava chovendo.*



(21b) *Bratem taksówkę, kiedy padał deszcz.*

*Pegar*<sub>imperfec.pas.1pes.sing.masc.</sub> *táxi quando caía chuva.*

*Eu pegava um táxi quando chovia.*

Como se vê nessas duas sentenças, o verbo português *pegar* pode, dependendo da situação, corresponder tanto a *wziąć<sup>P</sup>* em (21a), quanto a *brać<sup>I</sup>* em (21b). Tudo leva a crer que a diferença entre esses dois verbos é sim uma diferença aspectual, mas, de certo modo, essa diferença é também lexical em polonês, pois a oposição entre os dois verbos em questão extrapola a simples flexão verbal. De fato, ambos os verbos têm seus próprios paradigmas de conjugação e suas respectivas entradas no dicionário. Além disso, ainda que esse tipo de par, cujos membros são totalmente distintos, ocorra com menos frequência em polonês, não se pode simplesmente ignorá-los, até porque não são tão pouco freqüentes assim, como ilustram os exemplos do quadro 1 abaixo. De qualquer forma, mesmo que os verbos do quadro abaixo possam ser vistos como casos excepcionais, não se pode esquecer que, mesmo que seja possível perceber a existência de relações de derivação na maioria dos pares aspectuais do polonês, esses processos não obedecem a regras claras, sendo, aliás, bastante idiossincráticos.

<b>Verbos imperfectivos ⇒ Verbos perfectivos</b>	<b>Tradução para o português</b>
□ Kłaść ⇒ Położyć	Pôr, colocar
□ Mówić ⇒ Powiedzieć	Falar, dizer
□ Oglądać ⇒ Obejrzeć	Observar, assistir
□ Wchodzić ⇒ Wejść	Entrar
□ Widzieć ⇒ Zobaczyć	Ver
□ Wychodzić ⇒ Wyjść	Sair
□ Znajdować ⇒ Znaleźć	Encontrar

*Quadro 1: Pares aspectuais formados por radicais distintos.*

Assim, se por um lado a distinção entre acionalidade e aspecto verbal, como propõe Bertinetto, pode ser observada em dados de línguas como o português e o polonês, por outro, o âmbito de operação dessas categorias nas línguas parece não estar ainda muito bem definido, pelo menos não numa perspectiva aplicável a diferentes grupos de línguas, já que as línguas eslavas como que mesclam gramática e léxico para expressar o aspecto verbal. Mais à frente, como se verá, o próprio Bertinetto analisa essa questão e propõe uma explicação para esse problema.

### 3.3.2 Exemplos de interação entre acionalidade e aspecto verbal

A expressão do aspecto verbal em polonês parece sinalizar para o fato de que realmente não é possível relacionar, de maneira definitiva, a acionalidade ao léxico e o aspecto verbal à gramática como propõe Bertinetto. Realmente, como visto no capítulo 1, em polonês o aspecto verbal pode ser expresso por meio de diferentes processos, como o acréscimo, ao que tudo indica arbitrário, de prefixos (*czytać<sup>l</sup> ⇒ przeczytać<sup>P</sup> = ler*), o acréscimo de sufixos (*kupić<sup>P</sup> ⇒ kupować<sup>l</sup> = comprar*), alterações morfológicas no sufixo temático do verbo (*odwozić<sup>l</sup> ⇒ odwieźć<sup>P</sup> = levar*), formas totalmente distintas (*brać<sup>l</sup> ⇒ wziąć<sup>P</sup> = pegar, tomar*). Considerando-se a idiosincrasia desses processos, que parecem sobrepor léxico e gramática, seria talvez o caso de nos perguntarmos se a distinção entre aspecto verbal e acionalidade é de fato relevante, ou se não seria apenas, como diz Verkuyl (1999) “*a matter of methodology*” (p. 99) ou “*a matter of strategy*” (p.126). Em outras palavras, essa distinção eventualmente funciona para tratar de dados em determinadas línguas, como o inglês e outras línguas europeias ocidentais, mas talvez não se aplique a línguas de outras famílias, como as eslavas, por exemplo.

Entretanto, há fortes argumentos para que se considere a distinção entre aspecto verbal e acionalidade mesmo nas línguas eslavas. Um deles, por exemplo, é justamente o paradoxo do imperfectivo, mencionado no capítulo dois deste trabalho. Para

Bertinetto, o paradoxo do imperfectivo é, na realidade, uma prova clara de que acionalidade e aspecto verbal são coisas diferentes, que interagem para construir uma determinada leitura aspecto-temporal. Vejamos então como ele trata dessa questão, partindo de um predicado télico como *concluir o trabalho*. Ora, se associarmos a esse predicado uma flexão de pretérito perfeito, um recurso morfossintático para expressar o valor perfectivo, isso resultará, obviamente, numa leitura perfectiva do predicado em questão, o que implica muito freqüentemente em atingir um resultado qualquer. Por outro lado, se a esse mesmo predicado télico for associado um operador imperfectivo, como o progressivo, não se tem a mesma implicação. As sentenças abaixo indicam justamente isso:

(22a) ??*João concluiu o trabalho, mas não concluiu porque teve um ataque do coração.*

(22b) *João estava concluindo o trabalho, mas não concluiu porque teve um ataque do coração.*

Em (22a), o verbo télico *concluir*, acompanhado da flexão de pretérito perfeito, indica que se configurou a existência de um trabalho concluído por João, razão pela qual a sentença soa estranha, na medida em que a subordinada contradiz a oração principal. Isso não ocorre no caso de (22b). Nessa sentença, a telicidade do predicado é considerada, é vislumbrada como uma possibilidade, mas uma determinada situação, o ataque do coração, impede que a eventualidade télica se configure ou, de certo modo, “suspende” essa telicidade. Se assim é, então nesse caso há que se fazer uso do operador imperfectivo – no caso o progressivo – que segundo Bertinetto tem o poder de suspender a telicidade de predicados télicos. Ocorre que (22a) e (22b), se traduzidas para o polonês, apresentam o mesmo fenômeno, como se observa em (22c) e (22d):

(22c) ??*Jan dokończył pracę, ale nie dokończył, bo miał atak serca.*

*João concluir*<sub>perfec.pas.3pes. sing.masc.</sub>, *mas não concluiu porque teve ataque coração.*  
 ??*João concluiu o trabalho, mas não concluiu porque teve um ataque do coração.*

(22d) *Jan dokańczył pracę, ale nie dokończył, bo miał atak serca.*

*João concluir*<sub>imperfec.pas.3pes. sing.masc.</sub>, *mas não concluiu porque teve ataque*  
*coração.*

*João estava concluindo o trabalho, mas não concluiu porque teve um ataque do*  
*coração.*

Como (22c) e (22d) mostram, um predicado télico como *concluir o trabalho* pode ser visto de duas maneiras em polonês: em (22c) com *dokończył<sup>P</sup> pracę*, temos o predicado télico visto como perfectivo, ou seja, considera-se que ele atingiu o seu “telos”, configurando-se, portanto, a existência de um trabalho concluído. Por essa razão, assim como (22a) em português, (22c) soa estranha, já que a sentença subordinada contradiz a sentença principal. Entretanto, em polonês também é possível vislumbrar esse predicado como tendendo a atingir o seu “telos”, para esclarecer em seguida que esse “telos” não foi atingido, no caso em função de um ataque do coração. Em outras palavras, considera-se a existência potencial do “telos” e informa-se que ele não foi alcançado. Para tanto, deve-se bloquear a telicidade do predicado em questão, o que se faz, em polonês, por meio da oposição verbo perfectivo *versus* verbo imperfectivo – como revela o emprego de *dokańczył<sup>I</sup>* em (22d) – enquanto em português isso se faz através do operador progressivo. Por conseguinte, tanto em polonês quanto em português, um mesmo predicado télico pode ser visto tanto como perfectivo quanto como imperfectivo, o que parece indicar no sentido de que acionalidade, isto é, a oposição [ $\pm$ télico] é em certa medida independente da oposição

aspectual [ $\pm$ perfectivo], e que é da interação entre essas duas categorias que resulta determinada leitura aspecto-temporal.

Isso fica ainda mais evidente diante de outros fenômenos observáveis em polonês, como o papel do sufixo *-wa* nessa língua. Pelo exposto no capítulo um, sabe-se que, dentre os inúmeros processos pelos quais se formam verbos perfectivos e imperfectivos em polonês, é possível obter um verbo imperfectivo pelo acréscimo do sufixo *-wa* a certos verbos perfectivos, como ilustram (23a) e (23b):

(23a) *Jan kupił nowy samochód.*

*João comprar<sub>perfec.pas.3pes.masc.sing.</sub> novo carro.*

*João comprou um carro novo.*

(23b) *Ponieważ miał pieniądze, Jan często kupował nowe samochody.*

*Como tinha dinheiro, João frequentemente comprar<sub>perfec.pas.3pes.masc.sing.</sub> novos carros*

*Como tinha dinheiro, João frequentemente comprava carros novos.*

Em (23a) e (23b), a contraparte imperfectiva de *kupić<sup>P</sup>* é obtida pelo acréscimo do sufixo imperfectivizador *-wa* à forma-base, resultando essa operação no verbo *kupować<sup>I</sup>*. Exemplos como esse são relativamente comuns em polonês, como se vê pelo quadro 2 abaixo:

<b>Verbo perfectivo ⇒ Verbo imperfectivo derivado via sufixo <i>-wa</i></b>	<b>Tradução para o português</b>
Dać ⇒ Dawać	Dar
Odczytać ⇒ Odczytywać	Decifrar
Odkryć ⇒ Odkrywać	Descobrir
Otrzymać ⇒ Otrzymywać	Receber
Pokazać ⇒ Pokazywać	Mostrar
Przepisać ⇒ Przepisywać	Transcrever
Rozmyć ⇒ Rozmywać	Dissolver
Wygrać ⇒ Wygrywać	Ganhar

*Quadro 2: Verbos imperfectivos formados via sufixo *-wa*.*

Como se vê pelas sentenças (23a) e (23b), bem como pelo quadro acima, o sufixo *-wa* efetivamente transforma verbos perfectivos em verbos imperfectivos. Um outro olhar mais atento revela que todos os verbos listados no quadro 2 são [+télicos]. Entretanto, esse sufixo também pode ser aplicado a verbos [-télicos], como mostram as sentenças (24a), (24b):

(24a) *Maria była szczęśliwa.*

*Maria ser<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> feliz.*

*Maria foi/era feliz.*

(24b) *Maria rzadko bywała szczęśliwa.*

*Maria freqüentemente ser<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> feliz.*

*Maria raramente estava feliz.*

(24a) apresenta um verbo estativo do polonês, o verbo [-télico] e [-perfectivo] *być*<sup>l</sup> (ser/estar) no passado. Por sua vez, (24b) traz o verbo imperfectivo *bywać*<sup>l</sup>, cuja

tradução para o português é algo equivalente a *ter o hábito* de ser ou estar. Como se vê, portanto, o mesmo sufixo *-wa* tem efeito diferente dependendo da classe acional do verbo ao qual é aplicado. No caso de verbos [+télicos] como *kupować<sup>l</sup>* em (23b) e os demais verbos do quadro 2, a função do sufixo *-wa* é a de marcar a imperfectividade dos verbos em questão. No caso de verbos [-télicos] como *być<sup>l</sup>* – ou também *mieć<sup>l</sup>*  $\Rightarrow$  *miewać<sup>l</sup>* (ter) – a função do sufixo *-wa* não é mais indicar a imperfectividade do verbo-base, pois ele já é imperfectivo, mas sim marcar o valor habitual. Diante disso, parece bastante sensato considerar que acionalidade e aspecto verbal sejam coisas diferentes, pois um mesmo operador imperfectivo – o sufixo *-wa* – tem resultados diferentes conforme a classe acional do verbo ao qual é acrescido.

Além disso, os verbos estativos em geral não possuem uma contraparte perfectiva, ao contrário dos *accomplishments* e dos *achievements*, o que por si só já indica uma diferença, em termos de propriedades lexicais, entre os estados de um lado e as outras classes acionais de outro, na medida em que para os estativos a oposição perfectivo *versus* imperfectivo é neutralizada, mas o mesmo não ocorre com *accomplishments* e *achievements*. Por isso, justamente, é que (24a), na tradução para o português, apresenta tanto a forma do pretérito perfeito *foi*, quanto a do pretérito imperfeito *era*. De fato, em sentenças polonesas como essa, apenas o contexto permite esclarecer qual a maneira de “olhar” para o estado em questão, ao contrário do que ocorre em português.

Também o português apresenta fenômenos interessantes, que remetem à interação entre classe acional e aspecto verbal. Por exemplo, a aplicação de morfologia de pretérito perfeito a diferentes verbos do português brasileiro também tem resultados diferentes, conforme a classe acional desse verbo. Assim, enquanto um verbo de *accomplishment* no pretérito perfeito parece apontar para o ponto final da eventualidade por ele denotada, um estativo no pretérito perfeito tem frequentemente um valor ingressivo, fazendo referência, portanto, ao ponto em que o estado referido se configurou. Isso pode ser observado em sentenças como (25a), (25b) e (25c) abaixo:

(25a) *João pintou um quadro.*

(25b) *?João pintou um quadro, mas ainda não terminou de pintar.*

(25c) *Maria soube de toda a verdade naquele instante.*

(25a) só pode ser considerada verdadeira a partir do momento em que a pintura do quadro é concluída, ou seja, quando João dá a última pincelada e diz ou pensa: “acabei”. Justamente por isso (25b) soa algo estranha. Por sua vez, (25c) aponta para um estado de *saber*, mas, em função da morfologia de perfeito, o estado em questão é visto justamente no momento em que se configura ou, em outros termos, faz-se referência ao momento em que Maria passou de um estado de ignorância para o estado de *saber* da verdade. Assim sendo, em (25a) aponta-se para o ponto final da eventualidade de *pintar um quadro*, mas em (25c) faz-se referência ao momento em que o estado de *saber* teve início. Obviamente, dependendo de outros elementos presentes na sentença, essas leituras podem sofrer alterações, conforme mostram as sentenças já citadas no capítulo dois e aqui reescritas como (26a) e (26b):

(26a) *Como seu time perdeu o jogo, João teve uma dor de estômago que durou o resto da tarde.*

(26b) *Não foi possível falar com ele; João teve dor de estômago a tarde toda.*

Realmente, (26a) revela que o fato de o time ter perdido o jogo deu início à dor de estômago de João, ou seja, esse predicado tem valor ingressivo. Por sua vez, em (26b) o mesmo predicado, *teve dor de estômago*, remete antes à duração dessa situação, sem fornecer nenhuma referência ao seu início.



Toda a reflexão apresentada nessa seção leva, basicamente, a duas conclusões importantes para este trabalho: **a) acionalidade e aspecto verbal efetivamente são coisas distintas, que interagem, seja em português ou em polonês, resultando essa interação em diversas leituras aspecto-temporais e b) em função da interação entre Classe Acional e Aspecto Verbal, o valor aspectual de um dado tempo verbal não pode ser especificado definitivamente.**

Nesse sentido, vale aqui lembrar de De Swart (1998), que trata a relação entre acionalidade e aspecto verbal em termos da dominância da primeira sobre o segundo, baseada na observação de que, em francês, os tempos do passado não desencadeiam nenhum significado aspectual além daquele da classe acional da eventualidade, ou seja, o valor [ $\pm$ télico] de um predicado qualquer vai sempre impor o seu caráter, independentemente do aspecto [ $\pm$ perfectivo] atualizado pelos tempos verbais. Bertinetto, porém, prefere falar em interação entre as duas categorias, e não em domínio de uma sobre a outra, na medida em que se depara com dados como (27a), (27b) e (28):

(27a) *O cartaz dizia: perigo de avalanche.*

(27b) *??O cartaz disse: perigo de avalanche.*

(28) *Leo empunhou a arma; fez-se um enorme silêncio na sala.*

Em (27a) e (27b), percebe-se que a natureza inanimada do sujeito, aliada ao caráter estativo do verbo *dizer*, de certa maneira bloqueiam o emprego do pretérito perfeito *disse*, de modo que a classe acional do predicado parece influenciar na forma aspectual do verbo<sup>29</sup>. Por outro lado, em (28), pode-se considerar que é o caráter

---

<sup>29</sup> Como já havia sido observado no capítulo 2, o contraste entre (27a) e (27b) também pode ser explicado por papel temático.

perfectivo do predicado, veiculado pelo pretérito perfeito, que prevalece sobre a classe acional, uma vez que essa sentença tem uma leitura preferencialmente perfectiva, apesar da natureza [-télica] do verbo *empunhar*. Em função disso, Bertinetto considera mais coerente, pelo menos de um ponto de vista teórico, afirmar que acionalidade e aspecto verbal interagem para produzir os resultados observados, e não que uma categoria necessariamente e sempre impõe sua natureza sobre a outra.

### 3.3.3 A relação entre os valores [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ perfectivo]

Com base nas reflexões feitas até aqui, parece realmente mais vantajoso considerar, ao contrário do que propõe Verkuyl, que a acionalidade e o aspecto verbal sejam duas categorias distintas, já que essa abordagem permite tratar de fenômenos intrigantes, como o paradoxo do imperfectivo, por exemplo, e ainda pode perfeitamente ser aplicada a línguas de diferentes famílias, como o polonês e o português. Admitindo, portanto, a existência dessas duas categorias, há que se tratar ainda da diferença dos valores [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ perfectivo] associados, respectivamente, à acionalidade e ao aspecto verbal.

Para tratar da diferença entre esses valores, é necessário antes de tudo entender que ambos têm algo em comum. Realmente, tanto a perfectividade, que Bertinetto prefere chamar de *terminatividade*, quanto a telicidade, denominada por ele de *delimitação*, referem-se ao ponto final de uma eventualidade qualquer. Contudo, enquanto que no caso da *terminatividade* o ponto final é **EXTERNO** à eventualidade, a *delimitação* apresenta o ponto final como **INTERNO** à eventualidade. Isso significa que a *terminatividade* é determinada pela maneira como o falante “olha” para uma dada eventualidade, considerando-a como realizada em sua totalidade ou não; por sua vez, a *delimitação* depende da natureza semântica do predicado, sendo [+delimitado] aquele predicado cujo ponto final coincide com o conseqüente estado subentendido por eventualidades télicas em leituras perfectivas, quer dizer, para que um predicado

seja considerado [+delimitado], ele deve ser um predicado [+télico], para usar a terminologia tradicional, e, ao mesmo tempo, [+perfectivo], caso contrário ele será um predicado [-delimitado].

Para Bertinetto, então, a delimitação de um predicado implica sua terminatividade – ele precisa ser [+perfectivo] – mas o contrário não, isto é, a terminatividade não acarreta delimitação. Explicando melhor com termos tradicionais: um predicado [+télico] é necessariamente [+perfectivo], mas um predicado retratado pelo falante como [+perfectivo] pode ser [-télico]. Analisemos, então, alguns dados do português e do polonês à luz dessa proposta de Bertinetto, partindo de um predicado [+delimitado], como em (29a):

(29a) *Jan spóźnił się troszkę, ale dojechał do szkoły punktualnie.*

*João atrasou se pouco, mas chegar<sub>perfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> a escola pontualmente*

*João atrasou-se um pouco, mas chegou à escola pontualmente.*

(29a) é, para Bertinetto, um exemplo de predicado [+delimitado], o que implica então em ser também [+terminativo]. De fato, o verbo polonês *dojechał<sup>P</sup>* é perfectivo; semelhantemente, a tradução para o português apresenta o verbo *chegar* no pretérito perfeito do indicativo, um tempo verbal que freqüentemente veicula o aspecto perfectivo em português. Um predicado essencialmente [+delimitado] pode, entretanto, ser descrito pelo falante como tendo um ponto final EXTERNO, sem que seu ponto final INTERNO tenha sido atingido. Nesse caso, o ponto final EXTERNO pode ser desencadeado por uma eventualidade externa ao predicado, causando a suspensão da delimitação – ou telicidade – o que resulta no paradoxo do imperfectivo e conseqüente emprego de operadores imperfectivos, atualizados pelas línguas por meio de diferentes recursos. (29b) traz um exemplo disso:

(29b) *Jan dojeżdżał do szkoły, kiedy uległ wypadkowi.*

*João chegar*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> *a escola quando sofreu acidente.*

*João estava chegando à escola quando sofreu o acidente.*

De fato, (29b) apresenta um predicado [-delimitado], pois embora essa sentença traga um verbo de *achievement*, o uso do verbo imperfectivo *dojeżdżał*<sup>l</sup>, bem como do progressivo em português, tem o poder de bloquear a delimitação (ou telicidade) desse predicado, conforme se falou quando da referência ao paradoxo do imperfectivo.

De qualquer forma, bloquear a delimitação pressupõe considerá-la em alguma medida, quer dizer, para que a sentença (29b) faça sentido, é necessário considerar que em algum mundo possível João efetivamente conseguiria chegar à escola, para que então se esclareça que isso não ocorreu devido ao acidente. Em outras palavras, diante de um predicado como *chegar à escola* em (29b), há que se levar em conta o ponto final INTERNO desse predicado, determinado pela sua natureza semântica, para que então seja possível operar sobre ele, informando que algo EXTERNO à eventualidade por ele denotada ocorreu – no caso, o acidente – interrompendo o seu curso “natural”. Nesse sentido, é perfeitamente plausível considerar que o predicado *chegar à escola* em (29b) é [-delimitado], pois ainda que ele tenha um ponto final que lhe é INTERNO, ele tem a sua delimitação “natural” suspensa pelo “olhar imperfectivo” do falante, o que implica, lingüisticamente, no emprego do progressivo em português, e no uso do verbo imperfectivo *dojeżdżał*<sup>l</sup> em polonês.

### 3.3.4 Convergência entre acionalidade e aspecto verbal no polonês

Até aqui, a abordagem de Bertinetto realmente tem conseguido dar conta de uma série de questões que emergem ao se tratar de certos fenômenos aspecto-temporais observados em línguas como o polonês. Entretanto, no caso dos predicados

[–delimitados], ou [–atélicos], sobretudo os estativos, surgem outras questões intrigantes em polonês. Vejamos quais são elas com base nas sentenças (30a) e (30b):

(30a) *Maria wiedziata, że Jan ją zdradziła.*

*Maria saber<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> que João a traiu.*

*Maria sabia/soube que João a traiu.*

Como a tradução de (30a) revela, o estativo polonês *wiedzieć<sup>I</sup>* (o infinitivo de *wiedziata<sup>I</sup>*) pode corresponder tanto a *sabia* quanto a *soube* em português, conforme o contexto. Por sua vez, em português a oposição entre *sabia/soube* poderia ser explicada em termos de uma referência a um intervalo de tempo aberto, no caso de *sabia*, e uma clara referência ao ponto inicial que configurou o estado de *saber* por parte de Maria, no caso de *soube*. Já em polonês, essa diferença não pode ser expressa pelo verbo *wiedzieć<sup>I</sup>*, na medida em que nessa língua não há a oposição entre um pretérito imperfeito e um pretérito perfeito. A única maneira de expressar esse contraste seria por meio de um outro verbo, derivado de *wiedzieć<sup>I</sup>*, mas com um sentido algo diferente, o verbo *dowiedzieć<sup>P</sup> się* como em (30b) abaixo:

(30b) *Maria dowiedziata się, że Jan ją zdradziła.*

*Maria DO-saber<sub>perfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> se que João a traiu.*

*Maria ficou sabendo que João a traiu.*

Como se vê em (30b), *dowiedzieć<sup>I</sup> się<sup>P</sup>* corresponde a algo como *ficar sabendo* ou ainda *ser informado*, quer dizer, tem um sentido ligeiramente diferente daquele de *wiedzieć<sup>I</sup>* (saber). Além disso, pelos critérios estabelecidos no capítulo 1, *dowiedzieć<sup>P</sup> się* não constitui um par aspectual primário com *wiedzieć<sup>I</sup>*, pois aquele verbo não bloqueia a cadeia derivativa do aspecto verbal em polonês, uma vez que dele obtém-se o verbo imperfectivo *dowiadyc<sup>I</sup> się* (ficar sabendo<sub>imperf.</sub>). Portanto, pode-se

considerar que *saber* em polonês corresponde unicamente a *wiedzieć*<sup>1</sup>, de modo que o contraste presente em (30a), veiculado em português pela oposição *sabia/soube*, não pode ser expresso em polonês, a não ser contextualmente. Parece que é isso mesmo que ocorre com os verbos estativos. Para reforçar essa hipótese, observemos o que nos informam as sentenças (31a) e (31b) abaixo:

(31a) *Karol Wojtyła był w Watykanie, kiedy umarł.*

*Karol Wojtyła był<sub>imperfec.pas.3pes.sing. masc.</sub> em Vaticano quando morreu*

*Karol Wojtyła estava no Vaticano quando morreu.*

(31b) *Karol Wojtyła był w Watykanie przez 26 lat.*

*Karol Wojtyła był<sub>imperfec.pas.3pes.sing. masc.</sub> em Vaticano por 26 anos*

*Karol Wojtyła esteve no Vaticano por 26 anos.*

Mais uma vez, percebe-se que a oposição pretérito imperfeito *versus* pretérito perfeito do português não corresponde a uma oposição em polonês. De fato, as formas *estava/esteve* equivalem, ambas, ao polonês *był*<sup>1</sup>, como mostram as duas sentenças acima. Ao que tudo indica, parece que o polonês neutralizou essa oposição no caso dos verbos estativos. Como explicar esse fenômeno?

Justamente, é levando em conta a distinção entre acionalidade e aspecto verbal, com seus respectivos valores [ $\pm$ delimitado] e [ $\pm$ terminativo], que Bertinetto propõe considerar que algumas línguas, no caso as línguas eslavas, desenvolveram um sistema aspecto-temporal em que, em certos casos, ocorre uma convergência das categorias e valores em questão, o que não ocorre em línguas germânicas e latinas. Segundo ele, diante do sistema aspecto-temporal das línguas eslavas, sobretudo do búlgaro, que além dos verbos perfectivos e imperfectivos, traz ainda uma oposição entre um passado perfeito e um passado imperfeito, apresentando portanto um duplo contraste aspecto-temporal, é possível considerar a possibilidade da existência de uma língua

proto-eslava, cujo sistema aspecto-temporal é tão rico morfologicamente, que é capaz de expressar várias nuances resultantes da interação entre acionalidade e aspecto verbal, conforme o seguinte esquema:

	<b>[+perfectivo]</b>	<b>[-perfectivo]</b>
<b>[+télico]</b>	(a) sim	(b) não
<b>[-télico]</b>	(c) sim	(d) sim

*Quadro 3: Interação entre acionalidade e aspecto verbal por Bertinnetto (2001)*

Numa língua proto-eslava tão específica no que se refere ao domínio aspecto-temporal, a única combinação impossível é (b), como de fato se observou em (29b) acima, aqui transcrita como (32):

(32) *Jan dojeżdżał do szkoły, kiedy uległ wypadkowi.*

*João chegar<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> a escola quando sofreu acidente.*

*João estava chegando à escola quando sofreu o acidente.*

Nessa sentença, o emprego do imperfectivo suspende a telicidade natural do predicado, dando origem a um predicado [-télico]. Em outras palavras, a combinação (b) do quadro acima não existe, pois sempre que um predicado essencialmente [+télico] for visto como [-perfectivo], a telicidade do predicado em questão será cancelada, dando origem ao paradoxo do imperfectivo. As outras três combinações (a), (c) e (d), entretanto, são teoricamente possíveis, e assim parece ser em búlgaro. Para Bertinnetto, no entanto, o que ocorre no polonês e demais línguas eslavas, possivelmente em função de uma tendência à simetria do sistema, é que a combinação (c) acaba sendo igualmente abandonada, restando apenas as combinações (a) e (d), em que os valores [ $\pm$ télico] e [ $\pm$ perfectivo] convergem. Essa hipótese fornece uma explicação para o que acontece com a sentença (30a), reproduzida abaixo como (33),

em que se percebe a neutralização da oposição perfectivo/imperfectivo diante de um predicado estativo e, portanto, atélico:

(33) *Maria wiedziata, że Jan ją zdradziła.*

*Maria saber<sub>imperfec.pas.3pes.sing.fem.</sub> que João a traiu.*

*Maria sabia/soube que João a traiu.*

De fato, em sentenças como (33), o contraste [ $\pm$ perfectivo] não é expresso formalmente em polonês. Isso ocorreria pelo fato de o polonês não dispor de formas lingüísticas específicas para marcar um predicado que seja [-télico] e [+perfectivo], ou seja, em polonês não ocorreria a combinação (c). Se em polonês não ocorrem as combinações (b) e (c), restando apenas (a) e (d), então de fato os valores [+télico] e [+perfectivo] convergem e, em vez de se enfatizarem reciprocamente, acabam como que se tornando redundantes. Assim, é possível que uma língua como o polonês, que não dispõe de uma oposição pretérito perfeito *versus* pretérito imperfeito, tenha compensado sua carência de flexão verbal, refuncionalizando a morfologia que originalmente expressava a acionalidade no sentido de expressar, por meio desta, também o aspecto verbal, dando origem então a um sistema sincrético, em que acionalidade e aspecto verbal acabam estreitamente interligados. Nesse sentido, a confusão entre perfectividade e telicidade – chamada por Bertinetto de “*the Perfective-Telic confusion*” e mencionada no capítulo 2 – parece não ser simplesmente uma confusão teórica, mas corresponder efetivamente à realidade de *algumas* línguas<sup>30</sup>. Essa posição, de certo modo, permite explicar o problema observado anteriormente,

---

<sup>30</sup> Se as duas categorias objeto deste trabalho convergem em polonês, então o leitor poderia se perguntar se isso, de certa forma, não confirma a proposta de Verkuyl apresentada anteriormente. Nesse sentido, é importante observar que, se por um lado Bertinetto efetivamente reconhece que em *algumas* línguas, notadamente as eslavas, pode ocorrer uma sobreposição entre as duas categorias em questão, por outro ele faz questão de ressaltar que não se pode generalizar esse fenômeno a *todas* as línguas.



que consiste em relacionar a acionalidade à esfera do léxico, limitando o aspecto verbal à gramática, pois, se os valores [±télico] e [±perfectivo] convergem, então as duas categorias também podem ser entendidas, numa língua como o polonês, como sobrepostas uma à outra.

Obviamente, as coisas não são tão simples assim, pois a combinação (c) do quadro 3 acima pode ser encontrada em polonês com predicados de atividade. Efetivamente, um predicado [-télico] como *empurrar* pode, em polonês, ser descrito como [+perfectivo], como indicam (34a) e (34b):

(34a) *Jan pchał koszyk i nagle wpadł.*

*João empurrar*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> *carrinho e repentinamente caiu*

*O João estava empurrando o carrinho e de repente caiu.*

(34b) *Jan pchnął koszyk do depozytu.*

*João empurrar*<sub>imperfec.pas.3pes.sing.masc.</sub> *carrinho para depósito*

*O João empurrou o carrinho até o depósito.*

Como se vê, no caso de um predicado de atividade como *empurrar*, o polonês apresenta a oposição entre um verbo de atividade imperfectivo, *pchać<sup>l</sup>*, e um verbo de atividade perfectivo, *pchnąć<sup>P</sup>*, numa oposição, *mutatis mutandis*, equivalente ao contraste *empurrava/empurrou* em português. Diante disso, em vez de dizer que em polonês não ocorre a combinação (c) do quadro 3 acima, ou seja, em vez de afirmar que predicados [-télicos] não podem ser vistos como [+perfectivos], parece mais adequado considerar que o que de fato não ocorre nessa língua é a combinação de **predicados estativos** com o valor **[+perfectivo]** conforme observado em (33).

De qualquer forma, a abordagem de Bertinetto dá conta de explicar a neutralização da oposição aspectual observada, não apenas em (33), mas também em (31a), (31b) e (24a) mais acima. Além disso, a idéia de que acionalidade e aspecto

verbal são efetivamente duas categorias distintas, e que se combinam para produzir determinadas leituras aspecto-temporais, revelou-se adequada para tratar dos dados analisados neste trabalho, tanto no caso do português quanto do polonês, duas línguas bastante diferentes no que se refere ao domínio aspecto-temporal, o que indica ter a abordagem de Bertinetto (2001) um poder explicativo capaz de fornecer respostas satisfatórias para questões que emergem da análise de um sistema aspectual como o do polonês.

### 3.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com este capítulo se pretendeu apresentar uma reflexão sobre a distinção entre *Aktionsart* e aspecto verbal no polonês, justamente o objetivo central a que se propôs este trabalho. Nesse sentido, discutiu-se uma série de dados dessa língua eslava, a partir do diálogo de duas abordagens: a de Verkuyl (1999) e a de Bertinetto (2001). Assim, este capítulo iniciou-se com a apresentação da proposta de Verkuyl, que não considera necessária a distinção entre as duas categorias em questão. Seguiram-se algumas reflexões quanto a essa posição, como por exemplo o papel que têm os prefixos na determinação do valor [+perfectivo], concluindo-se que a abordagem composicional de Verkuyl, embora dê conta de explicar uma série de fenômenos relacionados ao aspecto verbal em polonês, também deixa algumas questões sem resposta, como é o caso da diferença entre *przeczytać<sup>P</sup>* (ler, do início ao fim) e *poczytać<sup>P</sup>* (dar uma lida). Em seguida, discutiu-se a abordagem de Bertinetto (2001), que defende a distinção entre *Aktionsart*, ou acionalidade, e aspecto verbal. Apresentaram-se então evidências da necessidade de se considerar a distinção em questão em polonês, bem como puderam ser observados alguns casos de interação entre as duas categorias-tema deste trabalho. Refletiu-se igualmente sobre os valores [±télico] e [±perfectivo], associados, respectivamente, à *Aktionsart* e ao aspecto verbal. Toda essa discussão em torno da proposta de Bertinetto (2001) permitiu

apresentar evidências de que realmente é necessário considerar a distinção entre as duas categorias em questão, bem como foi possível reforçar a tese desse autor, que consiste em afirmar que, em algumas línguas, como parece ser o caso do polonês, a *Aktionsart* e o aspecto verbal podem convergir.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma exposição do sistema aspecto-temporal de uma língua eslava como o polonês, este trabalho apresentou uma reflexão sobre duas categorias associadas ao domínio aspecto-temporal: a *Aktionsart* e o aspecto verbal. Esta reflexão consistiu basicamente em indagar quanto à necessidade de se considerar a distinção dessas duas categorias, sobretudo diante de um sistema aspectual como o eslavo, que se articula em torno de uma oposição entre verbos perfectivos e verbos imperfectivos. Como este estudo se desenvolveu a partir do sistema aspectual do polonês, o primeiro capítulo deste trabalho apresentou o sistema verbal desta língua, de modo simplificado e intencionalmente didático. A opção por uma descrição mais didática se justificou, àquela altura, pelo fato de que o objetivo que se perseguia então era o de fornecer ao leitor um *background* mínimo para a reflexão apresentada posteriormente no capítulo 3. De qualquer forma, no que se refere ao conteúdo, a descrição ali apresentada se aproxima bastante daquela feita por Filip (1999)<sup>31</sup>, que traz informações sobre o tcheco, outra língua eslava.

Em função do objetivo central a que este estudo se propôs, o percurso seguido ao longo do trabalho fez emergir uma série de questões interessantes que poderiam eventualmente ser retomadas para posterior discussão, uma delas aparece justamente no primeiro capítulo, a partir do “diálogo” entre a descrição do polonês ali apresentada com aquela de Filip (1999) para o tcheco. De fato, neste trabalho considerou-se a existência de “pares aspectuais” em polonês e nas línguas eslavas em geral. Por “par aspectual”, entendem-se dois verbos que aparentemente têm o mesmo significado, mas que se distinguem por uma oposição aspectual, isto é, diferem com relação ao valor [ $\pm$ perfectivo], e derivam um do outro por meio de determinados processos morfológicos. Como se viu no capítulo 1, Filip não considera a existência destes

---

<sup>31</sup> FILIP, H. *Aspect, Eventuality Types and Noun Phrase Semantics*. New York: Garland Publishing, 1999. (p. 175-224)

“pares aspectuais”. Para ela, a aplicação de prefixos a verbos-base imperfectivos engendra, além da alteração de valência [ $\pm$ perfectivo], também alterações de significado. Ao fim do capítulo 1, apresentaram-se então alguns argumentos contrários à posição de Filip e, portanto, em defesa da existência dos “pares aspectuais”. O primeiro destes argumentos consistiu em observar que, em polonês, os verbos perfectivos e imperfectivos distribuem-se de modo a compensar a relativa pobreza de distinções temporais desta língua. Entre outras coisas, isto significa que verbos perfectivos e imperfectivos no passado expressam, nos contextos apropriados, um contraste equivalente à oposição pretérito perfeito *versus* pretérito imperfeito em português, ou seja, enquanto o português se serve de uma oposição temporal para apresentar “*different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation*”, o polonês aparentemente obtém resultados semelhantes por meio da oposição entre verbos perfectivos e verbos imperfectivos.

Além disso, embora Filip (1999, p. 193) afirme que o bloqueio da cadeia derivativa<sup>32</sup> não seja evidência suficiente para se considerar a existência dos “pares aspectuais”, a autora reconhece que verbos imperfectivos derivados via sufixação são “*uncontroversial aspectual pairs*” (Filip, 1999, p. 193), não discutindo outros processos de obtenção destes “pares”, como casos do tipo *skakać<sup>I</sup> ⇒ skoczyć<sup>P</sup>* (saltar), *przyjechać<sup>P</sup> ⇒ przyjeżdżać<sup>I</sup>* (chegar), *brać<sup>I</sup> ⇒ wziąć<sup>P</sup>* (pegar), etc., pelo que se considerou, neste trabalho, que a argumentação da autora não apresenta elementos suficientes para que se abandone a noção de “par aspectual”. De qualquer forma, o capítulo 1 contribuiu para levantar esta questão, que obviamente necessita ser investigada com maior profundidade.

Este trabalho também reforçou a tese de que o polonês efetivamente apresenta duas “classes” de verbos, os imperfectivos e os perfectivos. Mais do que isso, se no primeiro capítulo essa terminologia foi considerada possivelmente imprópria, as contribuições de Bertinetto (2001) para este trabalho parecem indicar que tal

---

<sup>32</sup> Vide capítulo 1, página 35, quadro 9.

terminologia não é de todo incorreta, pois se considerarmos que a *Aktionsart* e o aspecto verbal de fato convergem em polonês, como propõe Bertinetto, então é possível atribuir a um verbo não apenas os valores [ $\pm$ télico], mas também os valores [ $\pm$ perfectivo]. Realmente, Bertinetto (2001, p. 203) observa o seguinte quanto a essa terminologia:

*“It should be stressed that the terminology traditionally employed to designate the members of verbal pairs in the Slavonic languages (‘perfective’ / ‘imperfective’) is a frequent source of confusion, for the same terms are also used with reference to the two major aspectual values. Actually, as I am going to show, this terminological merge is not unjustified in a language like Russian, characterized by and large by a pervasive actional-aspectual synchretism”.*

Embora Bertinetto refira-se ao russo, o mesmo vale para o polonês, dada a semelhança entre essas duas línguas. Ainda quanto às línguas eslavas, também se argumentou, neste trabalho, que não se pode associar, necessariamente, a prefixação verbal ao valor perfectivo, nem o valor perfectivo de um dado verbo à presença de um prefixo, uma vez que há inúmeros verbos prefixados que são imperfectivos, bem como verbos perfectivos sem prefixo algum. Os critérios para se identificar os verbos perfectivos e imperfectivos são outros, como mostra o quadro 4 do capítulo 1 à página 25.

Uma outra questão levantada neste estudo diz respeito aos meios pelos quais o polonês expressa o aspecto verbal. Viu-se que esta língua faz uso tanto de processos flexionais, como é o caso do sufixo imperfectivizador *-wa*, quanto derivacionais, como ocorre com verbos perfectivos derivados via prefixação. Em razão disso, observou-se, no capítulo 2, que a distinção aspectual eslava apresenta o que Spencer (1991, p. 197) considera como um exemplo de “fusão” entre flexão e derivação, razão pela qual talvez a distinção entre flexão e derivação não se aplique para tratar do aspecto verbal

em polonês. Semelhantemente, a relação estreita que se estabelece entre aspecto lexical e seu “veículo” de expressão, a *Aktionsart* do verbo, ou entre aspecto gramatical e morfologia verbal, não se aplica necessariamente ao polonês, uma vez que, nessa língua, há fortes elementos para se considerar que as duas categorias em questão e seus respectivos valores convergem, como propõe Bertinetto (2001).

Uma outra questão que emerge das discussões apresentadas neste trabalho é o caso dos verbos do tipo *poczytać* (ler um pouco, dar uma lida), que compartilham características tanto com os verbos perfectivos quanto com os imperfectivos. De fato, estes verbos são considerados perfectivos, uma vez que não podem seguir aspectualizadores do tipo *começar a*, ou então porque, com desinências número-pessoais de um tempo não-passado, eles expressam eventualidades que ocorrerão após o momento de fala. Contudo, estes verbos podem tranquilamente ser usados com adjuntos adverbiais de duração, como *por x tempo*, o que não é possível no caso de outros verbos perfectivos. Ocorrências de *poczytać*, aliás, serviram no capítulo 3 para argumentar contra a posição de Verkuyl (1999), que propõe não considerar a distinção entre *Aktionsart* e aspecto verbal. Naquela altura, observou-se que um verbo como *poczytać* (ler um pouco, dar uma lida) distingue-se claramente de um verbo como *przeczytać* (ler do início ao fim), e que talvez uma maneira de tratar esta diferença seja considerando que embora ambos os verbos sejam télicos, apenas o segundo é perfectivo, já que *poczytać* tem uma natureza híbrida. De fato, a existência deste tipo de verbo em polonês parece ser um indício de que, ao contrário do que propõe Verkuyl, há a necessidade de se considerar a distinção entre *Aktionsart* e aspecto verbal.

Realmente, Verkuyl (2005) permanece insistindo na idéia de que o aspecto lexical não existe em razão de não ser possível admitir que o verbo sozinho determine a *Aktionsart*, já que este verbo é sempre considerado levando-se em conta os seus argumentos, mas ele reconhece a existência do aspecto predicacional, bem como admite haver fortes argumentos empíricos a favor da hipótese de que telicidade e

perfectividade sejam coisas distintas. De fato, Verkuyl parece rever sua posição, defendendo afinal a tese de que é possível sim distinguir aspecto predicacional e aspecto gramatical, propondo que se considerem dois tipos de “completude”, associando cada um deles aos dois níveis em questão, o predicacional e o gramatical. Estes dois tipos de “completude” se relacionariam com os sistemas temporais das línguas de diferentes maneiras, mas com base em princípios combinatórios semelhantes.

Esta revisão de Verkuyl com relação à questão-tema deste trabalho reforça ainda mais a hipótese de que de fato a distinção entre *Aktionsart* e aspecto verbal é importante e necessária para tratar mais adequadamente de problemas relacionados ao domínio aspecto-temporal. Por sua vez, a proposta de Bertinetto (2001), que parte justamente da idéia de que essa distinção é fundamental, apresenta evidências de que essas duas categorias convergem em polonês, sendo uma dessas evidências o fato de que verbos estativos, que são essencialmente [-télicos], não podem ser formalmente retratados como [+perfectivos] nessa língua eslava, ao contrário do que ocorre em português.

Baseando-se no fenômeno mencionado acima e admitindo a existência da *Aktionsart* e do aspecto verbal como duas categorias independentes, pode-se efetivamente propor que essas duas categorias interagem para construir determinadas interpretações aspecto-temporais e que, em algumas línguas como o polonês, elas também podem convergir. Esta convergência, aliás, poderia ser analisada em maior profundidade no caso dos verbos de atividade, pois embora se tenha observado, no capítulo 3, que verbos de atividade, que também são [-télicos], podem ser retratados como [+perfectivos] em polonês, estes verbos se comportam de maneira algo diferente dos verbos de *accomplishment* e de *achievement*. Ao que parece, no tempo passado em polonês, o “olhar” perfectivo sobre atividades também pode ser “marcado” pelo contexto ou, melhor dizendo, embora a língua disponha de marcas morfológicas para retratar formalmente as atividades como sendo [+perfectivas], às vezes as marcas



morfológicas desse “olhar perfectivo” simplesmente não aparecem, cabendo ao contexto ou a outros elementos da sentença o papel de indicar a perfectividade do predicado. Assim sendo, uma análise que se propusesse a investigar como se comportam os verbos de atividade em polonês à luz da proposta de Bertinetto (2001) certamente contribuiria para os estudos aspectuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRELL, S. **Aspektänderung und Aktionsartbildung beim polnischen Zeitworte: Ein Beitrag zum Studium der indogermanischen Präverbia und ihrer Bedeutungsfunktionen.** Lund: Lunds Universitets Arsskrift, new series, I, iv.2, 1908.

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa.** 39ª. ed.. São Paulo: Saraiva. 1994. p. 302-304.

BACH, E. **The Algebra of events.** Linguistics and Philosophy v. 9, 1986. p. 5 – 16.

BERTINETTO, P. M. On a Frequent Misunderstanding in the Temporal-Aspectual Domain: The ‘Perfective-Telic Confusion’. In: CECHETTO, C. et al. (org.). **Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect.** Standford, Califórnia: CSLI Publications, 2001. p. 117-210.

BINNICK, R. I. **Time and Verb: a Guide to Tense and Aspect.** New York: Oxford University Press, 1991. p.137

BONDARKO, A. **Grammaticeskaja kategorija i kontekst.** Leningrado: 1971. p. 8.

CASTILHO, A. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.** Marília: 1968. 133 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de São Paulo.

COCKIEWICZ, W., ZWOLSKI, H. **Aspekt czasowników polskich w nauczaniu Anglofonów.** Kraków: Uniwersytet Jagielloński, 1982. 171 p.

COCKIEWICZ, W. **Aspekt na tle systemu słowotwórczego polskiego czasownika i jego funkcyjne odpowiedniki w języku niemieckim.** Kraków: Uniwersytet Jagielloński, 1992. 145 p.

COCKIEWICZ, W., MATLAK, A. **Strukturalny Słownik Aspektowy Czasowników Polskich.** Kraków: Uniwersytet Jagielloński, 1995. 121 p.

COMRIE, B. **Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems.** London: Cambridge University Press, 1976. 142 p.

DAHL, Ö. **Tense and Aspect Systems.** London: - New York: Basil Blackwell, 1985. p. 19.

DĄBROWSKA, A. **Język polski.** Wrocław: Wydawnictwo Dolnośląskie, 1999. p. 12.

DOWTY, D. R. **Word Meaning and Montague Grammar.** Dordrecht: D. Reidel, 1979. 415 p.

DOWTY, D. R. **The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics?** *Linguistics and Philosophy* v. 9, 1986. p. 37 – 61.

FILIP, H. **Aspect, Eventuality Types and Noun Phrase Semantics.** New York: Garland Publishing, 1999. 307

FILIP, H. **The Quantization puzzle.** In: PUSTEJOVSKY, J., TENNY C. (ed.). **Events as grammatical objects.** Stanford: CSLI, 2000. p. 39 – 93.

FORSYTH, J. **A Grammar of Aspect. Usage and Meaning in the Russian Verb.** Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 1, 350.

GARNCAREK, P. **Czas na czasownik.** Kraków: UNIVERSITAS, 2002. 221 p.

GODOI, E. **Aspectos do aspecto.** Campinas: 1992. 304 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

HINRICHS, E. **A Compositional Semantics for Aktionsarten and NP Reference in English.** Ohio: 1985. Tese (Ph.D.) – Ohio State University.

HOEPELMAN, J. Ph. The Analysis of Activity Verbs in a Montague-type Grammar. In: GUENTHNER, F., ROHRER, Ch. (ed.). **Studies in Formal Semantics.** Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1978. p. 85.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português.** São Paulo: Contexto, 1997. 85 p.

ISACENKO, A. V. **Die russische Sprache der Gegenwart, Part I, Formenlehre.** Halle (Saale): Niemeyer, 1962. p.385-418.

JAKOBSON, R. **Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre: Gesamtbedeutung der russischen Kasus.** Selected Readings, vol. 2. The Hague-Paris: Word and Language, 1936. p. 71.

KALETA, Z. **Gramatyka Języka Polskiego dla Cudzoziemców.** Kraków: Uniwersytet Jagielloński, 1995. p. 265 – 342.

KENY, A. **Action, Emotion and Will**. London: Routledge and K. Paul; New York: Humanities Press. 1963.

KRIFKA, M. Nominal reference, temporal constitution and quantification in event semantics. In BENTHEM, B. R. J. V. and BOAS, P. V. E., (eds.). **Semantics and Contextual Expressions**. Dordrecht: Foris. 1989.

KRIFKA, M. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In : SAG, I. and SZABOLCSI, A., (eds.). **Lexical Matters**. Stanford, Calif.: Center for the Study of Language and Information CSLI. 1992.

MATEUS, M. H. M. et al.. **Gramática da Língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983. 568 p.

MASLOV, J. S. Glagol'nyj vid v sovremennom bolgarskom literaturnom jazyke (znacenie i upotrebenie). In: BERNSTEJN, S. B. (Ed.). **Voprosy grammatiki bolgarskogo literaturnogo jazyka**. Moscow: Izd-vo AN SSSR, 1959. p. 157-312.

NAGÓRKO, A. **Zarys gramatyki polskiej**. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 1998. p. 88.

RAMCHAND, G. C. **Aspect and Predication: the semantics of argument structure**. Oxford: Clarendon Press, 1997. 249 p.

ROTHSTEIN, S. **Structuring Events: a Study in the Semantics of Lexical Aspect**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. 206 p.

RYLE, G. **The concept of Mind**. London: Barnes and Nobles. 1949.

SALONI, Zygmunt. **Czasownik polski**. Warszawa: Wiedza Powszechna, 2001. 256 p.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht: Kluwer, 1991.

SPENCER, A. **Morphological Theory. An Introduction to Word Structure in Generative Grammar**. Oxford, Cambridge (Mass.): Basil Blackwell, 1991. p. 196.

de SWART, H. **Aspect shift and coercion**. *Natural Language and Linguistic Theory* 16: 347-385. 1998.

TENNY, C. **Grammaticalization Aspect and Affectedness**. Cambridge, MA: 1987. Tese (PhD.) – MIT.

TENNY, C. **Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface**. Dordrecht: Kluwer. 1994.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Ed. revisada. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985. 352 p.

VAN VALIN, R. **Semantic Parameters of Split Intransitivity**. *Language* 22, p. 221-260. 1990.

VENDLER, Z. **Verbs and Times**. *Philosophical Review* LXVI: p.143-160. 1957.

VENDLER, Z. **Linguistic in Philosophy**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967. p. 97 – 121.

VERKUYL, H. J. **On the Compositional Nature of the Aspects**. Dordrecht: Kluver, 1972.

VERKUYL, H. J. **A Theory of Aspectuality**. Cambridge: Cambridge University Press. 1993. 392 p.

VERKUYL, H. J. **Aspectual Issues: studies on time and quantity**. Stanford: CSLI Publications. 1999. 266 p.

VERKUYL, H. J. How (in-)sensitive is tense to aspectual information? In: HOLLEBRANDSE, B., Van HOUT, A., Co Vet (ed.). **Crosslinguistic views on Tense, Aspect and Modality**. Amsterdam – New York: Rodopi, 2005. p. 145-169.

WACHOWICZ, T. C. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. São Paulo: 2003. 221 p.

WIERZBICKA, A. On the Semantics of the Verbal Aspect in Polish. In: **To Honour Roman Jakobson. Essays on the Occasion of his Seventieth Birthday**. The Hague: Mouton. p. 2231-2249. 1967.

ZAENEN, A. Unnacusativity in Dutch: integrating syntax and lexical semantics. PUSTEJOVSKY, J. (ed.). **Semantics and the lexicon**. Dordrecht: Kluver, 1993.